

IX- ANEXOS

Resolvi transcrever integralmente os contos aos quais fiz referências, para evitar que alguns leitores desta dissertação possam ter o mesmo sentimento de frustração que me tomou ao ler Morfologia do Conto Maravilhoso (PROPP, Vladimir I.) e também Psicanálise dos Contos de Fadas (BETTELHEIM, Bruno), por não encontrar no próprio livro os contos aos quais se referem os autores. (No caso de “Morfologia”, seria difícil que constassem todos, mas ao menos poderia haver alguns exemplos...) O mesmo não acontece em O que conta o conto? (BONAVENTURE, Jette); adotei esta idéia. Além disso, considero que os contos em si podem esclarecer muitas coisas aos leitores, por funcionarem como exemplos do que foi exposto.

ANEXO 1: O gato, o mago e o príncipe (Andrea A. Botelho)

Eram sete vezes um gato. (Sete vezes porque, como vocês sabem, os gatos têm sete vidas.) Acontece que este gato era muito especial. Não por ser raro ou por ter pêlos de ouro: aparentemente, era muito parecido com qualquer um desses vira-latas que, em noites de gata no cio, se esquecem de que não têm nenhuma nenhuma vocação para tenores... E aí, aí dos nossos ouvidos!

Mas voltemos ao nosso gato. Como dizia, se parecia com qualquer gato, inclusive com aquele olhar de quem está entendendo tudo. Só que com uma diferença: ele REALMENTE estava SEMPRE entendendo ABSOLUTAMENTE tudo. Porque ele não era um gato qualquer: era um gato-mago.

Os gatos-magos são aqueles que acompanham os magos. Já houve quem dissesse que somente os bruxos têm gatos, que são animais sombrios, ajudantes nas bruxarias. Mas isso não é verdade.

Os gatos-magos são úteis aos magos porque, além de lhes fazerem companhia nas noites passadas em claro, à luz da lua, eles são seres que reúnem capacidades animais e mágicas. Como já disse, e assim como os magos, estes gatos entendem e sabem tudo. Por outro lado, têm seu instinto felino muito bem preservado - são animais e conhecem os segredos dos animais. Por isso, podem penetrar profundamente nas florestas em busca de matéria-prima para as poções mágicas.

Pois bem; o gato de nossa história se chamava Tono e o mago que ele acompanhava era conhecido como Cosmo. Eles moravam bem no bico da bota da Itália, há muitos e muitos e muitos anos.

É claro que, como todo bom mago, Cosmo era conselheiro de um príncipe. Só que esse príncipe era um rapazola muito atrevido, mal saído da adolescência. Gostava muito de contar piadas, fazer brincadeiras (às vezes na hora errada) e pregar peças nos outros. Para isso, ele às vezes dava uma “afanadinha” numa magia qualquer e saía por aí aprontando. É claro que o mago e o gato sabiam disso, pois sabiam de tudo; mas não impediam as travessuras do príncipe porque também sabiam que ele nunca fazia nada de má intenção e que suas brincadeiras sempre terminavam em muita risada.

Uma vez, por exemplo, ele afanou um pouco de poção da invisibilidade e foi para a cozinha. Ficou bem pertinho da gansa que ia ser preparada para o jantar e, quando a cozinheira foi apanhá-la para destroncar seu pescoço, ele disse:

- Oh, nobre dama, tende piedade de uma pobre gansa! Eu ainda tenho meus gansinhos pra criar!

A cozinheira levou um susto tão grande que seus cabelos ficaram em pé durante cinco minutos e durante esses cinco minutos ela não conseguia falar - só apontava para a gansa, com uns olhões do tamanho de uns pires. As outras pessoas que estavam na cozinha não tinham ouvido nada e ficaram surpresas ao ver a cara da cozinheira, todos apertando a boca pra não rir na cara dela. O detalhe é que essa cozinheira era daquele tipo antipático que responde a um bom dia com uma rosnada.

- Bom dia, dona cozinheira!

- Bom dia? Com tudo isso de serviço, como pode ser um bom dia?

E assim, o príncipe vivia aprontando as suas.

Um dia, porém, ele confundiu os frascos de poção e, em vez de tomar a da “invisibilidade” (essa era a sua magia preferida), tomou a do “riso debochado ininterrupto”. Sem perceber que não tinha ficado invisível, o príncipe foi para a floresta, a fim de assistir a um banho das fadas. Conta-se que as fadas não admitem a presença de humanos em seus banhos. Ficam profundamente irritadas se o observador indesejado insiste em persegui-las quando mudam de lugar para fugir a seus olhos curiosos.

O príncipe só conseguia ficar olhando quando estava invisível, mas... Desta vez, não estava. Foi chegando tranqüilamente pertinho do rio, quando de repente percebeu que as fadas rapidamente tinham mudado de lugar. Estranhou um pouco, mas foi atrás; elas mudaram, foi atrás; elas mudaram, até que...

- Quem você pensa que é pra ficar nos perseguindo? - gritou a fada-rainha, com os olhos soltando faíscas vermelhas.

Neste momento, a poção do “riso debochado ininterrupto” começou a fazer efeito e o nosso príncipe caiu numa sonora gargalhada.

- O que está acontecendo? - esbravejou a fada, cuspidando fogo. - Como ousa rir assim da minha cara?

- Rá-rá-rá! Rá-rá-rá-rá!

E quanto mais a fada berrava, mais ele ria, e mais ela berrava e mais ele ria, até que de repente a fada, sentindo-se totalmente impotente e desmoralizada diante daquele riso escrachado, começou a chorar feito um bebê. Suas lágrimas eram tantas que o rio começou a transbordar. E ela não parava de chorar, e ele não parava de rir. A barulheira foi tanta que toda a floresta ficou em estado de alerta e o rei dos elfos foi chamado às pressas. Alarmado, voou como um azougue na direção dos risos e berros e ficou absolutamente enraivecido com a cena que viu: sua amada, sua linda e adorada rainha se estrebuchando enquanto um engraçadinho metido a besta ria da cara dela. Ele já ia partir pra cima do príncipe, quando este deu o seu último “rá-rá”:

- Rá-rá... Ufa! Acabou!

- Acabou o que, seu idiota?!- perguntou o elfo, totalmente irado.

- Acabou a risada. Calma, eu explico. Acho que fui enfeitiçado...

- Ah, é? Ah, é? Agora vem com esse papo de feitiço, pensa que vai colar? Agora que já riu tudo o que queria da minha pobre rainha, vem com essa?

- Mas eu juro que não queria rir! - replicou o príncipe.

- Agora já riu! Olha só o que você fez! Isso aqui está tudo alagado, o rio transbordando! Você é um irresponsável! Você deve ter andado roubando magias, não é, seu moleque? O que é? Pensa que pode ficar olhando a minha mulher no banho? Hein? Pois nós vamos resolver isso lutando!

O elfo avançou na direção do príncipe que, assustado, implorou:

- Por favor, não! Está bem, resolveremos lutando. Mas me dê sete dias para me preparar. Lutaremos neste exato local; se eu vencer, estaremos em paz e não exigirei nada de você. Sua honra e de sua rainha já terá sido lavada na luta. Porém, se você vencer, serei seu servo e prisioneiro!

Feito o acordo, o príncipe voltou para o castelo, muito preocupado. Como contar a Cosmo e Tono sobre o acontecido? É que tinha se esquecido: eles já sabiam. Quando entrou nos aposentos do mago, este olhou-o com gravidade e disse:

- Agora você tem de se preparar, meu príncipe. Não pode se tornar um prisioneiro dos seres da floresta. Seu pai já está velho; logo você terá de governar. Não pode deixar seu povo sem um rei.

- Cosmo, estou desesperado... Será que tenho alguma chance?

- Para vencer, é preciso que você seja sábio e paciente.

- Como?

- A sabedoria vem com a paciência. E a paciência, com a sabedoria.

Nos sete dias que o príncipe tinha para se preparar, ele meditou, praticou tiro ao alvo e esgrima, muita esgrima, andou a cavalo, nadou. Fez uma dieta muito rigorosa e balanceada preparada pelo mago e leu muitas histórias sobre fadas e elfos... E foi aí que ele descobriu. Descobriu algo que nem mesmo as fadas e os elfos sabiam: que o fraco deles eram os gatos-magos. E foi falar com Tono.

- Tono, vou precisar da sua ajuda.

- Eu sei. - respondeu o gato, com os olhos. Porque ele falava com os olhos.

- Ora, Tono, mas se você sabia, por que não me disse antes?

- Eu sabia, meu príncipe, mas você tinha de descobrir sozinho.

Faltavam somente algumas horas para a luta começar e o príncipe estava muito nervoso. Queria que Tono fosse com ele, mas não conseguiu persuadi-lo:

- Vamos, Tono, por que tem de me deixar ir só? Por que não vem comigo e já intimidamos aqueles baixinhos de uma vez?

- Calma. - "olhou" o gato. - E não subestime o elfo. Respeite-o.

- E você, Cosmo? Vai vir comigo ou também vai me abandonar?

- Eu nunca vou abandonar você, meu príncipe. Mas lembre-se: você tem de ser sábio. Se bancar o bobo, nem eu nem o gato poderemos salvá-lo.

- Mas como, ser sábio?!

- Ouça-se, querido príncipe; ouça-se. Você se preparou. Vá em frente.

- O quê? Não vem comigo?

- Tem de ir só.

O príncipe embrenhou-se na floresta, com o coração a mil. "Ser sábio, ser sábio" - ia pensando. "Será que saberei ser sábio?"

Chegou à beira do rio. Passaram-se alguns minutos, que lhe pareceram longas horas, e ninguém chegava. O príncipe ouvia todos os ruídos da floresta, que começaram a lhe parecer assustadores. "Seja sábio" - ele lembrou-se, e percebeu que o ruído mais forte era aquele que vinha das batidas do seu coração. Concentrou-se nelas, afastando-se do medo.

Súbito, surgiu o elfo. Cumpridas as formalidade "cavalheirescas", iniciariam a luta.

"E esse gato, que não aparece?" - pensava o príncipe, apreensivo. "Seja sábio" - lembrou-se. E preparou-se para lutar com suas próprias forças.

A luta foi difícil. Já fazia duas horas que estavam lutando, sem que qualquer dos dois fosse subjugado, quando apareceu o gato.

Os dois interromperam a luta e o elfo, sem apresentar qualquer sinal de apreensão, cumprimentou-o cordialmente.

- Boa tarde, senhor gato-mago Tono, companheiro do senhor mago Cosmo. Vejo que seu príncipe luta bravamente. Basta, estamos em paz.

Voltou-se para o príncipe:

- Não me lembro mais por que estávamos lutando, mas é um bravo lutador. Seja feliz.

Fez uma reverência e desapareceu na floresta. O príncipe olhou para Tono estarecido. E foi então que ele explicou, "olhando", que tinha o poder de fazer esquecer.

O príncipe tornou-se rei e foi um governante sábio e querido por muitos e muitos anos. Mas o que pouca gente sabe é que ele continuou aprontando com as magias. Só que o mago Cosmo sugeriu a Tono que ficasse sempre junto dele, para evitar trapalhadas.

Uma das magias que ele mais gostava de roubar era a de viajar no tempo e brincar nos sonhos das pessoas. Sabe quando a gente acorda bem disposta, depois de ter dormido muito bem, e tem aquela sensação esquisita de "sei que sonhei alguma coisa muito boa, mas não lembro o quê"? Pois foi esse rei que brincou com a gente no sonho. Depois o gato nos fez esquecer.

ANEXO 2: “A guerra entre o mundo das fadas e o mundo dos homens”
(PRIETO, HELOÍSA - Magos, fadas e bruxas: quase tudo o que você queria saber, p. 44-47)

Havia em um antigo reino uma belíssima jovem chamada Etaine. Todos os dias ela caminhava até um lago onde costumava nadar. Ela se casara muito jovem, por decisão de seu pai, e amava o marido como se fosse um irmão.

Naquele lago morava um elfo. Seu nome era Midhir e, devido a sua astúcia, inteligência e beleza, fora coroado o rei das fadas e elfos. Quando Midhir viu Etaine pela primeira vez, apaixonou-se imediatamente. Decidiu que a conquistaria à noite, quando era mais poderoso, entrando silenciosamente em seus sonhos.

Assim que sonhou com Midhir a jovem apaixonou-se também. Finalmente o elfo apareceu diante de Etaine e pediu a ela que se casasse com ele. A jovem respondeu que só aceitaria se o marido consentisse em se separar. Midhir sabia que o jovem humano jamais concordaria com o rompimento e arquitetou um plano. No dia seguinte foi ao castelo encontrar-se com o marido de Etaine.

- Quem é você? - perguntou o jovem ao elfo.

- Sou Midhir; o rei dos elfos - ele disse. - Vim até aqui porque soube que é um bom jogador de xadrez e quero desafiá-lo para uma partida.

Curioso, o rapaz aceitou o desafio e quis saber qual seria o prêmio para o ganhador.

- Cinquenta cavalos! - respondeu o elfo.

Começaram a jogar imediatamente. Midhir foi derrotado pelo jovem e o desafiou para uma segunda partida. O prêmio seria mais alto: cinquenta navios. E, mais uma vez, o jovem venceu.

Entusiasmado com as duas vitórias, o rapaz, rindo, desafiou o elfo para uma última partida. Midhir concordou, mas disse em alto e bom som:

- O vencedor dessa partida terá o que bem desejar.

Certo de uma terceira vitória, o rapaz

aceitou a proposta. Dessa vez, porém, o elfo deixou de fingir que jogava mal e venceu.

Então, colocou os braços em torno de Etaine e anunciou:

- Agora, é preciso que você satisfaça o meu desejo. Quero a sua mulher, Etaine. Ela deve se casar comigo.

Percebendo que fora enganado, o rapaz ficou furioso. Mas era um líder. Não poderia quebrar uma promessa. Declarou que, depois de um mês, entregaria a jovem ao elfo.

Quando Midhir voltou ao castelo na data combinada, encontrou Etaine cercada por centenas de guerreiros. Ele os observou cuidadosamente. Em seguida, levantando vôo, passou por todos e tomou a jovem nos braços, levando-a para seu reino nas nuvens.

Nesse dia se iniciou a guerra entre o mundo dos homens e o mundo dos elfos. O rapaz ordenou que as florestas fossem vasculhadas, que seus guerreiros derrubassem as árvores e achassem Etaine. Mas Midhir era esperto. Pronunciou palavras mágicas que tornaram o reino das fadas e elfos invisível para os homens. E assim continua a ser até os dias de hoje.

(Lenda anônima do País de Gales)

Pois bem, nesse dia em que as fadas e os elfos desapareceram, muitos seres humanos, principalmente as crianças, choraram, dizendo que sentiriam saudades.

Então Viviana, a fada do lago, os consolou com estas palavras:

- Sempre que o Sol e a Lua estiverem lado a lado, no entardecer e no amanhecer; durante os eclipses e na noite do meio do verão, estaremos próximas dos homens, trazendo-lhes alegria, idéias e o poder de imaginação. Guardem no fundo do coração o que eu lhes digo.

ANEXO 3: Sobre a diferença entre gnomos e duendes (PRIETO, Heloisa. Duendes e Gnomos: quase tudo o que você queria saber p. 5)

**Você sabe qual é a diferença entre gnomos e duendes?
Quase ninguém sabe. Mas é fácil descobrir a resposta.**

GNOMOS são de carne e osso como nós. Têm corpos sólidos e arredondados, rostos corados e sorriso encantador. Parecem homens e mulheres pequeninos. Zelam pela harmonia da natureza. São os eternos guardiões do universo.

DUENDES são elementais; criaturas sem corpo físico, espectros de luz. Podem assumir diversas formas e, para isso, absorvem um pouco da energia dos seres humanos, juntando essa energia roubada à força dos quatro elementos da natureza: o fogo, a terra, a água e o ar. É por isso que dizemos “elementais”.

Os elementais têm orelhas pontudas, olhos vermelhos, a pele quase transparente. Parecem uma mistura de planta, bicho e gente. Adoram brincar, criar confusão e fazer muita folia. São eternas crianças.

Encontros com gnomos são raros e inesquecíveis. Ainda há muito segredo em torno deles. Já os elementais fazem parte da vida de qualquer um. Contam-se histórias sobre eles no mundo todo. Assim, vamos começar falando dos elementais.

ANEXO 4: “O monstro”, de Luis Tati

Era um monstro filho de uma monstra, desses grandes
Deformado, mas até que bonitinho como monstro
É que pra gente, pra gente os padrões são outros
Tinha muito pêlo pelo corpo,
Umas manchas esverdeadas
Uns caroços, uns buracos
Mas também, o que você pode esperar de um monstro?
Muita sensibilidade, isso que importa
Criativo, um devorador de livros de história
Não gostava de princesa, achava todas horrorosas
Em compensação, com os monstros
Como se identificava
Então sua mãe selecionava: monstro pra cá,
Princesa pra lá
E ele achava uma beleza as histórias só de monstros
Mas se pintava uma princesa: - Ai, mamãe, que medo!
Tira essa princesa.
Ela deve ter um dente, mãe! Tira!
Vocês vêem que é um monstro tipo mariquinhas, pelo jeito
Mas na verdade é a superproteção da mamãe monstra
É que no fundo, no fundo ele bem que gosta:
- Ai, mamãe, que medo!
Tira essa princesa.
Ela deve ter um dente, mãe! Tira!

ANEXO 5: “A misteriosa caixa de Pandora” (PRIETO, Heloisa. Monstros e mundos misteriosos: quase tudo o que você queria saber. p. 5)

Os antigos gregos contavam que no início dos tempos nada era monstruoso, todas as criaturas eram igualmente maravilhosas e a paz reinava entre deuses e homens. Até ser criada a primeira menina do mundo. Seu nome era Pandora e, com ela, começou a confusão.

Quando a garota nasceu, cada um dos deuses do Olimpo lhe deu uma qualidade: a beleza, a graça, a habilidade manual e a bondade, entre outras virtudes. Mas Hermes, o mensageiro dos deuses, ofereceu a ela o dom da curiosidade. Isso a transformou numa garota inteligente porém sempre ativa e muito inquieta.

Pandora cresceu e tornou-se uma jovem encantadora, embora um pouco rebelde. Um dia, chegou ao palácio um presente de Zeus, o deus dos deuses. Era uma espécie de baú trancado à chave que ela recebeu ordens severas para jamais abrir.

Morta de curiosidade, Pandora espiava a caixa todos os dias. E a caixa era belíssima, enfeitada de intrincados desenhos que formavam uma trama como ela nunca tinha visto. Certa manhã, uma voz suave lhe disse assim:

- Pandora, solte-nos, precisamos sair daqui.

A garota levou um susto e demorou para compreender que aquela voz saía de dentro da caixa. Correu para junto de suas amigas.

Na manhã seguinte, Pandora voltou para perto da caixa. "O que será que estava lá dentro?", pensou. "Aquela voz era tão linda! Foi difícil não obedecer a ela."

Na segunda vez em que lhe falou, a voz disse o seguinte:

- Pandora, bela menina, você precisa nos libertar. Sem nós o mundo não tem a menor graça. Eu prometo que, se ficarmos livres, um dia será completamente diferente do outro e sua vida será muito mais emocionante!

A garota vivia mesmo entediada com sua rotina no palácio. Nele tudo era maravilhoso, mas todos os dias eram absolutamente iguais. Não havia nada a temer, nada a perder. Só um mar de tranqüilidade e... monotonia. Então decidiu que abriria a caixa.

No meio da noite, desceu quietinha até a sala onde ela ficava guardada, apanhou a chave, destrancou a caixa e ergueu sua tampa.

Rindo, saltando, voando e rodopiando, milhares de criaturas saíram correndo pela sala e escapuliram pela janela, quebrando tudo o que encontravam pelo caminho e fazendo muita confusão.

Conta a lenda que esses seres não eram exatamente bonitos, como havia imaginado Pandora. Metade animais metade gente, pequeninos e gigantes, tinham uma aparência estranhíssima. Era difícil entender o que eram, era difícil saber se seriam de fato amigos, era difícil também saber se eram criaturas más. Tudo o que eles faziam virava uma grande anarquia. Pandora os chamou, tentando descobrir se havia um líder, mas ninguém a ouviu - era o caos total. Cansada, arrependida, sentou-se no chão e chorou. Pensou que tinha libertado monstros, seres imperfeitos que destruiriam seu mundo perfeito. Sentiu-se a pior garota do Olimpo e teve vontade de desaparecer.

Como tinha tapado os olhos com as mãos, Pandora nem percebeu que havia uma última criatura saindo da caixa. Levou outro susto quando ouviu mais uma voz e criou coragem para olhar, só que a jovem na sua frente era tão linda que ela rapidamente se acalmou. A figura translúcida e belíssima que flutuava diante de Pandora era uma protetora do universo, a primeira das criaturas que mais tarde os humanos chamariam de fadas. E ela lhe disse:

- Pandora querida, não chore. Isso sempre acontece. É quase impossível evitar que seres de mundos diferentes se misturem. Se você não os tivesse libertado, minhas criaturas teriam encontrado uma outra forma de escapar. Com o tempo vocês, humanos, aprenderão a compreendê-los. E eles a vocês. No começo será difícil, mas uma coisa não se pode negar: eles farão com que sua vida se torne muito mais emocionante.

E foi assim que tudo começou.

(História da mitologia grega)

ANEXO 6: “Em visita ao Olimpo” (QUENSEL, Alain; TORTON, Jean - A Grécia: mitos e lendas. p.20-21)

Os deuses e as deusas na Grécia raramente se mostram aos homens em sua forma habitual. Passam a maior parte do tempo no monte Olimpo, a mais alta montanha do país. Por isso, as doze principais divindades em que os antigos gregos acreditavam são também chamadas os doze olimpianos. Esses deuses devem a imortalidade a uma bebida deliciosa, o néctar, e a uma iguaria refinada, a ambrosia. Além disso, dispõem de vários poderes sobrenaturais, sobretudo a capacidade de aparecer aos homens assumindo diversas formas, humanas ou animais. Os deuses gregos não são especialmente bons: têm as mesmas qualidades dos homens, mas também os mesmos defeitos. Assim, não é raro que o Olimpo se agite com suas disputas e rivalidades. Por isso também, os gregos os temiam tanto quanto os amavam, pois um deus desses sempre podia pregar-lhes uma peça.

Vejam a ilustração. No trono, dominando o Olimpo, está o barbudo e severo Zeus, com um raio na mão e uma águia a seus pés. É o senhor das nuvens, do trovão e do relâmpago, rei de todos os deuses. A seu lado está Hera, sua mulher, acompanhada de um pavão. Deusa do casamento e do ciúme, os homens temem seu mau gênio.

Mais adiante está Posidon, o sombrio deus dos mares. Irmão de Zeus é facilmente reconhecível graças a seu tridente, e sua cabeleira ainda está cheia de algas, pois ele acaba de chegar de seu palácio submarino. Por ser quem comanda as tempestades, é muito temido. Um pouco à parte, vestido de negro, está seu irmão, Hades, do olhar feroz, que parece meditar. Deixou um pouco seu reino subterrâneo, o inferno, para subir ao Olimpo, coisa que não costuma fazer. Habitualmente, reina sobre os mortos.

Sem dúvida, você já reparou naquele deus feio que, com um gorro esquisito na cabeça e um martelo na mão, anda de um lado para o outro. É o manco Hefesto, deus dos ferreiros. Filho de Zeus e de Hera, casou-se com Afrodite, a deusa do amor, que está sempre cercada de pombas. Longe do marido, ela prefere conversar com Ares, o deus da guerra, armado dos pés à cabeça e sempre muito agitado. No Olimpo, a presença de Ares não é das mais desejadas, pois invariavelmente ele provoca discórdia. Na Terra, é muito temido porque traz o terror e a morte. Felizmente, Atena dedica-se a dar-lhe um pouco de sabedoria. Vestida com uma couraça e um elmo, armada com uma lança e um escudo, essa deusa magnífica não preside apenas os negócios da guerra: acompanhada de sua coruja, representa a sabedoria e oferece à humanidade seus conhecimentos e suas engenhosas invenções.

À sombra de um pequeno bosque, você de vez em quando verá um casal conversar. O rapaz é bonito, tem um arco a seus pés e uma lira nas mãos e parece brilhar. Também armada com um arco, a moça usa na cabeça um diadema encimado por uma lua e acaricia uma corça. Ele é Febo Apolo, o deus do Sol e da poesia. Ela é sua irmã, Ártemis, a deusa da Lua e da caça.

Dois outros deuses divertem-se barulhentemente. O primeiro usa um chapéu estranho, com duas asinhas. Suas sandálias também são aladas, e nas mãos ele segura um bastão (o caduceu) com duas serpentes entrelaçadas. Trata-se de Hermes, que é o mensageiro dos deuses e protege os comerciantes, os ladrões e os médicos. O personagem que ri alto junto a Zeus é Dioniso. Vestindo a pele de uma pantera e tendo a cabeça enfeitada por folhas de parreira, ele é o deus do vinho, quase sempre alegre e jovial, mas às vezes bem inquietante.

Esses doze olimpianos eram venerados na Grécia antiga, mas havia ainda várias outras divindades muito importantes. Representavam todas as forças da natureza. Esta, aos olhos dos gregos, era um ser vivo, tão adorado quanto temido.

ANEXO 7: O patinho feio (ANDERSEN, Hans Christian.)

Era uma delícia só lá no campo; era verão! O trigo estava dourado, a aveia verde, o feno cortado e empilhado sobre o prado, cegonhas andavam sobre suas longas pernas vermelhas e falavam egípcio, porque tinham aprendido esse idioma de suas mães. Ao redor das lavouras e prados erguiam-se grandes bosques e no interior dos bosques havia lagos profundos; sim, estava verdadeiramente delicioso lá no campo!

Em meio à paisagem ensolarada havia uma velha herdade cercada de canais profundos, e seus muros, até chegar à água, estavam cobertos de enredadeiras com folhas tão grandes que as crianças podiam ficar de pé sob a maior delas; ali era quase tão selvagem quanto no ventre do bosque, e ali sentava-se uma pata em seu ninho; ela chocava os ovos à espera dos patinhos, mas começava a ficar aborrecida, porque estava no choco há muito tempo e recebia poucas visitas; suas amigas preferiam nadar nos canais a subirem até lá e ficarem acoradas debaixo das folhas conversando com ela.

Finalmente, um após o outro, os ovos foram estalando: “Pip, pip!” diziam, e as gemas adquiriam vida e botavam a cabecinha de fora.

“Rápido, rápido!” dizia ela, e os filhotes saíam o mais rápido que podiam e sentavam-se sob as folhas verdes, e a mãe deixava-os olhar o quanto quisessem, pois o verde faz bem para os olhos.

“Como o mundo é grande!” admiravam-se os filhotes; com razão, pois agora tinham muito mais espaço do que dentro do ovo.

“Vocês pensam que este é o mundo inteiro” disse a mãe; “o mundo se estende até o outro lado do jardim e chega perto do quintal da igreja; mas até lá eu nunca fui! Bem, vocês já estão todos aqui!” - e então ela levantou-se, “não, ainda não estão todos! O ovo maior ainda não abriu; como demora! Já começo a ficar chateada com isso!” - e deitou-se outra vez no ninho.

“Então, como vai indo?” perguntou uma velha pata que veio fazer uma visita.

“Um ovo está demorando demais” disse a pata chocando; não há jeito de descascar! Mas vai dar uma olhada nos outros! São os patinhos mais lindos que eu já vi! Todos se parecem com o pai, aquele malandro que não veio me fazer nunca uma visita.”

“Deixa eu ver o ovo que não quer descascar” disse a pata velha. “Pode acreditar que é um ovo de peru! Eu já fui lograda assim uma vez e só eu sei o trabalho que tive para criar aquele bicho, porque ele tinha medo da água e não havia meio de fazê-lo entrar no tanque! Eu gritava e empurrava mas não tinha jeito! Deixa eu ver esse ovo! Sim, é um ovo de peru. Deixa ele aí e vai ensinar os outros a nadarem.”

“Vou ficar mais um pouco” disse a pata.

“Já fiquei aqui tanto tempo que posso ficar ainda um pouco mais.”

“Bom proveito” disse a pata velha, e foi embora.

Finalmente o ovo grande partiu-se. “Pip! Pip!” disse o filhote saindo para fora da casca; ele era tão grande e feio! A pata olhou para ele: “É um filhote muito grande e diferente” ela disse. “Nenhum dos outros se parece com ele! Mas não acredito jamais que seja um filhote de peru! Vou descobrir isso já! Ele vai para a água nem que eu mesma tenha que empurrá-lo para dentro!”

O dia seguinte amanheceu magnífico, com um tempo delicioso; o sol batia em cheio nas folhas das trepadeiras verdejantes. A mãe pata desceu para o canal com toda a ninhada: plaft! saltou para dentro da água: “Rápido, rápido” chamava ela, e um por um os patinhos foram jogando-se à água; desapareciam nela e tornavam a aparecer, boiando agradavelmente, batendo as pernas com naturalidade; não faltou nenhum, nem mesmo o que era tão grande e de uma cor acinzentada.

“Não, não é um peru” disse ela, “basta ver como move as patas e como se mantém sobre a água; ele é meu mesmo! E até, visto daqui, nem parece tão feio! Rápido, rápido, venham comigo, vou introduzi-los no mundo e apresentá-los no quintal dos patos, mas fiquem sempre

junto de mim que ninguém vai pisá-los, e muito cuidado com o gato!”

E então eles entraram no quintal dos patos. Chegaram num momento de grande confusão porque duas famílias disputavam uma cabeça de peixe, que acabou ficando com o gato.

“Vejam vocês como é o mundo!” disse a mãe pata lambendo o bico, porque também ela cobiçava a cabeça do peixe. “Use as pernas!” comandou; “Viram como podem apressar-se? E inclinem a cabeça para aquela pata mais velha, ela é a mais importante de todos que estão aqui! Ela tem sangue espanhol, por isso é tão gorducha. Ela tem um pano vermelho na perna, isso é algo muito bom, é a distinção máxima que um pato pode conseguir, significa muito, significa que não querem separar-se dela e que é para ela ser reconhecida por pessoas ou animais! Rápido, vocês! Não quero ver ninguém encolhendo as pernas! Patinhos bem educados espicham as pernas, como fazem papai e mamãe, vejam! Agora curvem o pescoço e digam: rápido!”

E assim eles fizeram; mas os outros patos andaram em volta deles e comentaram em voz alta: “Vejam só! Agora vamos ter mais essa turma aqui dentro, como se já não fôssemos suficientes! E vejam aquele ali como é feio! Esse não dá para agüentar!” E uma pata investiu contra o patinho e bicou-o no pescoço.

“Deixe-o em paz!”; gritou a mãe; “Ele não fez mal nenhum!”

“Sim, mas é grande demais e estranho!”; respondeu a pata que o bicara. “Ele precisa apanhar!”

“São muito bonitos os seus filhos” disse a velha pata com o pano vermelho na perna, “todos saíram muito bem, menos aquele ali. Eu gostaria que a senhora pudesse chocá-lo outra vez”.

“Não é possível, Sua Graça!” disse a mãe pata, “ele não é gracioso, mas tem bom gênio e nada tão bem, igual aos outros, até um pouco melhor; quando crescer ele deve ficar um pouco mais bonito, quem sabe até um pouco menor! Ele ficou tempo demais dentro do ovo, por isso não saiu com um formato bom”.

E a pata afagou-lhe o pescoço com uma bicada; “além disso ele é pato macho e a beleza já não importa tanto! Eu acho que ele será bem forte e se sairá bem.”

“Os outros são uma gracinha” disse a pata velha; “muito bem, estejam à vontade, como em sua casa; se encontrarem alguma cabeça de peixe, vocês podem trazer para mim!”

E então eles ficaram como em casa.

Mas o pobre patinho, que saíra por último do ovo, e tinha aparência tão desagradável, foi empurrado, bicado e escarnecido. e não só pelos patos mas também pelas galinhas. “Ele é muito grande!” exclamavam todos, e o peru macho, que nascera com esporas e por isso pensava que era Imperador, inchou todo, como um navio com as velas enfunadas, avançou para o patinho, insultou-o, e depois ficou com a cabeça avermelhada. O pobre patinho não sabia para onde ir nem onde se meter, de tão confuso, porque parecia tão frio e servia de zombaria para todo o quintal.

Assim foi o primeiro dia, e depois foi pior e pior. O pobre patinho foi caçado por todo mundo, até seus irmãos eram maldosos com ele, e diziam o tempo todo: “Tomara que o gato lhe pegue, seu fracassado!” E a mãe dizia: “Se pelo menos você estivesse longe daqui!” e os patos o bicavam e as galinhas o beliscavam e até a moça que alimentava as aves tratava-o a pontapés.

Então ele correu e ergueu-se, voando sobre a cerca; os pequenos pássaros, nas moitas, assustaram-se! “É porque eu sou tão feio”; pensou o patinho, e fechou os olhos mas continuou afastando-se; então chegou no imenso brejo onde vivem os patos selvagens. Ali passou toda a noite, cansado e tristonho.

Ao amanhecer, os patos selvagens levantaram vô e viram o novo companheiro:

“Quem é você?” perguntaram eles, e o patinho virava-se para todos os lados e fazia saudações da melhor maneira que podia.

“Você é um bocado feio” disseram os patos selvagens, “mas isso não interessa, desde que não te cases com ninguém de nossa família!” Coitado! Ele pensava justamente em não se casar; tudo que ele queria era licença para ficar entre os juncos e beber um pouco da água do brejo.

Ficou por ali durante dois dias, quando chegaram dois gansos selvagens, ambos machos; não fazia muito tempo que tinham saído da casca do ovo, por isso pareciam tão saudáveis.

“Olhe aqui, companheiro!” disse um deles, “você é tão feio que eu até gosto de você! Não quer vir com a gente e ser uma ave de arribação? Em outro brejo, perto daqui, há urna porção de gansas jovens e bonitas. É só ir chegando e falando: cheguei! Você é bem capaz de ter sorte com elas, de tão feio que é!”

Bang, bang! ouviu-se nesse momento acima deles, e os dois gansos selvagens caíram mortos entre os juncos e a água tingiu-se de vermelho; bang, bang! ouviu-se outra vez e toda a passarada e todos os gansos selvagens elevaram-se voando de entre os juncos, e tornaram a descer. Era uma grande caçada; os caçadores estavam de tocaia no brejo, alguns subiam nas árvores que se debruçavam sobre os juncos; a fumaça azulada elevou-se como nuvens por entre as árvores escuras e depois espalhou-se longamente sobre a água; irromperam brutalmente os cães de caça!

Juncos e bambus deitaram-se para todos os lados; foi um horror para o pobre patinho, que enfiou a cabeça embaixo da asa, e no mesmo instante um cão enorme, apavorante, surgiu diante dele, com a língua pendendo comprida fora da boca e os olhos brilhando de ferocidade; escancarou a boca contra o patinho, mostrando os dentes afiados e... paf! afastou-se sem atacá-lo.

“Abençoado seja Deus!” gemeu o patinho, “sou tão feio que nem o cachorro quis me morder!”

Ficou deitado, quietinho, enquanto as balas zuniam entre os juncos e ouvia tiro após tiro.

O dia avançou muito até tudo se aquietar, mas o pobre patinho não se arriscou a sair do lugar. esperou várias horas até olhar bem a redondeza e depois saiu correndo deixando o brejo, correndo sobre campos e prados, mas com um vento tão forte que ele mal conseguia sair do lugar.

À noitinha, chegou numa pequena e pobre casa de campo; de tão estragada, ela não sabia para que lado cair e então ficava em pé. O vento soprava com tanta força que o patinho teve que sentar-se sobre a própria cauda para manter-se firme; e o vento ficava pior e pior; ele deu-se conta que a porta se desprendera de um dos gonzos, e pendia, torta, dando passagem para que entrasse no vestíbulo, e foi o que ele fez. Aí morava uma velha senhora com seu gato e sua galinha, o gato, que ela chamava de Filhote, sabia arquear o lombo e ronronar, e também podia faiscar os olhos, mas então era preciso que lhe alisassem o pelo ao contrário; a galinha tinha as pernas curtas e por isso era chamada de Nanica; ela botava bastantes ovos e a velha cuidava dela como de um filho.

Pela manhã, logo encontraram o patinho estranho, e o gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

“O que é isso?” disse a senhora, andando em torno, mas ela enxergava mal e pensou que o patinho fosse uma pata gorda que andava perdida. “Isso é mesmo ter sorte,” ela disse, “agora terei ovos de pata, tomara que não seja um macho! É isso que eu vou ver.”

Então o patinho foi admitido, como experiência, por três semanas, mas não botou nenhum ovo. O gato era o Senhor da casa e a galinha a Senhora, e eles diziam o tempo todo: “Nós e o Mundo!” porque pensavam que eram a metade dele, e a melhor parte, naturalmente. O patinho pensou que se podia ter outra opinião, mas não falou disso para a galinha.

“Você pode pôr ovos?” perguntou ela.

“Não!”

“É, então deve fechar a boca.”

E o gato disse: “Sabe arquear o lombo, ronronar e faiscar os olhos?”

“Não.”

“Então não deve se intrometer em conversa de gente sensata.”

O patinho ficou num canto, aborrecido; pensou no ar fresco e no sol brilhando; sentiu de repente um estranho desejo de flutuar na água, e não resistindo, contou à galinha seus anseios.

“Mas o que é isso?” perguntou ela. “Você não tem nada a fazer, por isso fica pensando

bobagens! Vá botar um ovo ou ronronar que isso passa!”

“Mas é tão bom boiar na água!” disse o patinho. “É tão bom ter a água cobrindo a cabeça e mergulhar até o fundo!”

“É, deve ser mesmo muito bom!” disse a galinha. “Está ficando maluco! Pergunte ao gato, ele é o sujeito mais inteligente que conheço, se ele gosta de boiar ou mergulhar na água! De mim nem quero falar! Pergunte à nossa patroa, a velha senhora, ninguém no mundo é mais inteligente do que ela! Acha que ela tem vontade de boiar ou mergulhar a cabeça na água?”

“Você não me compreende!” disse o patinho.

“Se nós não o entendemos então quem vai entender você? Nunca será mais inteligente do que a patroa ou o gato, para não falar de mim! Não se meta a esperto, guri! E dê graças a Deus por todo o bem que lhe foi feito; consegui um quarto confortável e companhia da qual pode aprender alguma coisa, mas é um idiota e não é divertido falar com você! Pode acreditar em mim, só quero seu bem; digo coisas desagradáveis mas é por elas que se conhecem os verdadeiros amigos; trate logo de pôr ovos ou ronronar ou faiscar os olhos!”

“Eu acho que vou é correr mundo” disse o patinho.

“Pois então vá” disse a galinha.

E assim partiu o patinho; flutuou e mergulhou na água, mas de todos os outros animais só recebeu desprezo pela sua feiúra.

Agora desce o outono, as folhas no bosque ficam douradas e escuras, o vento as agarra e as faz dançar, e alto no céu há indícios de frio; as nuvens pairam, pesadas de granizo e neve, e nas cercas, corvos grasnam, ark, ark, do frio que ameaçava; sim, podia-se ficar enregelado só de pensar; o pobre patinho não passava nada bem.

Uma tarde, o sol descia abençoadamente, surgiu do bosque um bando de grandes e magníficas aves; o patinho nunca tinha visto nada tão bonito; eram de uma brancura brilhante com pescoços longos e flexíveis; eram cisnes e soltaram gritos estranhos, abriram suas vistosas e imensas asas e voaram daquela região fria para as terras quentes, para os lagos abertos; subiram tão alto, tão alto que o pequeno patinho feio ficou maravilhado, rodando na água como um pião, de pescoço estirado, olhando para eles e soltou um grito tão alto e deslumbrado que ele mesmo se assustou

Oh, não podia esquecer as graciosas aves, as felizes aves, e quando as perdeu de vista, mergulhou fundo, e ao voltar à tona estava fora de si.

Não sabia como se chamavam aqueles pássaros nem para onde estavam voando, mas gostou deles como jamais antes tinha gostado de alguém; não sentiu inveja, como poderia desejar para si tal delícia, ele que já se teria dado por contente se os o tivessem tolerado em sua companhia; - pobre patinho feio!

E o inverno foi ficando tão frio, tão frio; o patinho era obrigado a nadar constantemente para evitar que a água congelasse de todo; mas, cada noite, o espaço onde ele nadava ficava menor e menor; o patinho tinha de mover continuamente os pés para que a água não endurecesse ao redor; por fim, o cansaço o venceu e ele ficou imóvel, prisioneiro do gelo.

Cedo pela manhã, passou um camponês e viu-o, aproximou-se, quebrou o gelo com o tamanco, libertou-o e levou-o para casa, entregando-o à sua mulher. Lá o patinho reanimou-se.

As crianças queriam brincar com ele, mas o patinho pensou que o queriam maltratar, assustou-se, fugiu e foi cair diretamente no latão de leite, entornando-o todo no chão da sala; a mulher gritou e ergueu as mãos no ar e ele voou, mais assustado ainda esbarrando no tacho de manteiga e caindo depois na barrica de farinha de trigo, de onde saiu com que aparência! A mulher gritava e golpeava atrás dele com a tenaz do fogão, as crianças corriam e caíam umas sobre as outras tentando caçar o patinho, e riam e gritavam - ainda bem que a porta estava aberta e o patinho saiu por ela e enfiou-se entre arbustos cobertos de neve recém caída - e ali ficou, como adormecido.

Seria demasiado aflitivo narrar todas as misérias e necessidades que o patinho sofreu naquele duro inverno - ele jazia no brejo, entre os juncos, quando o sol começou outra vez a esquentar; cotovias cantavam - era uma deliciosa primavera.

Ele bateu as asas e elas fizeram um rumor maior do que antes, e o carregaram com mais força; antes que se desse conta, achava-se num grande pomar, onde as macieiras estavam em flor, onde lilases perfumados pendiam, em longos ramos verdes, sobre canais sinuosos.

Tudo ali era tão delicioso, tão primaveril! Logo adiante, de entre o juncal, surgiram três formosos cisnes brancos; ruflavam as penas, flutuavam, tão leves, sobre a água. O patinho reconheceu os formosos pássaros e foi invadido por rara melancolia.

“Irei ao encontro desses pássaros reais e eles certamente me matarão porque eu, que sou tão feio, me atrevi a aproximar-me deles; mas não importa! Melhor ser morto por eles do que ser bicado pelos patos, perseguido pelas galinhas, chutado pela moça que cuida do galinheiro ou sofrer miséria no inverno!”

E ele voou para a água e nadou na direção dos maravilhosos cisnes, que o viram e partiram com as asas estrepitosas em sua direção. “Podem me matar!” disse o coitadinho, e curvou a cabeça para a água e esperou a morte - mas o que ele viu na água cristalina? Ele viu debaixo de si sua própria imagem, mas não era mais um pássaro cinzento, grosseiro, feio e sem graça, era um cisne.

Não importa nascer num ninho de patos, quando o ovo é de cisne!

Ele sentiu-se extraordinariamente contente com as misérias e angústias experimentadas; agora podia avaliar com justeza a felicidade, as delícias que o saudavam. Os grandes cisnes nadaram ao redor dele e o acariciaram com os bicos.

No jardim apareceram algumas crianças, que atiraram pães e grãos de trigo à água. O menor gritou:

“Há um cisne novo!” e as outras crianças se rejubilaram também: “É verdade, veio um novo!” E eles bateram palmas e dançaram em roda e foram correndo chamar seus pais e mães e jogaram mais pão e bolos na água e todos exclamavam: “O novo é o mais bonito de todos! Tão jovem e tão formoso!” Os cisnes mais velhos inclinaram suas cabeças para ele.

Ele ficou encabulado e escondeu a cabeça na asa, sem saber o que fazer; estava muito feliz, mas não arrogante, porque um bom coração não fica jamais arrogante; pensou no quanto fora perseguido e escarnecido, e agora ouvia todos dizerem que ele era o mais formoso entre todos esses pássaros formosos. Os lilases inclinavam os ramos sobre a água para ele, o sol brilhava tão quente e tão bom, quando sacudiu as penas, curvou graciosamente o pescoço e deixou o coração rejubilar-se: “Tal felicidade eu nunca sonhei, quando era o patinho feio!”

ANEXO 8: “O rei Barba-de-melro” (GRIMM, Jakob e Wilhelm. Os contos de Grimm, p. 120-126)

Um rei tinha uma filha que era muito linda, mas tão orgulhosa e arrogante que nenhum pretendente a satisfazia. Ela recusava um após outro e ainda por cima zombava deles.

Certa vez o rei mandou dar uma grande festa, para a qual convidou os homens casadouros de todos os países, próximos e distantes. Todos eles foram colocados numa fila, por posição e categoria: primeiro os reis, depois os duques, os príncipes, os condes, os barões e por fim os fidalgos.

A princesa passou as fileiras em revista, mas achava algum defeito em cada um deles. Um era gordo demais para o seu gosto: "O barril de vinho!", disse ela. O outro, comprido demais: "Comprido e oscilante, deselegante!" O terceiro, curto demais: "Curto e atarracado, desajeitado!" O quarto, pálido demais: "Lívido de morte, não dá sorte!" O quinto, vermelho demais: "Crista de galo!" O sexto, pouco aprumado: "Lenha verde, secada atrás da estufa!" E assim ela achava alguma falha em cada um deles. Mas a princesa divertiu-se especialmente à custa de um jovem rei, bem na ponta da fila, que tinha o queixo um pouco torto.

- Ora, vejam, - exclamou ela rindo, - este aqui tem queixo como o bico de melro. E desde então ele ficou com o apelido de Queixo-de-melro.

Mas quando o rei viu que sua filha não fazia outra coisa a não ser zombar das pessoas, e insultar todos os pretendentes ali reunidos, ficou irado e jurou que ela se casaria com o primeiro mendigo que aparecesse diante da sua porta.

Alguns dias depois, um músico ambulante começou a cantar debaixo da janela, para com isso ganhar uma pequena esmola. Quando o rei ouviu isso, falou:

- Deixem-no entrar!

Então o músico, nos seus trajes sujos e esfarrapados, entrou e cantou diante do rei e da sua filha, e quando terminou, pediu uma humilde doação.

O rei falou:

- Teu canto me agradou tanto, que quero dar-te a minha filha em casamento.

A princesa assustou-se, mas o rei disse:

- Eu fiz o juramento de te dar ao primeiro mendigo e vou cumpri-lo.

Não adiantaram os protestos; o padre foi chamado e ela teve de se casar imediatamente com aquele músico. E quando isto foi feito, o rei falou:

- Agora não fica bem que tu, a mulher de um mendigo, continues vivendo no meu palácio. Agora podes partir com o teu marido.

O mendigo levou-a embora pela mão e ela foi obrigada a segui-lo a pé.

Quando eles chegaram a um grande bosque, ela perguntou:

- Ai, a quem pertence este lindo bosque?

"O Rei Barba-de-melro é o dono seu, se o tivesses aceito, seria teu!"

"Ai de mim, não estaria eu neste estado, se o Rei Barba-de-melro eu tivesse aceitado!"

Depois eles passaram por uma grande cidade, e ela perguntou de novo:

- A quem pertence esta linda cidade?

"O Rei Barba-de-melro é o dono seu, se o tivesses aceito, seria teu".

"Ai de mim, não estaria eu neste estado, se o Rei Barba-de-melro eu tivesse aceitado!"

- Não me agrada nem um pouco, - disse o músico, - que tu estejas sempre desejando outro homem para marido; não sou bastante bom para ti?

Finalmente, chegaram a uma pequena casinha, e ela perguntou:

"Meu Deus, que casa pequenininha! A quem pertence esta casinha?"

O músico respondeu:

A casa é minha e tua, nós dois vamos viver juntos nesta casa.

Ela teve de se curvar para poder passar pela porta baixinha.

- Onde estão os criados? - perguntou a princesa.

- Que criados? - respondeu o mendigo. - Terás de fazer sozinha o que quiseres ver feito. Acende já o fogo e põe água para ferver, para cozinhar a minha comida. Estou muito cansado.

Mas a filha do rei não entendia nada de acender fogo e cozinhar, e o mendigo teve de pôr as próprias mãos à obra para que as coisas andassem mais ou menos. E quando eles terminaram a parca refeição, foram logo para a cama.

Mas de manhã ele já a tocou para fora bem cedo, para cuidar da casa.

Eles viveram dessa forma, mal e mal durante alguns dias, e aí acabaram as suas provisões. Então o marido disse:

- Mulher, não dá para continuarmos assim, comendo e não ganhando nada. Tu terás de fazer cestas.

Ele saiu, cortou juncos e trouxe-os para casa. Ela começou a trançá-los, mas os juncos duros feriram suas delicadas mãos.

- Estou vendo que isso não dá certo, - disse o marido. - É melhor que comeces a fiar, talvez faças isso melhor.

Ela sentou-se para fiar, mas a linha áspera cortou-lhe logo os dedos macios, que começaram a sangrar. Estás vendo, - disse o marido, - não serves para trabalho algum; fiz um mau negócio contigo. Vou tentar começar um comércio com potes e outras vasilhas de barro; agora tu irás para o mercado, te sentarás ali e venderás a mercadoria.

"Ai de mim", pensou ela, "se no mercado aparecerem pessoas do reino do meu pai, e me virem sentada ali, vendendo, como elas zombarão de mim!"

Mas de nada adiantou, ela teve de se conformar, se os dois não quisessem morrer de fome. Da primeira vez foi tudo bem, pois as pessoas compravam as mercadorias da mulher, porque ela era bonita, e pagavam o que ela pedia: muitos até lhe davam o dinheiro e deixavam as vasilhas. E então eles viveram do que foi ganho, enquanto o dinheiro durou. Aí o marido comprou mais uma porção de potes e tigelas, e ela sentou-se numa esquina do mercado, cercada de vasilhas que oferecia à venda. De repente, chegou galopando um hussardo embriagado, e meteu o cavalo bem no meio daqueles potes, fazendo tudo voar em cacos e pedaços. Ela começou a chorar sem saber o que fazer, de medo.

- Ai, o que será de mim! - exclamou ela. - O que será que o meu marido vai dizer?! - E correu para casa e contou-lhe a sua desgraça.

- E quem é que é tolo de se sentar na esquina do mercado, com louça de barro! - disse o marido. - Pára de chorar, estou vendo que tu não prestas para nenhum trabalho decente. Ainda há pouco estive no castelo do nosso rei e perguntei se eles não precisavam de uma servente de cozinha, e eles me prometeram que te aceitariam ali; em paga do teu trabalho, terás comida de graça.

Então a filha do rei tornou-se servente de cozinha, tinha que obedecer ao cozinheiro e fazer o trabalho mais desagradável. Ela prendeu um potinho em cada bolso, para levar para casa o que lhe era deixado das sobras, e este era o alimento do casal.

Pouco depois foi anunciada a festa de casamento do filho mais velho do rei. Então a pobre mulher subiu, e postou-se perto da porta do salão, para poder observá-lo. E quando as luzes se acenderam e todos foram entrando, cada um mais belo que o outro, e tudo estava cheio de esplendor e de pompa, ela pensou tristemente no seu destino e maldisse o seu orgulho e arrogância, que a humilharam e a precipitaram em tamanha miséria. E dos manjares deliciosos que eram levados e trazidos, e cujo aroma chegava até ela, os criados lhe jogavam de vez em quando algumas migalhas, que ela punha nos seus potinhos, para levá-los para casa.

De repente, entrou o filho de um rei. Trajava sedas e veludos e tinha correntes de ouro no pescoço. E quando ele viu a bela mulher parada na porta, agarrou-a pela mão e quis dançar com ela. Mas ela recusou, assustada, pois viu que ele era o Rei Barba-de-melro, que fora pretendente à sua mão e que ela desdenhara com zombarias. Mas sua resistência de nada adiantou, ele arrastou-a para o salão. Aí rompeu-se a fita que amarrava os dois potinhos nos seus bolsos, e eles caíram no chão. E quando os presentes viram isso, prorromperam em risos e caçadas, e ela

ficou tão envergonhada que desejou estar mil palmos debaixo da terra. Saiu correndo pela porta afora, tentando fugir, mas um homem alcançou-a na escadaria e a trouxe de volta, e quando ela o encarou viu que era de novo o rei Barba-de-melro.

Ele lhe disse gentilmente:

- Não tenhas medo, eu e o músico, com quem moraste naquele casebre miserável, somos a mesma pessoa. Foi por amor de ti que eu me disfarcei assim. E o hussardo que pisoteou as tuas vasilhas também era eu. Tudo isso aconteceu, para dobrar o teu gênio orgulhoso e te castigar pela tua arrogância, com a qual zombaste de mim.

Então ela chorou amargamente e disse:

- Eu fiz muito mal e não sou digna de ser tua esposa.

Porém ele disse:

- Consola-te, os dias amargos já passaram, agora nós vamos celebrar as nossas bodas.

Então vieram as camareiras e vestiram-na com trajes suntuosos e veio o rei seu pai e toda a corte, e todos lhe desejaram felicidade no seu enlace com o rei Barba-de-melro, e a verdadeira alegria só começou então.

ANEXO 9: Metáfora

Metáfora: utilização de uma palavra ou expressão no lugar de outra, com base em uma ou mais semelhanças entre ambas.

Exemplos: Fulano é uma raposa. (esperto)

Ela estava na primavera de sua vida. (juventude)

O rosto da princesa era um campo florido. (maravilhoso, cheio de vida)

Discussão: Qual é a idéia transmitida por Chico Buarque com a frase “Estou me sentindo um jiló” (na música Bye bye Brasil)?

Atividade: Inventar algumas metáforas:

- Naquele dia o meu quarto estava um (a) (bagunçado)

(A maioria das crianças completou esta frase com a palavra “lixo”.)

- Hoje estou me sentindo um(a) (feliz, realizado(a))

ANEXO 10: Ficha do conto

- i- Situação inicial: apresentação dos personagens num determinado contexto

- ii- a) Apresentação do conflito ou problema.
 - b) Acontecimentos em torno desse problema. Ao longo de tais acontecimentos se prepara uma transformação.

- iii- Desenlace: resolução do problema ou conflito. A transformação se efetiva.

ANEXO 11: Roteiro do conto

OFICINA DE REDAÇÃO E CRIATIVIDADE

Para esta oficina, elaborei uma ficha mais “mastigadinha” contendo os passos que devemos dar para escrever um conto nos moldes dos contos de fadas. E pra que aprender a escrever conto de fadas? Ora, conhecendo bem essa estrutura simples, que é básica (como a massa básica de bolo, lembram?), temos um “roteiro” de como escrever contos simples. Depois a gente pode usar esse conhecimento para inventar, por exemplo, uma história que se passe nos dias de hoje, cujos personagens sejam pessoas comuns, e que não tenha final feliz. Mas mesmo que esse conto não tenha um final feliz, de qualquer maneira tem de ter um final, não é? Um final no qual se soluciona o conflito. E também tem de ter personagens, mesmo que não sejam aqueles que aparecem nos contos de fadas... Ou seja, vamos observar que a grande maioria dos contos segue o nosso conhecido esquema: situação inicial; conflito e acontecimentos em torno dele (sendo que a partir da apresentação do conflito começa a germinar uma transformação); desenlace com a efetivação da transformação que se foi preparando ao longo do percurso do protagonista.

Agora você vai inventar um conto nos moldes dos contos de fadas. Todo mundo sempre diz que uma história tem de ter começo, meio e fim. Mas o que nem sempre se diz é o que deve haver nesse começo, nesse meio e nesse fim, não é mesmo? Então, vamos fundo nos “recheios” desses três momentos.

ROTEIRO DO CONTO

1- COMEÇO: Situação inicial

a) apresentação dos personagens:

- Quem é o protagonista da história, ou seja, o personagem cuja história será contada? Como ele é? (Como se trata de um conto nos moldes dos contos de fadas, sabemos que o protagonista será um(a) príncipe/princesa, rei/rainha, dama/donzela/cavalheiro, cavaleiro, pessoa simples – camponês/camponesa, andarilho(a), bobo da corte (bufão) etc. O protagonista de um conto de fadas é sempre “do bem”.)

- Quem são os personagens coadjuvantes do protagonista, ou seja, aqueles que aparecem na história junto a ele, muitas vezes ajudando-o, mas não têm papel tão importante quanto o dele? Como eles são? (Os coadjuvantes dos protagonistas nos contos de fadas são os seus parentes, conhecidos, seres fantásticos do bem como fadas, elfos, duendes, gnomos etc., ou pessoas dotadas de conhecimentos ou poderes especiais, como sacerdotes/sacerdotisas, magos/magas etc.. Personagens como esses aparecem em qualquer momento do conto: no início, no meio – vêm em auxílio do protagonista depois que o conflito já se configurou – ou no final.)

b) Contextualização da história e dos personagens:

- Onde e quando a história se passa? (Nos contos de fadas, o lugar é sempre “um reino” ou “um reino muito distante”; em geral não se diz qual reino. O tempo também é indefinido, porém se indica que a história “aconteceu” há muito tempo.)

- O que está se passando com esses personagens? Como é a vida deles? (Frequentemente, nos contos de fadas, no início alguém da família sai de casa. Muitas vezes é o

protagonista que vai fazer um passeio ou viagem; outras vezes são os pais, ou um deles, que se afastam ou mesmo morrem. Nesses casos, depois desse afastamento é que o protagonista vai lidar com o problema ou situação difícil. Em geral, conta com a ajuda de personagens coadjuvantes.)

2- MEIO: Conflito e acontecimentos em torno deste

a) apresentação do conflito ou problema:

- Qual é o problema? Qual é a complicação que o protagonista da história vai ter de enfrentar? (Algo vai mal. O protagonista sofre algum dano, ou lhe falta algo.)

- Há personagem antagonista? Quem e como ele é? (Em alguns casos, o problema está relacionado à ação de um personagem antagonista, ou seja, que está contra o protagonista, que é seu inimigo. Ou ainda, mesmo que o antagonista não esteja relacionado diretamente ao conflito (quer dizer, mesmo quando não é ele que causa o problema), com certeza tentará de todas as formas impedir que o protagonista tenha sucesso. Muitas vezes esse personagem “do mal” também tem seus coadjuvantes, ou seja, aqueles que o ajudam a atrapalhar a vida do protagonista. Nos contos de fadas, em geral o antagonista é uma bruxa, um duende malvado, um gigante etc.)

b) acontecimentos em torno do problema.

- O que o protagonista faz ou por que situações ele passa em função do conflito? Como reage a essa situação?

3- FIM: Desenlace, com resolução do problema ou conflito. A transformação se efetiva.

- Como se resolve o problema? Que transformação (ou transformações) acontece(m)? (Ao longo dos acontecimentos que se desenrolam em torno do conflito, vai sendo preparada uma transformação, que se completa quando o conflito é resolvido. Quase sempre o protagonista se casa e se torna rei ou rainha – quando já não era desde o início, evidentemente.)

ANEXO 12: Questionário de avaliação pessoal das oficinas

Mais uma vez quero agradecer por sua presença nas oficinas. Ela foi fundamental para que este trabalho pudesse ser desenvolvido. Agora eu gostaria de saber a sua opinião sobre ele. Procure responder com sinceridade. A sua avaliação do trabalho é muito importante.

*Beijos!
Andrea*

1- Por que você quis participar do sorteio para freqüentar essas oficinas?

2- O fato de você ter participado das oficinas influenciou o seu interesse por leitura?

- a) Meu interesse por leitura diminuiu.
- b) Meu interesse por leitura é o mesmo de antes.
- c) Meu interesse por leitura aumentou.

3- O fato de você ter participado das oficinas influenciou o seu interesse por escrever?

- a) Meu interesse por escrever diminuiu.
- b) Meu interesse por escrever é o mesmo de antes.
- c) Meu interesse por escrever aumentou.

4- Antes de começar a freqüentar as oficinas, como era a sua reação quando a professora pedia para fazer uma redação?

- a) Ficava tranqüilo(a) e fazia a redação.
- b) Ficava contente e fazia a redação.
- c) Ficava aborrecido(a), mas fazia a redação.
- d) Ficava nervoso(a) e achava que não ia dar conta. Precisava de ajuda.

5- E hoje, como você reage?

- a) Fico tranqüilo(a) e faço a redação.
- b) Fico contente e faço a redação.
- c) Fico aborrecido(a), mas faço a redação.
- d) Fico nervoso(a) e acho que não vou dar conta. Preciso de ajuda.

6- Indique o **quanto você gosta de escrever**, assinalando um número de 0 a 10. Zero significa "odeio", cinco significa "não desgosto nem gosto" e dez significa "amo"; os outros números são gradações intermediárias.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

7- Indique **quanto você gosta de escrever os tipos de texto abaixo**, assinalando um número de 0 a 10 para cada item, como na questão anterior.

a) Escrever com minhas palavras histórias que li ou ouvi alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

b) Histórias inventadas por mim mesmo(a):

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

c) Textos descritivos:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

d) Textos dissertativos, que são exposições sobre assuntos que estudei:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

e) Narrativas de fatos que se passaram comigo mesmo(a) e/ou com pessoas que conheço (diário):

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

f) Outros.

(Quais?)

8- Indique **quanto você gosta de ler:**

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

9- Indique **quanto você gosta dos tipos de história abaixo.** (É claro que, na prática, alguns tipos muitas vezes se misturam. Aqui estão separadinhos apenas para que eu possa identificar melhor suas preferências.)

a) contos de fadas e outros contos populares

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

b) histórias policiais/de detetive

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

c) histórias de terror

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

d) histórias de amor

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

e) histórias de ficção científica

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

f) biografias

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

g) histórias dramáticas

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

h) histórias cômicas

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

i) histórias de aventura (se você assinalar um número entre 6 e 10, dê exemplos)

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- assistir na TV ou no cinema:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- ouvir alguém contar:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

10) Indique **quanto você gosta dos seguintes tipos de textos:**

a) crônicas (textos curtos, que narram um episódio da vida de um personagem (real ou fictício), expressam uma idéia ou comentam acontecimentos cotidianos)

- ler:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

- escrever:

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

b) jornais (se você assinalar um número entre 6 e 10, escreva que parte(s) do jornal gosta de ler)

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

c) gibis (se você assinalar um número entre 6 e 10, escreva quais gibis gosta de ler)

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

d) revistas (se você assinalar um número entre 6 e 10, escreva qual ou quais revista(s) gosta de ler)

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

11- O trabalho realizado nas oficinas ajudou você a escrever histórias? Em quê?

- a) Ajudou-me a ter idéias para escrever histórias.
- b) Ajudou-me a organizar melhor minhas idéias em forma de texto.
- c) Ajudou-me a entender o que é preciso ter numa narrativa para que ela seja uma história com começo, meio e fim.
- d) Ajudou-me a.....
(Complete, se houve alguma outra ajuda em relação a escrever histórias.)

12- O trabalho ajudou você a escrever outros textos, além de histórias? Se ajudou, em quê?

13- Ajudou em alguma outra coisa? Em quê?

14- Para que você acha que podem ter sido úteis as atividade corporais que fizemos no início de cada oficina?

15- Qual foi a atividade da qual você mais gostou? E qual foi a atividade de que menos gostou?

16- Você já tinha participado antes de algum curso de redação ou de oficinas parecidas com essas?

17- Você gostaria de continuar freqüentando *Oficinas de Redação e Criatividade*?

18- Você tem alguma crítica a fazer?

19- Tem alguma sugestão para dar?

20- Faça um comentário genérico sobre essa experiência de ter participado das oficinas.

Queridos,

Resolvi reformular algumas perguntas da avaliação das oficinas, para que fiquem mais claras e mais fáceis de responder. Mais beijos da Andrea.

11- O trabalho realizado nas oficinas ajudou você a escrever histórias?

() Sim. () Não.

Ajudou em quê? (Você pode assinalar mais de uma alternativa.)

- a) Ajudou-me a ter idéias para escrever histórias.
- b) Ajudou-me a organizar melhor minhas idéias em forma de texto.
- c) Ajudou-me a entender o que é preciso ter numa narrativa para que ela seja uma história com começo, meio e fim.
- d) Ajudou-me a.....
(Complete, se houve alguma outra ajuda em relação a escrever histórias.)

12- O trabalho ajudou você a escrever outros textos em geral, além de histórias? Se você acha que sim, em que outras situações nas quais você precisa escrever (além de escrever histórias) você acha que está escrevendo melhor depois de ter freqüentado essas oficinas? (Por exemplo: fazer uma descrição de alguma coisa, responder perguntas numa prova, escrever um trabalho para alguma matéria etc.)

15- Dê uma “nota” de zero a dez que corresponda ao quanto você gostou das atividades listadas abaixo, realizadas nas oficinas. Assim como nas questões desse tipo a que você respondeu na semana passada, zero significa “odiei”; cinco significa “não gostei nem desgostei” e dez significa “amei”. Escreva um número ao lado de cada item:

- conversar sobre personagens (fadas, elfos, magos, bruxas, duendes, gnomos, monstros e personagens da Mitologia Grega)
- dar pancadinhas nos ossos ao som de música de tambores
- ouvir leituras de textos sobre personagens
- ouvir histórias nas quais apareciam personagens sobre os quais tínhamos conversado
- olhar livros sobre os personagens sobre os quais estávamos conversando
- deitar no chão e, de olhos fechados, seguindo as “dicas” da professora, ir imaginando uma fada ou um elfo, “encontrar” com o personagem, observar como é, conversar etc.
- imitar um personagem para os colegas descobrirem qual é
- em roda, jogar uma bola imaginária um para o outro, fazendo gestos que correspondessem ao peso e volume “imaginados”.
- confeccionar roupas do personagem que “apareceu” na imaginação com papel crepom, cola, elásticos etc.

- escrever bem rápido uma história que o personagem imaginário “contou”
- escrever em dupla (sem ser rápido) a história que um personagem imaginário havia “contado”
- em roda, brincadeira de jogar um gato de pelúcia um para o outro; antes de jogar, cada um tinha de falar uma palavra, bem rápido – no início, a primeira que viesse na cabeça; depois, uma palavra que tivesse a ver com monstros.
- deitar no chão e ouvir uma música que contava a história de um monstro
- fazer um passeio imaginário num zoológico onde havia, numa das jaulas, um monstro
- escrever, bem rápido, sobre a ida ao zoológico
- fazer leitura “trocada” dos textos: cada um lia o texto de um colega
- desenhar monstros na lousa
- ouvir a professora ler a história de Pandora
- fazer movimentos com a bacia (dançar “twist”)
- escrever, bem rápido, um “cardápio de monstro”
- bater palmas e os pés no chão, inventando seqüências que os outros deviam imitar e imitando seqüências que os outros tinham inventado
- conversar sobre Mitologia Grega
- fazer uma massinha de água com farinha e sal, que ia ser usada para confeccionar um personagem (mas não deu tempo)
- prestar atenção na postura: tomar cuidado para não arrebatar muito o quadril, observar o apoio do corpo (no meio dos pés, na ponta ou no calcanhar) e procurar mantê-lo no meio dos pés; observar os joelhos e procurar não deixá-los esticados demais para trás e nem muito dobrados; descer os ombros e mantê-los largos etc.
- conversar sobre contos populares
- fazer mímicas que representavam diferentes momentos do conto: equilíbrio, conflito e resolução (final feliz)
- ler O Patinho Feio em grupo
- escrever um esquema de um conto
- “batucar” um determinado ritmo na mesa
- fazer “árvores de criação”

- ouvir a professora contar a história “O rei Barba-de-Melro”
- fazer exercícios de respiração
- discutir em grupo as histórias que cada um tinha escrito; dar e ouvir sugestões
- fazer brincadeira com metáforas para descobrir quem era o amigo secreto de quem (“Se Fulano fosse uma fruta, que fruta seria? E se fosse um animal?” etc.)
- confeccionar um objeto que representasse um personagem da história que tinha inventado, sendo que não valia fazer bonecos: tinha de ser algo que transmitisse uma idéia que tivesse a ver com o personagem.
- fazer revisão sobre os aspectos mais importantes da narrativa dos contos de fadas
- escrever um conto de fadas, seguindo um roteiro
- responder a um questionário de avaliação das oficinas

ANEXO 13: Encadeamento

CADEIA / ENCADEAR / ENCADEAMENTO

Os elos de uma corrente estão entrelaçados um no outro. Cada elo está conectado a um (nas pontas de uma corrente aberta) ou dois outros elos. Um elo vem depois do outro...

Os verbetes abaixo foram extraídos do Dicionário Aurélio Eletrônico. Grife os significados que estão relacionados a esta idéia de conexão, ligação, sucessão.

Verbete: cadeia

[Do lat. catena.]

S. f.

1. Corrente de anéis ou de elos de metal; grilhagem, grilhão.
2. V. grilhão (3).
3. Casa de detenção. [Sin. (alguns pop. ou de gir.): buque, calabouço, cana, cárcere, catita, cubículo, dita, gaiola, grades, jejé, presídio, pote, prisão, xadrez, xilindró.]
4. Cativoiro, escravidão, sujeição.
5. Conjunto de fatos ou fenômenos que ocorrem sucessivamente: uma cadeia de explosões.
6. Série ininterrupta de objetos semelhantes.
7. Conjunto de lojas ou estabelecimentos pertencentes a uma mesma firma: cadeia de supermercados.
8. Rede de emissoras de rádio e/ou televisão que difundem o mesmo programa.
9. Álgebra. Mod. Conjunto linearmente ordenado.
10. Arquit. Pilastra para reforçar paredes, empregada, em geral, na sustentação das vigas dos sobrados.
11. Arquit. Sistema de cruzamento de vigas em sobrados, que deixa espaço livre para uma escada ou para a passagem de uma chaminé.
12. Fís. Sucessão de fenômenos de caracteres análogos, em que cada um cria os elementos necessários ao desenvolvimento do seguinte.
13. Geog. Série ininterrupta de montanhas.
14. Quím. Série de átomos ininterruptamente ligados entre si, em geral numa molécula orgânica. [Dim. irreg.: catênula.]

Verbete: encadear

[Do lat. incatenare.]

V. t. d.

1. Ligar ou prender com cadeia; agrilhoar.
2. Ligar, coordenar (idéias, argumentos, frases, etc.): "encadeava frases com suma elegância, elegância de ironia, de sátira" (Camilo Castelo Branco, No Bom Jesus do Monte, p. 27).
3. Ligar por afeto; cativar, afeiçoar, prender.
4. Tirar a ação a; sujeitar.
- V. t. d. e i.
5. Prender, cativar: Encadeou-o a seu culto.
- V. p.
6. Ligar-se ou prender-se a outros; seguir-se conforme a ordem natural: As montanhas encadeavam-se a começar dali; Suas idéias já não se encadeiam. [Conjug.: v. frear. Cf. encandear.]

Verbete: encadeamento

[De encadear + -mento.]

S. m.

1. Dependência de coisas homogêneas; conexão, união, encadeação, concatenação.
2. Sucessão ou seriação de idéias, de fatos, que tenham correlação: Naquele inverno houve um encadeamento de desgraças.
3. Liter. Repetição de verso a verso ou de estrofe a estrofe, de fonema(s), palavra(s) ou frase(s).

ANEXO 19: Entrevistas com a coordenadora e com as professoras sobre as atividades de leitura e escrita propostas em sala de aula, nesta escola

ENTREVISTA COM A COORDENADORA (C)

Em relação a histórias, a leituras de livros de literatura infantil ou outros, eu gostaria de saber em que situações se trabalha, aqui dentro da escola, com histórias.

C: Os momentos que eles têm de história é o seguinte: eles têm a hora do conto, na biblioteca, que é agendado, normalmente uma vez por mês cada sala – que são muitas salas. Na biblioteca, uma vez por semana, eles retiram livros de literatura, que na semana seguinte eles devolvem. Com este livro, na sala, cada professor faz um trabalho diversificado – ou eles contam do que mais gostaram, algumas vezes vão fazer um resumo daquilo lá, outras as crianças menores apresentam em forma de desenho...

E eles vão à biblioteca acompanhados de professor?

C: Existem outras fases. Nesta fase de que estou falando, eles vão retirar o livro, vão levar para casa, vão ler e, em cima desse livro, o professor sempre pede alguma coisa, toda semana. Ou ele vai contar para a classe, os pequenos vão desenhar, ou vão contar alguma coisa que gostou, ou eles vão tentar ver o autor desse livro quem é, ou sei lá, algum trabalho é feito; os maiores (3^a e 4^a) apresentam resumo. Fazem algum tipo de trabalho.

A leitura é feita em casa e há um trabalho dentro da classe.

C: Esse trabalho é feito em casa e eles apresentam isso em sala.

E essa apresentação, como é que vocês organizam? Vocês fazem uma roda para falar sobre os livros, as crianças ficam sentadas, cada uma na sua carteira e elas contam história...

C: Não. Isso daí eles diversificam muito.

Cada professor escolhe?

C: E também é assim, não é só isso: tem dia que é roda, tem dia que é de um jeito porque senão a criança...

Cansa.

C: Isso. E uma vez por semana... não, uma vez por semana não. É agendado o dia que eles vão à biblioteca, para estar lendo na biblioteca, para saber utilizar a biblioteca... tá? Aí vai acompanhado do professor. Na hora do conto vai acompanhado do professor; nesse momento de tirar o livro, eles vão em grupos. Então eles já estão acostumados que nesse dia da semana eles têm, que se eles não devolvem eles pagam multa, então tem aquele controle da biblioteca. E está agendado, aqui, tem um agendamento da hora do conto, o dia que vão à biblioteca, com a bibliotecária, escolhendo livros e lendo livros na biblioteca.

Eles vão junto com os colegas de classe?

C: Com o professor junto, aí tem o horário de terminar. A biblioteca é fechada neste dia para esse grupo de crianças. Daí não atende outro público, só atende esse público. Então é feito isso também. Fora isso, em sala de aula, eles têm a biblioteca de sala de aula...

Cada sala tem uma biblioteca?

C: Nós temos um armário – nós recebemos muitos livros esse ano, e a gente fez opção no começo do ano passado, pra que esse ano... A gente poderia estar escolhendo, ou livro de literatura, ou livro didático. E a nossa opção foi livro de literatura. Então a gente fez. Agora nós recebemos uma caixa grande de livros – que ainda não olhei, está na sala da direção – pra também estar distribuindo entre essas salas.

E esses livros são trazidos por quem? Vocês que providenciam, ou as crianças que trazem? Não entendi.

C: No começo... Alguns livros já tem, que as crianças trouxeram, então são antigos. Os livros desse ano, juntando com os outros livros, são livros que vieram da.. Da FAE. Então, dentro de sala de aula, nessa biblioteca que existe, que veio da FAE – no final de ano, a FAE manda para a gente fazer a opção, ou livro didático, ou livro de literatura...

A FAE é...

C: É um órgão do governo que distribui livros. E nós fizemos opção por livros de literatura. Por blocos, tá? Esses blocos formaram a biblioteca de sala também. Alguns desses livros são trabalhados em sala de aula, com alguma proposta pedagógica, por exemplo, de produção de texto, com proposta de estar trabalhando gramática, ortografia, tudo em cima disso daí... Que a gente não trabalha gramática sistematizada. Outros ficam lá, realmente como literatura. Como... Assim, fazer com que a criança goste de ler. Porque um lê; gostou, conta pro outro que gostou e, assim, eles vão retirando livros da própria sala. Lendo nos intervalos, quem termina mais cedo, levando pra casa e devolvendo, tá? Então eles têm, dentro da sala de aula, uma biblioteca.

Essa biblioteca simplesmente existe no espaço da sala, ou tem uma parte da aula em que se faz uma roda de biblioteca?... Eles comentam os livros que eles leram emprestados da sala, ou não?

C: Não é assim uma constante como com os outros retirados da biblioteca. Mas de repente alguém lê um livro que acha legal, comenta com o professor e o professor abre um espaço para ele estar comentando com a classe. Fora isso, existem aqueles livros que a classe inteira adquire pra estar fazendo um trabalho em cima daquele determinado livro. A 4ª série trabalhou com a “Feiurinha”, agora eles compraram aquela coleção “Enrola e Desenrola”, que são muito aventura e tal. Então é nessa coleção que eles fazem outro tipo de trabalho. A gente também está propondo estar comprando dez livros de uma determinada coleção, ou um de um determinado livro, uma proposta nossa, pra que assim possa ter o bloco todo da sala trabalhando com o mesmo livro, em grupo. Porque esses que vieram da FAE, eles vieram assim dois três, de cada não dá pra sala toda.... e uma das nossas propostas é de estar pegando livros que trabalhe com eles limites, regras, que vai estar mexendo com esse tipo de coisa mesmo, tá?

Alguns temas específicos que você determina...

C: Então, nossa proposta é estar definindo nossos livros em função disso e em função de problemas que a gente tem aí. Problema de disciplina é um problema sério na escola hoje, né?

E essa leitura é feita com que frequência, mais ou menos – esse livro que todo mundo lê igual, lê o mesmo livro? Uma vez por mês, por semestre...

C: Olha... Mais ou menos um por bimestre. Não tem assim uma... Às vezes é menos, às vezes é mais, não tem assim uma... Uma....

Coisa fixa.

C: Coisa fixa, é isso.

Esse da biblioteca você disse “toda semana”, é isso?

C: Toda semana.

Cada semana é um livro diferente?

C: É um livro diferente.

Cada aluno tem essa obrigação, de ler um livro por semana.

C: A gente não garante que eles leiam esse livro por semana. Certo? Porque, quando eles levam pra casa, muitas vezes o livro volta sem ler. Mas a gente garante que no momento que ele tem que expor para a sala, que vai apresentar um trabalho, você garante que um está entusiasmando o outro a ler.

E não há uma obrigatoriedade de todos os alunos apresentarem? Existe alguma avaliação....

C: Alguma coisa para controle? Você não consegue fazer isso, você não consegue.

Não, só pra ter uma idéia. E leitura, é feita alguma leitura em sala de aula por parte do professor? Porque você disse que, algumas vezes, nos intervalos, quem termina mais cedo – eles fazem leitura silenciosa em sala de aula...

C: Fazem, fazem. E mesmo o professor lê história para eles.

Lê história para eles. Existe uma regularidade, então? Como que....

C: A nível de 2^a e 1^a séries, com mais frequência do que de 3^a e 4^a.

E o professor escolhe um livro, e vai lendo, como é que funciona?

C: Normalmente, o professor tem um objetivo por trás disso, né? Então ele vai estar procurando ler alguma coisa que influi no que ele está trabalhando; então se ele está trabalhando poesia, ele vai procurar estar lendo poesia, estar mostrando na poesia; que quando um professor lê um texto, lê um livro, ou quando é feito um trabalho com um livro coletivo, o que é que ele vai procurar mostrar ali? Ele vai procurar mostrar, neste livro, como o autor conseguiu colocar aquilo de uma forma interessante, e estar tentando passar isso pra escrita da criança. Como na escrita dela, ela pode estar fazendo como aquele autor fez.

Hum... Pontuando, né? E existe algum trabalho de leitura que as crianças façam, que elas mesmas sejam levadas a ler história em voz alta?

C: Existe; a gente tem uma avaliação neste tipo. Não só de literatura, certo? Eles vão estar lendo trechos de ciências, de história, de geografia, qualquer tipo de leitura.

Mas é no sentido de avaliar a leitura? A leitura em voz alta, qual sentido...

C: No sentido de realmente estar vendo o que que a gente pode estar fazendo pra melhorar essa criança nessa leitura oral. Mas ele faz a leitura silenciosa e tem interpretação de texto, também.

E, com relação à produção de texto, vocês trabalham com que tipos? Por exemplo: reprodução - a famosa cópia. Vocês...

C: Olha... Antigamente... Esse ano mesmo, principalmente a nível de 1^a e 2^a séries, no início, principalmente os contos de fadas, eles reescreviam, faziam a reescrita. Hoje, depois de alguns estudos, a gente está vendo que essa reescrita, ela deve existir, mas não essa reescrita de reprodução. Se eu contar a história do Chapeuzinho Vermelho, eu vou escrever essa história do Chapeuzinho Vermelho usando essa estrutura literária pra contar, por exemplo: se fosse o Chapeuzinho na cidade de São Paulo? Ele vai reescrever esta história do Chapeuzinho Vermelho, mas usando aquela estrutura literária, procurando aquele tipo, mas utilizando uma outra história. Mesmo a poesia – através de uma poesia, ele vai reescrever outra poesia, por exemplo: “O Circo ao contrário”, ele foi reescrever “A escola ao contrário”, com aquela mesma estrutura do circo ao contrário, ele passa a escrever uma outra produção...

Claro. E essa reescrita, não é feita, a reescrita, reescrita mesmo? Não é feita mais?

C: No começo desse ano ainda foi feito. Agora a gente, com alguns estudos aí, a gente está aventando que não é bem assim que teria que acontecer. Que tem que usar essa estrutura literária pra estar criando um outro texto.

E em relação à criação, propriamente dita, textos que as crianças escrevam, a redação, a tal de redação escolar.

C: Olha, a gente tem, assim, um ponto de partida de que todo texto pra ser escrito, ele tem que ter um texto decalque por baixo, porque, do nada...

Ninguém vai escrever?

C: É. Então vamos supor: a gente deu um texto, que vai contar lá sobre a floresta encantada. Então a gente vai pedir pra eles: “E se fosse uma floresta assombrada, ou, sei lá, um palácio encantado – quais as palavras que nós vamos estar utilizando pra transformar este texto?” Então a gente faz isto. Se ele cria um pers... Se naquela história ele tem um personagem e a gente quer que ele crie uma outra história, ele vai criar um outro personagem de massinha, de sucata, não sei das quantas, que transforme aquela idéia que ele teve num outro personagem. Não é bem a reescrita, não, esse tipo de reescrita que a gente fala. Porque ele vai estar criando uma outra história, mas ele tem como base uma história anterior – que nunca a gente chega lá e diz: “Hoje nós vamos falar sobre, sei lá, a noite do terror”, e fica por aí.

Dar um título, assim...

C: Dar um título... Não, a gente acredita que se uma criança, até 4^a série, se você não tiver um trabalho em cima do que você quer, ele não vai, ele pode até escrever,

produzir, mas não produzir o que você gostaria de fazer. Então a gente vai trabalhar... A noite do terror. “Então, quem já leu? Como leu? Tragam o que vocês encontrarem por aí que fale, o que é que a gente pode usar...” Sei lá, eles vão contando pra gente o que é que é aterrorizante – pisoteando, sei lá, um raio corta não sei o quê – então a gente vai fazendo, vai levantando esse banco de palavras, vai tirando deles toda uma situação, eles vão pesquisar por aí em literatura o que contou sobre aquilo... Então existe toda essa preparação pra depois eles estarem escrevendo. Na hora de escrever a gente usa muito o esquema da Jolibert pra estar fazendo a produção, em cima do esquema ele vai estar produzindo, depois, novamente, daí a dois dias, a gente devolve, ele vai estar prevendo...

Mas daí não é baseado num texto específico, vocês pegam informações de vários textos...

C: De vários textos. Não, não é um texto. Eles vão pesquisar.

Vocês fazem uma preparação, se eu entendi, em torno desse tema. E na hora de produzir o texto eles terão que fazer como se fosse a floresta encantada de um determinado livro, que vira floresta assombrada, ou é uma coisa mais aberta – eles podem inventar um outro enredo, uma outra história?

C: Não, uma coisa mais aberta, só que esta coisa mais aberta ele teve, antes disso, todo um preparo, toda uma pesquisa pra ele poder transcrever aquilo. E, normalmente, se é um texto desse tipo narrativo, então ele vai ter lá um esquema na lousa, se é um texto narrativo nós temos que localizar quem? Onde é que está o conflito? Onde vai ter a solução desse conflito? Então ele tem um esquema, que ele vai estar seguindo aquele esquema, pra estar produzindo esse texto.

(...)

Enfim... Tem mais alguma coisa que você se lembre, que não esteja dentro dessas perguntas que eu fiz e que sejam atividades que a escola promove, relacionadas às histórias, ao contato das crianças com as histórias?

C: Não, acho que no geral é isso daí... Falamos sobre literatura, sobre biblioteca, sobre livros de história... Tem interpretação de texto, então, aí, aproveitam esta parte descritiva do texto para construir maquetes, que a 4ª série trabalha muito – um dos objetivos da 4ª série é a descrição, mas não é a descrição pura, é a descrição dentro de um texto narrativo.

E essas matérias estão relacionadas, são propostas em outras áreas...

C: Sim, são.

Interligadas, né?

C: Estudos sociais, ciências...

Em relação às histórias, há essa coisa de que você falou, de pegar o texto e mudar alguns elementos. E outros tipos de textos a partir das histórias? Por exemplo, vamos supor que a Chapeuzinho Vermelho escreva uma carta para a mãe dela, Romeu escreveu para Julieta...

C: Você me deu uma idéia super legal. Eu ainda não fiz isso não. Gostei. Espero que você me ajude muito... [risos] Olha, a gente trabalha carta, sim e todo tipo de estrutura de texto. Por exemplo: dia dos pais eles escreveram para os pais; se eles querem alguma coisa da direção, de mim, eles escrevem; se um amiguinho está

doente, eles escrevem cartinha e mandam pro amiguinho. Eles escreveram pro Jornal Verde, pedindo pro Jornal Verde publicar nossa Semana Cultural; então eles vêem a função social da carta; do bilhete. Se eles precisam se comunicar com alguém da tarde que ocupa o mesmo espaço, ele deixa bilhete. Se ele precisa se comunicar comigo, às vezes, ele deixa um bilhetinho embaixo da porta. Eles fazem reescrita de jornal, etc.

(Agradecimento, despedida etc.)

ENTREVISTA COM A PROFESSORA 1 (P1)

Eu sei que você trabalhou bastante com redação esse ano, né? Quais aspectos você procurou enfatizar no trabalho com redação? Como era o trabalho, tinha uma leitura e depois uma redação sobre o que foi lido... Como é que era o trabalho que você propunha de redação em sala de aula ou em casa?

P1: Eu propus vários, por exemplo, eu pedia pra eles estarem lendo um texto e a reprodução desse texto, ou então a sintetização, o resumo daquilo que estava lendo. Ou em cima daquilo que leu criar uma nova história. Assim, deixar livre, pra que não ficasse uma coisa repetitiva, mas que eles estivessem escrevendo. Porque o que eu notava ali era uma falta mesmo de escrita. Então às vezes eu pedia a produção de um texto e eles não tinham idéia pra produzir um texto.

O que você acha que você propôs mais vezes: escrever um texto com outras palavras, o que a gente chama de reescrita, ou esse trabalho de, em cima de um texto lido, criar uma história diferente?

P1: O que eu usei mais foi assim, eu deixava assim bem livre, pra eles contarem um filme que eles assistiram ou um capítulo de novela... Porque o meu objetivo era eles estarem escrevendo. Então eu deixei assim, mas... O que eu percebi foi que as crianças que faziam isso pra mim semanalmente melhoraram sensivelmente a escrita em tudo, tanto a questão de ortografia, tudo mais.

E inventar histórias, coisas da cabeça deles, você fez alguma proposta sem ter uma base num texto específico?

P1: É o que eu chamo de tema livre. Que aí, naturalmente a criança acaba contando alguma coisa que leu ou que ouviu, alguma história assim. Raramente a criança inventa mesmo, né? Porque tem criança assim, que conta metade de uma história que ouviu e a outra metade é invenção dela.

Você propôs frequentemente tema livre, várias vezes o tema era livre?

P1: Uma vez por mês mais ou menos.

Em geral o que você dizia pra eles como proposta era...

P1: Porque assim, semanalmente eles vão à biblioteca pegar livros. Então, quer dizer, pra ter um objetivo, por que estarem pegando o livro? Pra estarem fazendo por exemplo assim a reescrita daquilo que eles estavam lendo na semana, do livro.

Essa era a atividade mais frequente.

P1: Mais frequente, isso.

E quando você propunha um tema livre, alguma vez você dava algum elemento que deveria estar presente - por exemplo, tais e tais personagens... Ou era tema livre mesmo?

P1: Tema livre mesmo.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA 2 (P2)

Eu sei que vocês trabalharam bastante com redação, não é?

P2: Trabalhamos.

Que tipo de trabalho, quais os aspectos que você procurou enfatizar no trabalho com redação?

P2: Olha, a gente procurou enfatizar tipos de textos, que a gente trabalha com vários tipos – jornalístico, informativo, poético, narrativo – então a gente procura enfatizar a estrutura do texto: pontuação, principalmente pontuação de diálogo, ortografia, coesão, coerência, a gente vai enfatizando todos os pontos.

De que jeito vocês trabalham com coesão e coerência, por exemplo?

P2: Ah, a gente trabalha muito com leitura com eles, né? Pra eles verem o que é a coesão, o que é a coerência, assim, um parágrafo ligado no outro, para não mudar de assunto de repente... Então a gente trabalha muito na leitura e... Vai interferindo para que eles apliquem na escrita, né?

E que tipo de proposta, como é que era o trabalho, em si, de redação? Como é que você fazia essa proposta?

P2: Era assim: a gente trabalhava com um texto, como várias atividades, e sempre o fechamento do texto era uma redação... Que a gente nem chama de redação e sim de produção de texto.

Porque é que há essa diferença entre produção de texto e redação?

P2: Não sei; sinceramente, não sei te dizer qual é a diferença. Desde que eu entrei aqui na escola a gente sempre fala produção de texto, produção de texto, e acabou ficando.

E daí, você propunha a produção de um texto diferente daquele que tinha sido lido, ou...

P2: Diferente. Às vezes reescrita, às vezes diferente; às vezes é um texto narrativo, então vamos fazer um texto poético, às vezes ao contrário...

E inventar histórias, coisas da cabeça deles, você tem feito este tipo de proposta?

P2: Faz, mas a gente faz muito pouco, por exemplo, dar um tema livre, assim, “escrevam sobre o que vocês quiserem”, é muito difícil.

Muito raro?

P2: Muito raro. Normalmente a gente dá um tema ligado a... Sei lá... Alguma data, às vezes, alguma data comemorativa, tipo Páscoa, alguma coisa assim.

A: Mas estou dizendo assim, a escrita desvinculada de um texto lido, não necessariamente, um tema livre, “escrevam qualquer coisa” e sim um texto que eles vão produzir, mas que não tenha necessariamente que...

R: Ah não! Isso a gente dá, dá... sem ter correspondência com outro texto mas sempre com alusão a outra coisa. Uma data, às vezes algum acontecimento da escola, ou até algum acontecimento que saiu no jornal.

(...)

Quando você propunha tema livre, livre, livre, como era a demanda?

P2: Pra dizer a verdade, acho que tema livre, se eu dei um só no ano, foi muito. Porque eu não gosto desse “escreva o que você quiser sobre o que você quiser”. Não posso nem te responder.

ANEXO 15: Dados referentes ao interesse das crianças pelas atividades realizadas nas oficinas, por leitura e escrita em geral e por continuar freqüentando *Oficinas de Redação e Criatividade*

1- Respostas ao questionário de avaliação pessoal das oficinas

2- *O fato de você ter participado das oficinas influenciou o seu interesse por leitura?*

- a) *Meu interesse por leitura diminuiu.*
- b) *Meu interesse por leitura é o mesmo de antes.*
- c) *Meu interesse por leitura aumentou.*

Graziela, Pedro e Talita assinalaram a letra b.
Celso, Gabriela e Maiara assinalaram a letra c.

3- *O fato de você ter participado das oficinas influenciou o seu interesse por escrever?*

- a) *Meu interesse por escrever diminuiu.*
- b) *Meu interesse por escrever é o mesmo de antes.*
- c) *Meu interesse por escrever aumentou.*

Pedro e Graziela assinalaram a letra b.
Celso, Gabriela, Maiara e Talita assinalaram a letra c.

4- *Antes de começar a freqüentar as oficinas, como era a sua reação quando a professora pedia para fazer uma redação?*

- a) *Ficava tranquilo(a) e fazia a redação.*
- b) *Ficava contente e fazia a redação.*
- c) *Ficava aborrecido(a), mas fazia a redação.*
- d) *Ficava nervoso(a) e achava que não ia dar conta. Precisava de ajuda.*

Gabriela assinalou a letra a.
Graziela, Pedro e Talita assinalaram a letra c.
Celso e Maiara assinalaram a letra d.

5- *E hoje, como você reage?*

- a) *Fico tranquilo(a) e faço a redação.*
- b) *Fico contente e faço a redação.*
- c) *Fico aborrecido(a), mas faço a redação.*
- d) *Fico nervoso(a) e acho que não vou dar conta. Preciso de ajuda.*

Celso, Maiara, Pedro e Talita assinalaram a letra a.
Gabriela assinalou a letra b.
Graziela assinalou a letra c.

17- *Você gostaria de continuar freqüentando *Oficinas de Redação e Criatividade*?*

Celso, Gabriela e Maiara responderam que sim.
Pedro e Graziela responderam que talvez. (Graziela depois decidiu continuar.)
Talita respondeu que não.

20- *Faça um comentário genérico sobre essa experiência de ter participado das oficinas.*

Celso: Legal.

Gabriela: Achei super legal.

Graziela: Eu gostei muito de ter participado das oficinas.

Maiara: Achei que foi D+ (demais).

Pedro: No começo foi legal mas no final, agora ficou meio chato porque enjoou.

Talita: Foi muito legal, pois aprendi a fazer textos melhores. Mas enjoou pois dois anos seguidos...

2- Depoimentos das mães e das professoras nas entrevistas

M1 (mãe de Pedro): “(...) de uns tempos pra cá a professora passou a pedir redação três vezes por semana. Ele era muito desligado quanto a ler... Desse ano pra cá eu já comprei um monte de livros pra ele. Do João Carlos Marinho ele tem quase todos. (...) Ele lê rapidinho e conta a história; esses do J. C. Marinho eu gostava também de ler então eu conheço, eu sei que ele leu. (...) E eu acho, assim, pra idade dele, são livros grandes, mas ele lê rapidinho. Pra ele que era assim, parágrafo... Agora ele ganhou assinatura dos gibis de aniversário e está todo feliz. Mas eu acho que é isso, acho que realmente ajudou. (...) a gente vê que ele gosta de escrever o que ele lê. Então a gente vê que ele está incentivado, ou então pelo menos ele precisa ter um tema, alguma coisa pra poder escrever. (...) Nos outros anos, calhou de ele ter a mesma professora; agora eu não sei se ela não forçava nesse ponto. Agora esse ano ela usou muito a redação. Ele tem caderno de redação, precisava fazer duas a três por semana. Tinha tempo que... Antes, ele não gostava. Mandava ele fazer, ele: “Ah, eu não sei, não consigo.” E agora não. Agora você vê que você dá uma idéia pra ele, a hora que você vai ver, está a folha toda lá. Então, de uma forma ou de outra, você vê que incentivou, né?”

E antes você sentia que se a professora pedia uma redação...

M1: Ele enrolava. A gente tinha que acabar contando alguma coisa pra ele poder escrever. As desse ano por exemplo eu não fiz nenhuma.

Do ano passado você chegou a fazer algumas?

M1: Ele chorava. Porque ele é preguiçoso, ele é muito assim... Envergonhado. Então às vezes eu falava: “Escreve, fala o que você fez, onde você foi”. Esse ano não, ele escrevia, falava, punha o que fez, o que não fez e... Então você vê que mudou.

Esse “chorava” era fazer uma manha e tal, ou ele ficava mesmo angustiado?

M1: Não, chorava, mesmo, ficava irritado, não fazia... Aí, quando chegava na hora do vamos ver, que a gente via que ele não fazia, aí eu falava: “Bom, agora, né?...” Porque é triste, é triste você ser chamado a atenção de uma coisa que a gente também não tem culpa. Se ele não fez, não foi porque ele não quis. Ele não fazia porque ele não conseguia. Então até que chegava uma hora, eu falava: “Então vamos sentar.” Ele sentava. Eu falava: “O que você acha? Esse final de semana, o que nós fizemos?” Ele falava: “Ah, nós fomos em tal lugar.” E eu falava: “Então, vai escrevendo...” Aí ele escrevia. Então, quer dizer, tinha que ser cutucando, cutucando... Agora, não. Ele fala assim: “Ih, mãe, tem que fazer redação.” “Pode se trancar no quarto e fazer.” Quando ele sai, sai com ela pronta. Então você vê que mudou, né?

M2 (mãe de Talita): (...) Pelo menos a Talita, ela teve interesse em ler, e quanto mais ela lia, mais ela escrevia. Aquela palavrinha que ela não entendia, ela ia atrás, colocava mais coisa, mais

coisa... (...) Você pode ter certeza de que você ajudou bastante. (...) Mesmo porque o seu carisma ajuda as crianças a ter interesse pela redação. Ajuda demais. (...) Porque redação é uma coisa tão chata... Mas a professora, puxa vida, a professora é tão legal, né? O inglês, se tivesse uma professora de inglês que fosse que nem você, o sucesso seria 100%. Então você ajudou muito. (...) Pra mim foi aprovado. (...) E é o seguinte, a idéia que você tiver, você pode contar com a gente. (...) Nota dez. (...) Porque a redação é a base de tudo, né, Andrea? Porque sem ela você não consegue resolver nada, você não expressa nada, você não faz nada. Então essas crianças começando agora, então você imagina, daqui pra cima elas vão fazer, né? Pena que você não vai continuar. Você tem que continuar.

(...) Olha, Andrea, na minha época não tinha isso. E a minha profissão é basicamente redação. Se você não for boa de redação, você não consegue fazer uma boa petição. Eu sou advogada. Então a redação é fundamental pra tudo. Então foi uma bela ajuda. Pra Talita foi ótimo. Por isso que eu falei, não larga as nossas crianças, por favor.

M3 (mãe de Maiara): Conversa com a coordenação do ginásio.

M2: É, não abandona não. Porque é outra coisa, eles são maiores... É outra experiência.

M3: E olha, o curso de Português do ginásio é puxadinho, o pessoal tem bastante coisa. (...) Então, a escola tem um projeto que é teatro, música, tem o projeto de inglês pra terceira e quarta e de quinta a oitava pros que estão indo mal. E quem sabe você consegue fazer um projeto de Português. Seria interessante, porque em redação muitas crianças têm dificuldade.

(...) Ajudou. A Maiara, nossa, demais. (...) Você vê o interesse da minha filha, que as faltas foram poucas. A Maiara não suporta Português, ela gosta de Matemática, e quis continuar, tudo... (...) ela não gostava de ler, agora ela está lendo mais.

M4 (mãe de Celso): Eu estou achando super bom, você vê a diferença, porque o Celso era uma criança distraída, ele começa a fazer as coisas... Então ele ficou mais atento àquilo que ele está fazendo. Então ele achou interesse na escrita dele, ele foi se identificando. (...) Nossa, o interesse do Celsinho pra vir do jeito que ele veio... Passar o dia na cadeira. (...) o interesse foi grande mesmo, que se não fosse eu não traria o meu do jeito que veio [de cadeira de rodas, com o pé machucado]. (...) Valeu.

M5 (mãe de Graziela): (...) A leitura, ela passou a gostar mais. (...) Pra eles era um prazer vir pra oficina, viu? Olha, eles adoravam, eles queriam mais é que chegasse logo o dia. Por causa da criatividade, né, que eles usavam no grupo. (...) Ela sempre gostou [de escrever], é que agora foi uma ajuda... Uma ajuda que despertou, né?

Você nota que teve uma mudança nesse aspecto do interesse por esse tipo de trabalho?

M5: Pela escrita. Teve sim, demais.

E você nota que isso aconteceu a partir do momento em que ela passou a frequentar as oficinas?

M5: A partir do momento em que ela começou a frequentar as oficinas. (...) Eu acho que se todas as crianças tivessem essa oportunidade de trabalhar como você trabalhou, despertar o interesse da criança na redação... Que ninguém gosta de escrever, não é verdade? A maioria...

Alguns gostam...

Mas são poucos; se você analisar, são poucos. Falou em redação, o aluno treme! Então eu acho que tinha que ter oficina pra todos os alunos, pra despertar o interesse. Pelo menos um pouquinho eles conseguem, né, quem não gosta. No vestibular, na hora da redação o aluno vai mal. Então tem que começar aqui de baixo, desde o início da alfabetização, pra quando ele chegar lá em cima ele ter desenvoltura pra fazer uma redação. Ah, você tira pelos concursos aí, né, nem os advogados conseguem redigir.

M6 (mãe de Gabriela): (...) não era só leitura, né? Tinha a parte de encenação, de confeccionar os personagens. Eu acho que isso aí desenvolveu bastante, né? Despertou. A Gabriela também, eu acho assim, ela também sempre gostou bastante já, por ela mesma, ela gosta muito de ler. E eu notei também que sempre vai despertando mais, vai motivando mais. Inclusive ela mandou até um recado que ela está fazendo lá a árvore. "Você dá o recado pra ela que eu estou fazendo, que eu estou desenvolvendo." Então eu também acho que é bem válido.

E ter vontade de escrever textos que a professora não mandou escrever?

M6: Ah, isso ela gosta. (...) A Gabriela gosta muito de escrever carta, ela escreve carta pras amiguinhas da praia que ela conheceu, ela gosta de escrever pra outra que está em Ribeirão, cartão de Natal é ela que quer escrever, se tem aniversário ela escreve bilhetinho pra quem está fazendo aniversário em casa... Essa parte assim, ela gosta. (...) antes era gibi direto, ela tinha loucura. Agora já é mais livros. E aqui na biblioteca, a professora dá um livro por semana - ia na biblioteca, podia escolher o livro que quisesse e devolvia na semana seguinte. Então tem criança que não liga, às vezes renovava. E eu notava que a Gabriela sempre lia o livro, devolvia, às vezes pegava outro; às vezes já trocava com outra menina, pra dar tempo de ler dois...

(...) eles faltaram muito pouco, tiveram uma presença muito importante, muito assídua...

M6: Porque gostavam, né? Tinham motivação, então não acabaram desistindo.

M5: Eles tinham interesse.

M6: É, a gente vê pelas outras oficinas aí que chega no fim do ano, às vezes tem três, quatro, cinco... De uma turma de quinze. Um grupo grande, no fim do ano os outros laboratórios acabam...

M5: Se continuasse seria melhor ainda.

M6: É, eles gostariam que continuasse.

Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de comentar ou até de sugerir?

M5: Que continuasse as oficinas, com todos.

P2 (professora de Gabriela E Graziela): Eu sei que elas gostam demais da sua oficina, mas realmente eu não acompanhei o trabalho que você fez, elas não me passaram nada do que você fez, então eu não posso te dizer, porque como são alunas muito boas, não sei se mudou alguma coisa.

E você está com elas só a partir desse ano?

P2: Só esse ano.

P1 (professora de Celso, Maiara, Pedro e Talita): A Talita e a Maiara sempre tiveram uma boa redação. Mesmo assim se mostraram interessadas, né, nas técnicas que você estava passando, algum comentário. A Talita gosta muito de escrever. O que ajudou acho que foi o Celso, que tinha muita dificuldade com a escrita. Então com essas aulas, eu senti ele mais motivado pra estar escrevendo. Tanto é que qualquer texto, alguma coisa que ele via, ele escrevia e trazia pra mim. Então eu achei assim, que nesse ponto foi muito válido - o incentivo que eles tiveram pra escrever alguma coisa. (...) Então eu senti assim que estava motivando. (...): A Maiara também demonstrou bastante interesse. A mãe dela incentivou bastante. (...) Eu acho que assim, estavam bastante motivados, né, porque quando começa um curso que não motiva, acaba desistindo. Tanto que tem um curso de inglês aqui que as crianças acabaram desistindo, porque a professora faltava e eles não estavam motivados pra isso. Isso aí, assim, pela conversa que eu ouvia entre eles, eles estavam bastante motivados.

ANEXO 16: Dados referentes ao desempenho das crianças na escrita

1- Respostas ao questionário de avaliação pessoal das oficinas

11- *O trabalho realizado nas oficinas ajudou você a escrever histórias?*

() *Sim.* () *Não.*

Ajudou em quê? (Você pode assinalar mais de uma alternativa.)

- a) Ajudou-me a ter idéias para escrever histórias.*
- b) Ajudou-me a organizar melhor minhas idéias em forma de texto.*
- c) Ajudou-me a entender o que é preciso ter numa narrativa para que ela seja uma história com começo, meio e fim.*
- d) Ajudou-me a.....*
(Complete, se houve alguma outra ajuda em relação a escrever histórias.)

Todos assinalaram “sim”.

Celso, Graziela e Pedro assinalaram as letras a e c.

Maiara e Talita assinalaram as letras a, b e c.

Gabriela assinalou as letras a, b, c e d: *Ajudou-me a ter mais empolgação no momento.*

12- O trabalho ajudou você a escrever outros textos em geral, além de histórias? Se você acha que sim, em que outras situações nas quais você precisa escrever (além de escrever histórias) você acha que está escrevendo melhor depois de ter frequentado essas oficinas? (Por exemplo: fazer uma descrição de alguma coisa, responder perguntas numa prova, escrever um trabalho para alguma matéria etc.)

Celso: Escrever trabalhos para materia, entender as perguntas da prova, descrever o colega.

Gabriela: Sim, me ajudou nos trabalhos escolares, a escrever cartas.

Graziela: Sim. Me ajudou muito a escrever historias, poemas, biografia e etc.

Maiara: Me ajudou muito porque varias vezes a professora pedio que fiseemos algumas poesias, varios outros textos e isso me ajudou muito.

Pedro: Sim, depois de ter frequentado as foicinas eu aprendi não só historias mas varias coisas como esta no exemplo.

Talita: Sim, porque em todas as minhsa atividades e provas de português eu tirei A.

2- Depoimentos das mães e das professoras nas entrevistas

M1 (mãe de Pedro): Não sei se você já reparou nas redações que ele faz dele, da casa dele. E escreve tim-tim por tim-tim. Quando ele escreve por exemplo sobre o fim-de-semana. A professora pediu várias assim, depois mudou, passou a pedir de filme ou de televisão. Mas quando ele escreve das coisas dele junto com os amigos, ele inventa coisas que a gente morre de rir. Então a gente vê que ele realmente desenvolveu bastante pra escrever e eu acho que a aula de redação deve ter ajudado, né, fez com que ele deslanchasse mais.

M2 (mãe de Talita): (...) em tudo (...) foi muito produtivo, de muita ajuda. Eu senti que eles se desenvolveram muito bem. (...) a aula de redação é só isso, é específica pra isso, enquanto que na escola, aquela aula é dividida em tantas matérias, então não dá pra professora chegar assim, “olha, a redação começa, você tem que colocar o início, desenvolver o início, depois passar pro

meio, você desenvolve o meio, depois você vai pro final.” Então a professora, é lógico que ela fala “olha, tem que ter início, meio e fim”, mas é aquela coisa, ela jogou ali, a criança tem que saber o que é aquilo. Enquanto que você ali, você ajudou, você mostrou o que é aquilo.

M3 (mãe de Maiara): Houve enriquecimento de texto pra ela, porque era começo, meio e fim assim: “fui não sei aonde e pronto”, e misturava e acabava ficando uma meleca. Mas agora não, tanto é que os textos estão maiores, com pontuação... Pergunta pra gente: “essa palavra está certa ou está errada?” Houve interesse de aprender, eu achei que foi super bom.

M4 (mãe de Celso): (...) você vê a melhora do jeito que está aí, ele teve um “muito bom” num trabalho, alguma coisa que ele nunca teve em português e está aí. (...) Eu acho que a professora vai falar com você a diferença. Porque ela ficou dois anos com eles.

M5 (mãe de Graziela): Ah, eu acho que pra criança é muito difícil escrever, né? Botar assim no papel é uma coisa muito difícil. Então, com a oficina, você deu um apoio muito grande, então eles puderam se desenvolver, ter começo, meio, fim, porque era uma salada só, né? O que eles escreviam era uma salada só. Eu sempre peço muito pra Graziela ler, então em casa tem muitos livros de leitura infantil e ela gosta demais. Então com o grupo, com o trabalho de vocês, ela adquiriu mais ainda. (...) os personagens que ela inventava, sabe, muito bons. Então ajudou, valeu a pena. (...) Seqüência – começo, meio e fim. Eu percebi através das redações que ela fazia na classe comum com a professora. Então havia várias redações e ela vinha me mostrar. Foi aí que eu percebi que o seu grupo estava ajudando de uma forma também na sala de aula, com as redações. (...) ela lia bastante, mas as redações não tinham coerência. Ela fazia uma mistura do começo com o meio, sabe quando não tem lógica nenhuma? Aí, a partir do momento que ela começou a fazer a oficina, foi quando ela começou a despertar na redação, a gostar de escrever. Porque antes não, era sacrifício. Quando a Mônica mandava fazer redação, era um sacrifício fazer.

P1 (professora de Celso, Maiara, Pedro E Talita): O Pedro eu não notei muito, mas é que o Pedro... A escrita dele não era assim... Não era como o Celso, porque o Celso não produzia nada. O Pedro também tem melhorado bem, né, na colocação das idéias, e eu acho que se deve a esse fato [participação nas oficinas], porque cada dia que eles tinham a aula com você eles comentavam alguma coisa. (...)

E no aspecto do texto em si – pelo que você falou do Celso, parece que teve uma melhor organização das idéias...

P1: Um enriquecimento, colocação de fatos. Que até então não, ele escrevia por escrever, não tinha aquela organização, por exemplo uma seqüência de fatos, uma seqüência de histórias ali. Aí passou a ter essa colocação.

E em relação à Maiara e à Talita você notou também que houve alguma diferença?

P1: Delas, assim, a preocupação de estar escrevendo uma relação das coisas com mais detalhes, né, colocando conteúdo.

E em relação às outras crianças que não participaram das oficinas, você acha que dá pra você falar alguma coisa que há de diferente nos textos das crianças que participaram que você possa atribuir ao trabalho nas oficinas ou não?

P1: Olha, em relação, deixa eu ver, por exemplo, comparando um aluno tipo o Celso, que não produzia, com um outro aluno que não produzia, acho que dá, sim, porque a diferença é muito grande. Não sei se deve só a esse fato, não posso dizer assim. Mas eu notei que os alunos que eram parecidos com ele, que não produziam nada, continuam assim, não produzindo, com desempenho fraco.

E em relação às alunas que já tinham um desempenho legal, como a Talita, por exemplo? Vamos pegar uma outra aluna da sua classe que seja uma aluna boa, que produz bem também. Você acha que tem alguma coisa de diferente no texto da Talita? É evidente que a gente nunca vai conseguir medir exatamente o que foi da oficina e o que não foi, mas tem algo que você "fareja" que possa ser por aí ou não?

P1: Tem uma aluna que escreve muito bem, mas ela não tem uma técnica de redação. E no texto da Talita por exemplo eu já vejo.

E o que é essa técnica?

P1: O que eu chamo de técnica é por exemplo assim... A colocação de assuntos em ordem, na seqüência, assim. Ao passo que essa menina, ela escreve muito bem, mas ela não tem essa colocação.

P2 (professora de Gabriela e Graziela): As crianças que participam das oficinas, elas escrevem mais do que as outras.

Em termos de quantidade?

P2: De quantidade. Fazem textos mais longos. Foi esta a diferença, assim, que notei bastante.

Sei. E em termos de outras características, da qualidade, entre aspas, do texto, de amarração, encadeamento?

P2: É, parágrafos; elas fazem melhor a paragrafação, do que as outras.

E em que sentido?

P2: Em sentido assim, as que fazem a oficina, elas sabem direitinho dividir o texto em parágrafos.

No encadeamento do texto você nota alguma coisa, ou não?

P2: Não. Nisso não. Eu já não posso dizer isso, porque as meninas que foram já eram muito boas.

ANEXO 17: Trechos de entrevista referentes à cooperação

P1: (...) da Talita por exemplo, o que eu notei nela, dentro da sala de aula... Sempre que possível, né, eu pedia assim: que as crianças que tivessem mais desenvoltura pra fazer as coisas ajudem as menos. Então, a disposição dela de estar interferindo na escrita ou ajudando na escrita das outras crianças aumentou.

E isso você nota mais especificamente em relação à escrita, mesmo.

P1: Isso, na escrita, mesmo. Porque assim, por exemplo... Ela trabalhava em dupla, então eu vi bem a interferência dela na outra aluna.

E ela trabalhava sempre com a mesma dupla ou variava?

P1: Variava. E ela estava sempre ali pra... Porque a gente põe uma pessoa mais forte com uma mais fraca e ela sempre acabava ajudando. E até então eu não tinha notado, porque ela não era uma pessoa de estar ajudando, interferindo. E eu passei a notar que interferia, assim, tinha disponibilidade pra dar dicas, pra ajudar.

E como é que você percebe que a outra criança recebia essas dicas - aproveitava, dava pra... Essa outra criança mais fraquinha, como você falou.

P1: Recebia bem, era uma ajuda, né, uma idéia, uma colocação... Um ponto pra estar desenvolvendo.

ANEXO 18: “Chapeuzinho Vermelho” (GRIMM, Jakob e Wilhelm. Os contos de Grimm. p. 144-149)

Era uma vez uma meninazinha mimosa, que todo o mundo amava assim que a via, mas mais que todos a amava a sua avó. Ela não sabia mais o que dar a essa criança. Certa vez, ela deu-lhe de presente um capuzinho de veludo vermelho, e porque este lhe ficava tão bem, e a menina não queria mais usar outra coisa, ficou se chamando Chapeuzinho Vermelho.

Certo dia, sua mãe lhe disse:

- Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos.

- Vou fazer tudo como se deve, - disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa.

A avó, porém, morava lá fora na floresta, a meia hora da aldeia.

E quando Chapeuzinho Vermelho entrou na floresta, encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que fera malvada era aquela, e não teve medo dele.

- Bom-dia, Chapeuzinho Vermelho, - disse ele.

- Muito obrigada, lobo.

- Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?

- Para a casa da vovó.

- E o que trazes aí debaixo do avental?

- Bolo e vinho. Foi assado ontem, e a vovó fraca e doente vai saboreá-lo e se fortificar com o vinho.

- Chapeuzinho Vermelho, onde mora a tua avó?

- Mais um bom quarto de hora adiante no mato, debaixo dos três grandes carvalhos, lá fica a sua casa; embaixo ficam as moitas de avelã, decerto já sabes isso, - disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou consigo mesmo: "Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso do que a velha. Tenho de ser muito esperto, para apanhar as duas".

Então ele ficou andando ao lado de Chapeuzinho Vermelho e logo falou:

- Chapeuzinho Vermelho, olha só para as lindas flores que crescem aqui em volta! Por que não olhas para os lados? Acho que nem ouves o mavioso canto dos passarinhos! Andas em frente como se fosses para a escola, e no entanto é tão alegre lá no meio do mato.

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos, e quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: "Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo certo".

Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores. E quando apanhava uma, parecia-lhe que mais adiante havia outra mais bonita, e ela corria para colhê-la e se embrenhava cada vez mais pela floresta adentro.

O lobo, porém, foi direto para a casa da avó e bateu na porta.

- Quem está aí fora?

- É Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre!

- Aperta a maçaneta, - disse a vovó, - eu estou muito fraca e não posso me levantar.

O lobo apertou a maçaneta, a porta se abriu, e ele foi, sem dizer uma palavra, direto para a cama da vovó e engoliu-a. Depois, ele se vestiu com a roupa dela, pôs a sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou o cortinado.

Chapeuzinho Vermelho, porém, correu atrás das flores, e quando juntou tantas que não podia carregar mais, lembrou-se da vovó e se pôs a caminho da sua casa. Admirou-se ao

encontrar a porta aberta, e quando entrou, percebeu alguma coisa tão estranha lá dentro, que pensou: "Ai, meu Deus, sinto-me tão assustada, eu que sempre gosto tanto de visitar a vovó!" E ela gritou:

- Bom-dia!

Mas não recebeu resposta. Então ela se aproximou da cama e abriu as cortinas. Lá estava a vovó deitada, com a touca bem afundada na cabeça, e um aspecto muito esquisito.

- Ai, vovó, que orelhas grandes que você tem!

- É para te ouvir melhor!

- Ai, vovó, que olhos grandes que você tem!

- É para te enxergar melhor.

- Ai, vovó, que mãos grandes que você tem!

- É para te agarrar melhor.

- Ai, vovó, que bocarra enorme que você tem!

- E para te devorar melhor.

E nem bem o lobo disse isso, deu um pulo da cama e engoliu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

Quando o lobo satisfez a sua vontade, deitou-se de novo na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. O caçador passou perto da casa e pensou: "Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa". Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela.

- É aqui que eu te encontro, velho malfeitor, - disse ele, - há muito tempo que estou à tua procura.

Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora e gritou:

- Ai, como eu fiquei assustada, como estava escuro lá dentro da barriga do lobo!

E aí também a velha avó saiu para fora ainda viva, mal conseguindo respirar. Mas Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo. Quando ele acordou, quis fugir correndo, mas as pedras eram tão pesadas, que ele não pôde se levantar e caiu morto.

Então os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho Vermelho trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou: "Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso".

ANEXO 19: O Chapeuzinho Vermelho. PERRAULT, Charles.

Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A mãe era doida por ela e a avó ainda mais. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:

- Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e este potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.

Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.

O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele:

- Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando.

- Ela mora muito longe? – perguntou o Lobo.

- Oh! Sim, respondeu Chapeuzinho Vermelho.. – É pra lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha.

- Pois bem, - disse o Lobo, - eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por esse caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florzinhas que encontrava.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: toc, toc.

- Quem está aí?

- É sua neta, Chapeuzinho Vermelho – disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você.

A bondosa avó, que estava de cama porque não passava muito bem, gritou:

- Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Ele avançou sobre a pobre mulher e devorou-a num instante, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e foi se deitar na cama da avó. Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc.

- Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:

- É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta pra você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou.

O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

- Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu.

O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta, e falou:

- Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente do natural. Disse para ela;

- Minha avó, como você tem braços grandes!

- É pra te abraçar melhor, minha filha.

- Minha avó, como você tem pernas grandes!

- É pra correr melhor, minha menina.

- Minha avó, como você tem orelhas grandes!
 - É pra escutar melhor, minha filha.
 - Minha avó, como você tem olhos grandes!
 - É pra ver melhor, minha menina.
 - Minha avó, como você tem dentes grandes!
 - É para te comer.
- E dizendo estas palavras, o Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

MORAL

Vimos que os jovens,
Principalmente as moças,
Lindas, elegantes e educadas,
Fazem muito mal em escutar
Qualquer tipo de gente.
Assim, não será de estranhar
Que, por isso, o lobo as devore.
Eu digo o lobo porque todos os lobos
Não são do mesmo tipo.
Existe um que é manhoso
Macio, sem fel, sem furor.
Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
Persegue as jovens moças
Até em suas casas e seus aposentos.
Atenção, porém!
As que não sabem
Que esses lobos melosos
De todos eles são os mais perigosos.

ANEXO 20: “Joãozinho e Mariazinha” (GRIMM, Jakob e Wilhelm. Os contos de Grimm. p.79-90)

Perto de grande floresta vivia um pobre lenhador com a sua mulher e os seus dois filhos; o menino chamava-se Joãozinho e a menina, Mariazinha. O homem tinha pouca coisa para mastigar, e certa vez, quando houve grande fome no país, ele não conseguia nem mesmo ganhar para o pão de cada dia. E quando ele estava, certa noite, pensando e se revirando na cama de tanta preocupação, suspirou e disse à mulher:

- O que será de nós? Como poderemos alimentar nossos pobres filhos, se não temos mais nada nem para nós mesmos?

- Sabes de uma coisa, - respondeu a mulher, - amanhã bem cedo levaremos as crianças para a floresta, onde o mato é mais espesso. Lá acenderemos uma fogueira e daremos a cada criança um pedaço de pão; então iremos trabalhar e as deixaremos sozinhas. Elas não acharão mais o caminho de volta para casa, e estaremos livres delas.

- Não, mulher, - disse o marido, eu não farei isso; como poderei forçar meu coração a deixar meus filhos abandonados na floresta? As feras selvagens viriam logo estraçalhá-los.

- És um tolo, - disse ela, - então teremos de morrer de fome, os quatro; já podes procurar as tábuas para os nossos caixões. - E não lhe deu sossego até que ele concordou.

- Mas eu tenho dó das pobres crianças, mesmo assim, - disse o marido.

As duas crianças, que também não conseguiram dormir por causa da fome, ouviram tudo o que a madrasta dissera ao seu pai. Mariazinha chorou lágrimas amargas e disse a Joãozinho:

- Agora estamos perdidos!

- Sossega Mariazinha, - disse Joãozinho; - não te preocupes. Eu vou encontrar um jeito de nos salvarmos.

E quando os velhos adormeceram, ele se levantou, vestiu o casaquinho, abriu a porta e se esgueirou para fora. A lua brilhava bem clara, e as pedrinhas brancas na frente da casa brilhavam como moedas de prata. Joãozinho abaixou-se e encheu os bolsos com aquelas pedrinhas, quantas cabiam. Então ele voltou depressa para casa e disse a Mariazinha:

- Consola-te, irmãzinha querida, e dorme tranquila, Deus não vai nos abandonar, - e voltou a deitar-se na cama.

Quando começou a amanhecer, antes do sol nascer, a mulher já foi entrando e acordando as crianças:

- Acordem, seus preguiçosos; nós vamos para a floresta buscar lenha, - e ela deu a cada urna um pedacinho de pão e disse: - Isto é para o vosso almoço, mas não comais antes, porque depois não ganhareis mais nada.

Mariazinha pôs o pão debaixo do avental, porque os bolsos de Joãozinho estavam cheios de pedrinhas. Então puseram-se todos a caminho da floresta. Quando já tinham andado um pouco, Joãozinho parou e olhou para trás, para a casa, e fez isso outra vez e outra vez. O pai falou:

- Joãozinho, o que ficas olhando ali e te atrasando? Presta atenção e anda para a frente!

- Ora, pai, - falou Joãozinho, - estou olhando para o meu gatinho branco que está sentado no telhado e quer me dar adeus.

A mulher falou:

- Bobo, não é o gatinho; é o sol da manhã que brilha na chaminé.

Mas Joãozinho não olhava para o gatinho, e sim jogava cada vez uma pedrinha brilhante do bolso para o caminho.

Quando eles chegaram no meio da floresta, o pai falou:

- Agora juntem lenha, crianças, eu quero acender uma fogueira, para que não sintam frio.

Joãozinho e Mariazinha trouxeram gravetos, um montinho deles. Os gravetos foram acesos, e quando a chama já ardia bem alta, a mulher disse:

- Agora, deitem-se junto ao fogo, crianças, e descansem, enquanto nós entramos na floresta e procuramos lenha. Quando terminarmos, voltaremos para buscá-los.

Joãozinho e Mariazinha ficaram sentados junto ao fogo, e quando chegou o meio-dia, cada um comeu o seu pedaço de pão. E como estavam ouvindo os golpes do machado, pensaram que o pai estava perto. Mas não era o machado, era um galho que o pai amarrara a uma árvore seca, que o vento fazia bater de um lado para outro. Ficaram lá sentados muito tempo, até que seus olhos se fecharam de cansaço e ambos adormeceram profundamente. E quando acordaram, já era noite fechada.

Mariazinha começou a chorar e disse:

- Como é que vamos sair da floresta agora?

Mas Joãozinho a consolou:

- Espera um pouquinho, até que apareça a lua, então nós acharemos o caminho.

E quando surgiu a lua cheia, Joãozinho tomou a irmãzinha pela mão e seguiu as pedrinhas brancas que brilhavam como moedas de prata recém-cunhadas e mostravam o caminho às crianças. Caminharam a noite inteira e chegaram de madrugada à casa de seu pai. Bateram na porta, e quando a mulher abriu e viu que eram Joãozinho Mariazinha, foi logo dizendo:

- Ó crianças más, por que ficaram tanto tempo dormindo na floresta? Nós pensamos que não queriam voltar mais para casa.

Mas o pai ficou contente, porque lhe doera o coração por ter deixado as crianças assim sozinhas e abandonadas.

Pouco depois houve novamente miséria por toda parte, e as crianças ouviram a madrasta falando ao pai, de noite na cama:

- Já consumimos tudo de novo; temos ainda meio filão de pão, depois será o fim de tudo. Temos de nos livrar das crianças; vamos levá-las para mais fundo na floresta, para que não encontrem mais o caminho de volta - não há outra salvação para nós.

Isto era doloroso para o coração do homem, e ele pensou: "Melhor seria repartir o último bocado com as crianças". Mas a mulher não queria ouvir nada do que ele dizia, ralhou com ele e repreendeu-o Quem diz "A" tem de dizer "B", e já que ele cedera da primeira vez tinha de fazê-lo também agora.

Mas as crianças ainda estavam acordadas e escutaram a conversa Quando os velhos adormeceram, Joãozinho se levantou, como da outra vez, mas a mulher trancara a porta e ele não conseguiu sair. Mas ele consolou a irmãzinha e disse:

- Não chores, Mariazinha, e dorme tranqüila; o bom Deus vai nos ajudar.

De manhã cedo a mulher veio e tirou as crianças da cama. Elas receberam o seu pedacinho de pão, que era ainda menor que o anterior. No caminho da floresta, Joãozinho esfarelou-o dentro do bolso, parou diversas vezes e jogou no chão uma migalha atrás da outra.

- Joãozinho, por que ficas parando e olhando para trás? -perguntou o pai. - Vai andando em frente.

- Estou olhando para a minha pombinha, que está pousada no telhado e quer me dar adeus, - respondeu Joãozinho.

- Bobo, - resmungou a mulher, - não é pombinha nenhuma, é o sol da manhã brilhando na chaminé.

Mas Joãozinho ia jogando migalha após migalha pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais fundo na floresta, onde elas nunca estiveram antes em toda a vida. Lá fizeram novamente uma grande fogueira, e a madrasta falou:

- Fiquem sentadas aqui, crianças, e quando estiverem cansadas podem dormir um pouco; nós vamos para dentro do mato cortar lenha, e à tardinha, quando terminarmos, viremos buscá-las.

Quando foi meio-dia, Mariazinha repartiu o seu pão com Joãozinho, que espalhou o seu pelo caminho. Então eles adormeceram, e anoiteceu, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Elas acordaram quando já era noite fechada, e Joãozinho consolou a irmãzinha e disse

- Espera só, Mariazinha, até que apareça a lua; aí poderemos ver as migalhas de pão que eu fui espalhando, e elas nos mostrarão o caminho de volta para casa.

Quando a lua surgiu, eles prepararam-se para ir: mas não encontraram nem uma só migalha, porque os milhares de pássaros que voavam na floresta e no campo as bicaram todas. Joãozinho disse a Mariazinha:

- Nós vamos encontrar o caminho!

Mas eles não o encontraram. Caminharam a noite inteira e mais um dia, da manhã até a noite, mas não conseguiram sair da floresta e estavam com muita fome, pois não tinham comido nada a não ser umas poucas bagas que acharam no chão. E como estavam tão cansados que as pernas não os carregavam mais, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Agora já era o terceiro dia desde que eles saíram da casa do pai. Recomeçaram a caminhada, mas só se aprofundavam cada vez mais na floresta, e se não lhes viesse ajuda logo, morreriam de fome. Quando foi meio-dia, eles viram um lindo passarinho branco como a neve pousado num ramo, o qual cantava tão bem que eles pararam para escutá-lo. E quando ele terminou, bateu asas e saiu voando na frente deles, e eles o seguiram, até que ele chegou a uma casinha, sobre cujo telhado pousou. E quando eles chegaram bem perto, viram que a casinha era feita de pão e coberta de bolo, e as janelas eram de açúcar transparente.

- Agora vamos avançar nela, - disse Joãozinho, - e fazer uma refeição abençoada. Quero comer um pedaço do telhado! Mariazinha, tu podes comer um pedaço da janela, ela é doce.

Joãozinho estendeu a mão para o alto e arrancou um pedacinho do telhado, para provar o seu gosto, e Mariazinha ficou perto da vidraça, para mordiscá-la.

Mas aí eles ouviram uma voz fina gritando de dentro da casa:

"Roque, roque, roidinha, / Quem roeu minha casinha?"

As crianças responderam:

"Não foi ela, não fui eu, Foi o vento quem roeu",

e continuaram a comer sem se deixarem perturbar. Joãozinho, que gostou muito do sabor do telhado, arrancou um bom pedaço dele, e Mariazinha soltou uma vidraça redonda inteira, sentou-se e ficou comendo.

De repente a porta se abriu, e apareceu, arrastando os pés, uma mulher muito, muito velha, apoiada numa muleta.

Joãozinho e Mariazinha ficaram tão assustados que deixaram cair o que tinham nas mãos. Mas a velha balançou a cabeça e disse:

- Ei, lindas crianças, quem vos trouxe aqui? Entrai, ficai comigo que não vos farei mal.

Ela tomou os dois pela mão e levou-os para dentro da casinha. E serviu-lhes boa comida, leite com panquecas e açúcar, maçãs e nozes. Depois, arrumou-lhes duas boas caminhas com alvos lençóis, e Joãozinho e Mariazinha deitaram-se nelas, pensando que estavam no céu.

Mas a velha só se fingira de boazinha, pois era uma bruxa malvada, que tocava crianças, e só construía aquela casinha de pão para atraí-las. Quando uma criança caía em seu poder, ela a matava, cozinhava e comia, e era para ela um dia de festa. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam muito longe, mas possuem um faro fino como os animais e percebem quando há gente se aproximando. Quando Joãozinho e Mariazinha estavam chegando, ela riu um riso mau e disse zombeteira:

- Estes eu já peguei, não me escaparão mais.

De manhã cedinho, antes que as crianças acordassem, ela se levantou, e quando as viu dormindo tão bonitas, com suas bochechas redondas e coradas, resmungou consigo mesma: "Este aqui será um bom bocado!"

Então ela agarrou Joãozinho com a sua mão ossuda, levou-o para um curralzinho e trancou-o atrás de uma porta gradeada: ele podia gritar à vontade, que não lhe adiantaria nada.

Aí ela foi até a Mariazinha, acordou-a com uma sacudidela e gritou:

- Acorda, preguiçosa, vai buscar água e cozinha alguma coisa boa para o teu irmão, que está lá fora no curral e precisa engordar. Quando ele estiver bem gordo, eu vou comê-lo.

Mariazinha começou a chorar amargamente, mas era tudo em vão, ela tinha de fazer o

que a bruxa malva da mandava.

- Agora o pobre Joãozinho era alimentado com a melhor comida, enquanto Mariazinha só ganhava cascas de caranguejo. Todas as manhãs a velha manquitolava até o curralzinho e dizia:

- Joãozinho, mostra-me teus dedos, para eu sentir se já estás gordinho.

Mas Joãozinho lhe passava pela grade um ossinho de frango, e a velha, que tinha a vista fraca, não podia vê-lo e pensava que era um dedo do Joãozinho, e se admirava porque ele não queria engordar. Quando passaram quatro semanas e Joãozinho continuava magro, ela per deu a paciência e não quis esperar mais.

- Aqui, Mariazinha! - gritou ela para a menina; - anda ligeiro e traz a água! O Joãozinho pode estar gordo ou magro, não importa amanhã eu vou matá-lo e cozinhá-lo.

Ai, como se lamentava a pobre irmãzinha, obrigada a carregar a água, e como lhe escorriam as lágrimas pelas faces abaixo!

- Meu bom Deus, ajuda-nos! - exclamou ela, - antes as feras selvagens nos tivessem devorado na floresta, pelo menos teríamos morrido juntos!

- Poupa-me esta choradeira, - disse a velha; - não vai te adiantar nada.

De manhã cedo Mariazinha teve de sair para pendurar o caldeirão com água e acender o fogo.

- Primeiro vamos assar pão, - disse a velha, - eu já esquentei o forno e sovei a massa.

E ela empurrou a pobre Mariazinha para fora, para o forno de assar, do qual já escapavam as chamas do fogo.

- Enfia-te lá dentro, - ordenou a bruxa, - e vê se o fogo já esta bem quente para que possamos empurrar o pão para dentro.

Assim que Mariazinha estava quase dentro, ela quis fechar o forno, para que Mariazinha lá ficasse assada, porque ela queria devorá-la também.

Mas Mariazinha percebeu o que a bruxa tinha em mente e disse:

- Não sei como fazer isso - como é que eu posso entrar lá?

- Menina burra, - disse a velha, - a abertura é grande o bastante; olha, eu mesma posso passar por ela, - e ela chegou pertinho e enfiou a cabeça no forno.

Então Mariazinha deu-lhe um empurrão tão forte que ela caiu lá dentro inteira, e a menina bateu a portinhola de ferro e puxou o ferrolho.

"Uuu!" Aí ela começou a uivar horrivelmente, mas Mariazinha sai~ correndo e a bruxa perversa teve de perecer queimada.

Então Mariazinha correu direto para o Joãozinho, abriu o seu curralzinho e gritou:

- Joãozinho, estamos livres, a bruxa velha está morta! Então Joãozinho saltou fora como um passarinho libertado da gaiola

-Como eles ficaram felizes, como se abraçaram e pularam e se beijaram! E como não precisavam mais ter medo, eles entraram na casa da bruxa. E lá estavam, em todos os cantos, caixinhas cheias de pérola e pedras preciosas.

- Estas são ainda melhores que as pedrinhas brancas, - disse Joãozinho, e encheu os bolsos com quanto cabia neles, e Mariazinha disse:

- Eu também quero levar alguma coisa para casa, - e encheu seu aventalzinho.

- Mas agora vamos embora, - disse Joãozinho, - para que possamos sair desta floresta enfeitada.

Depois que eles caminharam algumas horas, chegaram a um grande lago.

- Não podemos passar, - disse Joãozinho; - não vejo prancha nem ponte.

- E também não há barquinho nenhum, - respondeu Mariazinha. - mas lá está um pato branco nadando; se eu lhe pedir, ele nos ajudará. E ela gritou:

- Patinho, patinho, aqui estão Mariazinha e Joãozinho. Não vemos nem prancha nem ponte, leva-nos no teu alvo dorso!

O patinho aproximou-se logo, e Joãozinho montou nele e pediu que a irmãzinha montasse junto.

- Não, - disse Mariazinha, - assim será pesado demais para o patinho; ele que leve um de

nós de cada vez.

Foi o que fez o bom animalzinho, e quando os dois já estavam seguros do outro lado, e caminharam um pouco mais adiante, o mato começou a parecer-lhes mais conhecido, e finalmente eles avistaram de longe a casa do seu pai.

Então eles puseram-se a correr, precipitaram-se para dentro da casa e caíram nos braços do pai.

O homem não tivera nem um momento de paz desde que deixara os filhos na floresta, mas a mulher já morrera.

Mariazinha sacudiu seu aventalzinho, e as pérolas e as pedras preciosas saíram pulando pelo chão, e Joãozinho tirava dos bolsos um punhado atrás do outro e as juntava àquelas.

Então todas as tristezas tiveram fim, e eles viveram juntos e felizes.

ANEXO 21: “Maninho e Maninha” (GRIMM, Jakob e Wilhelm. Os contos de Grimm. p. 126-134)

Maninho pegou sua Maninha pela mão e disse:

- Desde que a nossa mãe morreu, não tivemos mais uma única hora boa; a madrasta bate-nos todos os dias, e quando a procuramos ela nos enxota a pontapés. As duas crostas de pão que sobram são o nosso alimento, até o cãozinho debaixo da mesa passa melhor que nós: às vezes ela até lhe joga um bocado melhor. Deus tenha misericórdia, se a nossa mãe soubesse disso! Vem, vamos embora juntos para o vasto mundo.

Caminharam o dia inteiro por prados, campos e pedras, e quando chovia, Maninha dizia:

- Deus e os nossos corações, eles choram juntos!

Ao anoitecer, chegaram a uma grande floresta, e estavam tão cansados de tristeza, fome e da longa caminhada, que se sentaram num tronco oco e adormeceram.

Na manhã seguinte, quando acordaram, o sol já estava alto no céu e brilhava para dentro do mato. Então Maninho falou:

- Maninha, estou com sede. Se eu soubesse de uma fonte iria lá e beberia; parece que estou ouvindo um marulhar.

Maninho levantou-se, tomou Maninha pela mão e foram procurar a fonte. Mas a malvada madrasta, que era uma bruxa, vira muito bem quando as crianças partiram, seguira-as sorratamente, às escondidas, arrastando-se como as bruxas se arrastam, e enfeitiçara todas as fontes da floresta. Quando então eles encontraram uma fonte que saltava clara e alegre por cima das pedras; Maninho quis beber da sua água; mas Maninha ouviu a fala do riacho marulhando:

- Quem beber de mim, vira tigre, vira tigre. Então Maninha exclamou:

- Eu te peço, Maninho, não bebas, senão vais virar fera selvagem e vais me estraçalhar!

Maninho não bebeu, apesar de sentir muita sede, e disse:

- Vou esperar até a próxima fonte.

Quando eles chegaram à segunda nascente, Maninha ouviu também a voz desta, que dizia:

- Quem beber de mim, vira lobo; quem beber de mim, vira lobo. A Maninha gritou:

- Maninho, eu te peço, não bebas, senão virarás lobo e me devorarás!

Maninho não bebeu e disse:

- Esperarei até chegarmos à próxima fonte, mas então terei de beber, não importa o que disseres. Minha sede é grande demais.

E quando eles chegaram à terceira nascente, Maninha ouviu a sua voz no marulhar, dizendo:

- Quem beber de mim, vira corça; quem beber de mim, vira corça. Maninha disse:

- Meu Maninho, eu te peço, não bebas, senão virarás corça e fugirás de mim.

Mas Maninho já se abaixara junto da fonte, se inclinara sobre ela e bebera da sua água, e assim que a primeira gota tocara seus lábios, lá estava ele, transformado em veadinho.

Agora Maninha chorava pelo pobre Maninho enfeitiçado, e o veadinho também chorava, triste, sentado ao seu lado. Então a menina falou:

- Sossega, veadinho querido, eu não vou te abandonar, nunca.

Então ela tirou a sua liga dourada, e colocou-a no pescoço do veadinho; colheu juncos e trançou uma corda macia, na qual amarrou o bichinho e levou-o adiante, embrenhando-se cada vez mais pela floresta adentro.

E depois de andarem muito, muito tempo, acabaram chegando a uma casa pequenina. Maninha espiou para dentro, e como estava vazia, pensou: "Aqui podemos ficar e morar". Então ela juntou folhagens e musgos e fez um leito macio para o veadinho, e todas as manhãs ela saía e colhia raízes, bagas e nozes para si mesma. Para o veadinho, ela trazia grama fresca e delicada, que o veadinho comia da sua mão, ficava alegre e brincava diante da menina. A noite, quando Maninha estava cansada, fazia a sua oração e deitava a cabeça sobre as costas do bichinho, e

esse era o seu travesseiro no qual ela adormecia suavemente. E se ao menos Maninho tivesse a sua forma humana, aquela seria uma vida maravilhosa.

Assim eles viveram algum tempo sozinhos naquela selva. Um dia, aconteceu que o rei do país promoveu grande caçada na floresta. Então soaram por entre as árvores os clarins, os latidos dos cães e os gritos alegres dos caçadores, e o veadinho os ouvia e tinha muita vontade de participar daquilo tudo.

- Ai, - disse ele à Maninha, - deixa-me sair para a caçada, eu não agüento mais ficar aqui, - e pediu tanto, até que a menina concordou.

- Porém, - disse ela, - volta para casa ao anoitecer! Porque vou trancar a porta diante dos turbulentos caçadores. E para que eu te reconheça, bate e fala: "Maninha minha, abre a portinha!" E se não falares assim, não destrancarei minha porta.

Então o veadinho saltou para fora, e sentiu-se tão bem, e ficou muito alegre ao ar livre.

O rei e seus caçadores viram o belo animal e partiram ao seu encalço, mas não conseguiram alcançá-lo. E quando pensaram que já o tinham apanhado, ele pulou por cima dos arbustos e desapareceu. Quando escureceu, ele correu para a casinha, bateu e disse: "Maninha minha, abre a portinha!" E a pequena porta se abriu para ele, ele saltou para dentro e descansou a noite inteira no seu macio leito.

Na manhã seguinte, a caça recomeçou, e quando o veadinho ouviu de novo as clarinadas e os gritos dos caçadores, não teve sossego e insistiu:

- Maninha, abre, deixa-me sair!

Maninha abriu a porta e disse:

- Mas ao anoitecer debes voltar e tornar a dizer a tua falinha.

Quando o rei e seus caçadores tornaram a ver o veadinho com a coleira dourada, correram-lhe todos ao encalço, mas ele era ligeiro e ágil demais para eles. A caçada durou o dia inteiro, mas afinal os caçadores conseguiram cercá-lo, e um deles feriu-o um pouco no pé, de modo que ele começou a mancar e só conseguiu fugir mais devagar. Então um dos caçadores seguiu-o furtivamente até a casinha, e ouviu como ele chamava: "Maninha minha, abre a portinha!", e viu então como a porta se abria e se trancava no mesmo instante. O caçador marcou bem isso, voltou ao rei e contou-lhe o que vira e ouvira. Então o rei falou:

- Amanhã faremos outra caçada.

Maninha, porém, assustou-se muito, quando viu que o seu veadinho estava ferido. Ela lavou-lhe o sangue do pé, pôs ervas no ferimento e disse:

- Deita-te na tua cama, veadinho querido, para que sares logo.

O ferimento, porém, era tão pequeno, que na manhã seguinte o veadinho já não sentia mais nada. E quando ele ouviu de novo os ruídos do grupo da caçada lá fora, falou:

- Eu não agüento ficar, preciso estar lá com eles; tão cedo ninguém vai me apanhar.

Maninha começou a chorar e disse:

- Agora eles vão te matar, e eu vou ficar abandonada na floresta, sozinha no mundo. Não vou te deixar sair.

- Então eu vou morrer de tristeza aqui, - respondeu o veadinho; - quando ouço o clarim dos caçadores, sinto que vou pular fora da minha pele!

Então Maninha não pôde fazer nada e abriu-lhe a porta, de coração pesado, e o veadinho saltou para o mato, são e satisfeito. Quando o rei pôs os olhos nele, gritou para os seus caçadores:

- Agora corram atrás dele o dia inteiro e pela noite adentro, mas que ninguém lhe faça mal algum!

Assim que o sol se pôs, o rei falou a um dos seus caçadores:

- Agora vem e mostra-me a casinha na floresta.

E quando ele chegou diante da pequena porta, bateu e disse:

- Maninha minha, abre a portinha!

Então a porta se abriu, mas quem entrou foi o rei. Diante dele estava uma menina, que era tão linda como ele nunca vira igual. A menina assustou-se ao ver que não era o seu veadinho

que entrava, mas sim um homem com uma coroa de ouro na cabeça. Mas o rei fitou-a gentilmente, estendeu-lhe a mão e disse:

- Queres vir comigo para o meu castelo para ser minha amada esposa?

- Oh, sim - respondeu a menina, - mas o veadinho tem de vir comigo, eu não vou abandoná-lo.

Então o rei disse:

- Ele ficará contigo enquanto viveres, e nada lhe faltará.

E o veadinho também já estava chegando aos pulos. Então Maninha prendeu-o de novo com a corda de juncos, que segurou na mão, e saiu com ele para fora da casinha da floresta.

O rei colocou a bela moça no seu cavalo e levou-a para o seu castelo, onde o casamento foi celebrado com grande pompa, e Maninha era agora a Senhora Rainha, e eles viveram muito tempo juntos e contentes. O veadinho era cuidado e tratado e pulava alegre pelos jardins do castelo.

A perversa madrasta, por causa de quem os dois irmãos saíram para o vasto mundo, pensava, porém, que Maninha tinha sido devorada pelas feras selvagens da floresta, e que Maninho, na forma de veadinho, fora morto a tiros pelos caçadores. E quando ela soube que ambos estavam bem e muito felizes, a inveja e a maldade despertaram no seu coração e não lhe deram sossego. Ela não tinha outro pensamento a não ser como causar a desgraça daqueles dois. A sua própria filha, que era feia como a noite e só tinha um olho, fazia-lhe censuras e reclamava:

- Chegar a ser rainha, esta sorte era a mim que caberia!

- Fica sossegada, - disse-lhe a velha, procurando tranqüilizá-la.

- Quando chegar a hora, eu estarei a postos.

Quando a rainha teve um lindo menino e o rei estava justamente caçando, a bruxa velha assumiu a forma de camareira, entrou no quarto onde a rainha descansava, deitada, e disse à doente:

- Vem, senhora, o banho está pronto, ele te fará bem e te dará novas forças: depressa, antes que esfrie.

A sua filha também estava lá. As duas carregaram a debilitada rainha para o quarto de banho e a deitaram na banheira; então elas trancaram a porta e fugiram. Mas antes elas tinham aceso um fogo tão infernal na estufa do quarto de banho, que a jovem e bela rainha logo morreu sufocada.

Feito isso, a velha colocou uma touca na cabeça da filha e a fez deitar-se na cama no lugar da rainha. Deu-lhe também a forma e o aspecto da rainha, menos o olho perdido, que ela não pôde lhe devolver. E para que o rei não o notasse, ela devia ficar deitada sobre o lado onde faltava um olho.

Quando à noite o rei voltou e soube que lhe nascera um filhinho, alegrou-se de coração e quis se aproximar da cama da sua querida esposa, para ver como ela passava. Mas a velha gritou depressa:

- Não, não! Deixe o cortinado fechado, a rainha ainda não pode olhar para a luz, e tem que ficar em repouso!

O rei se afastou, sem saber que na cama estava deitada uma falsa rainha.

Quando, porém, bateu meia-noite, e tudo dormia, a ama, que estava sentada ao lado do berço e era a única que velava, viu a porta se abrindo e a verdadeira rainha entrando. Ela tirou a criança do berço, pegou-a no colo e deu-lhe de mamar. Então, sacudiu o seu travesseirinho, colocou-a de volta no berço e cobriu-a com a colchinha. Mas não esqueceu o veadinho, que estava deitado num canto, foi lá e acariciou-lhe o pêlo das costas. Depois disso, ela saiu em silêncio pela porta, e a ama perguntou na manhã seguinte aos guardas se durante a noite alguém entrara no castelo. Esses responderam:

- Não, nós não vimos ninguém.

Ela veio assim muitas noites, e nunca disse uma só palavra. A ama sempre via a mãe, mas não se atrevia a falar disso a ninguém.

Quando passou assim algum tempo, a rainha começou a falar durante a noite, e disse:
"Como vai o meu filho? Meu veado o que faz? Volto mais duas vezes, depois nunca mais."

A ama não lhe respondeu, mas quando ela desapareceu de novo, foi ao rei e contou-lhe tudo. Então o rei disse:

- Meu Deus, o que é isso? Na próxima noite eu mesmo velarei ao lado do meu filho.

À noite ele foi para o quarto da criança, e à meia-noite a rainha apareceu de novo e disse:

"Como vai meu filho? Meu veado o que faz? Volto mais uma vez, depois nunca mais."

Então ela amamentou a criança, como costumava fazer, antes de desaparecer. O rei não ousou dirigir-se a ela, mas ficou velando também na noite seguinte. Ela falou de novo:

"Como vai meu filho? Meu veado o que faz? Eu vim desta vez, depois nunca mais."

Então o rei não resistiu, precipitou-se para ela e gritou:

- Tu não podes ser outra senão minha esposa amada!

E ela respondeu:

- Sim, eu sou tua esposa amada, e no mesmo instante, pela graça de Deus, ela recuperou a vida, ficou sã, viçosa e corada.

Então ela contou ao rei o crime que a bruxa malvada e sua filha cometeram contra ela.

O rei ordenou que elas fossem julgadas, e elas foram condenadas.

A filha foi levada para a floresta, onde as feras selvagens a devoraram.

A bruxa, porém, foi para a fogueira, onde teve de morrer queimada.

Mas assim que ela se transformou em cinzas, quebrou-se o feitiço do veadinho e ele recobrou a sua figura humana. E Maninha e Maninho viveram juntos e felizes até o fim.

ANEXO 22: “O quadro de pano” (BONAVENTURE, Jette. O que conta o conto? p. 26-48)

Havia uma vez, numa região árida ao pé das montanhas, uma pobre viúva que tinha três filhos. O maior não prestava para grande coisa, e tampouco o segundo. O caçula é que era filho carinhoso e trabalhador, que sempre procurava ajudar a mãe no que podia. A mãe ficava tecendo o dia todo, fazendo brotar de seus dedos flores maravilhosas, pássaros e bichos de todo tipo; levava os seus tecidos prontos para a feira de uma cidade vizinha, recebendo em troca dinheiro suficiente para comprar comida para ela e para os filhos.

O caçula costumava ir catar lenha numa floresta próxima, enquanto os outros dois irmãos se espreguiçavam ao sol, esperando que a mãe providenciasse comida.

Um dia, a mãe acabou de vender seus brocados um pouco mais cedo que de costume e foi, então, dar uma volta pela feira, procurando um vendedor que oferecesse arroz mais barato. De repente, seus olhos pousaram numa linda tela pendurada numa loja. Aproximou-se para ver melhor. Era um quadro reproduzindo uma montanha parecida com a que havia atrás de sua aldeia, só que perto dela, em vez de cabanas pobres, havia um grupo de lindas casas limpinhas. Entre elas, a mais bonita era uma casa de andares, situada no meio de um jardim, atravessado por um riacho prateado, que formava um pequeno lago no qual se agitavam peixinhos vermelhos. Aves de galinheiro ciscavam aqui e acolá, e belas ovelhas brancas pastavam nas ladeiras da montanha; campos de milho dourado se estendiam a perder de vista. Culminando essa tela idílica, havia no topo da montanha um grande sol de fogo.

A mãe ficou pasma com a beleza do quadro, e não se cansava de olhá-lo. Sem hesitar um minuto, tirou todo o dinheiro que tinha no bolso e que acabara de receber pelos próprios tecidos, e comprou o quadro. Só lhe sobraram algumas moedinhas para comprar um pouco de arroz para levar para casa. “Só uma vez”, pensava, “não será tão terrível. Na próxima vez comprarei alguma coisa melhor para meus filhos.” No caminho, parava de vez em quando para desenrolar o quadro e admirá-lo. Como as casas brilhavam! Como o riacho cintilava! Contava quantas galinhas havia, quantos patos, e olhava para a pequena horta com seus belos legumes, tendo até a impressão de que podia sentir o perfume das flores que embelezavam o jardim. Nunca tinha se sentido tão feliz em toda a sua vida.

Em casa, a mãe pendurou o quadro perto da porta. Não conseguia tirar os olhos de lá. Os dois filhos maiores resmungaram e acharam ridículo gastar tanto dinheiro só para comprar um quadro, mas o caçula declarou:

- Gostaria que você tivesse uma casa parecida com a desse quadro, mamãe, com um jardim igualzinho. Se eu fosse você, teceria um quadro de pano usando este aqui como modelo. Enquanto você estiver tecendo a casa, as flores, o riacho e as galinhas, você terá a impressão de já ser dona de tudo isso.

- Não fique pondo essas idéias na cabeça da mãe -falou o filho mais velho bocejando. Se ela começar a tecer por prazer, onde é que vamos encontrar dinheiro para viver?

- É claro - opinou o segundo filho. Se a mãe quer viver como uma grande dama, que espere pela outra vida. Talvez seja melhor do que esta!

No entanto, a idéia do filho caçula a seduzia.

-Não temam, meus filhos, que eu vá prejudicá-los -ela falou, para acalmá-los. Vou tecer à noite e de manhãzinha para meu prazer, e o resto do dia, para alimentá-los. Até agora alimentei vocês e vou continuar a fazê-lo. Então ela comprou os fios mais lindos e se pôs a tecer.

A mãe passou um longo ano sentada tecendo. De noite, acendia uma tocha, cuja fumaça provocava lágrimas em seus olhos. Uma a uma, as gotas cristalinas caíam sobre o pano que estava tecendo e ela as ia incorporando ao quadro. Foi assim que teceu o lago e o riacho, com suas lágrimas.

No segundo ano, os pobres olhos da mãe estavam tão irritados, que até sangravam. E eram lágrimas vermelhas que caíam sobre o brocado que ela tecia. A mãe as ia incorporando ao

quadro, tecendo flores vermelhas e o sol que iluminava o céu.

No terceiro ano, o quadro estava terminado. Continha tudo o que estava no modelo: uma região cheia de verduras ao pé de uma alta montanha, casinhas que pareciam de prata, campos de milho dourado, jardins com legumes, árvores frutíferas, arbustos floridos e, à beira da aldeia, no lugar da pobre cabana da mãe, havia uma grande construção, com colunas vermelhas, portas amarelas e telhado azul. Atrás da casa, nas ladeiras verdes da montanha, pastavam ovelhas, búfalos e vacas; pintinhos amarelos e patinhos brincavam na grama, e pássaros cruzavam o céu em vôo rápido. Em primeiro plano, havia um jardim cheio de árvores e flores brilhantes e, no centro, um laguinho com peixinhos vermelhos; um riacho prateado atravessava os campos de arroz. Atrás da aldeia havia campos de milho dourado e, bem acima, um sol de cobre que brilhava num céu azul.

A mãe enxugou os olhos avermelhados e exibiu um sorriso de satisfação:

- Venham ver como está bonito, meus filhos!

Os três filhos aproximaram-se e deram um grito de admiração.

- Quanto dinheiro dariam por isso, se você o vendesse? - perguntou o filho mais velho.

- Por uma coisa assim, você poderá ganhar uma bela soma - confirmou o segundo filho.

Mas o caçula declarou:

- A nossa mãe construiu uma casa de seda para nós. Vamos contemplá-la e vivermos nela em pensamento.

- Teci este quadro para meu prazer e não quero vendê-lo - disse a mãe. Mas, aqui na penumbra não se enxerga muito bem tudo o que há nele. Vamos levá-lo para fora, para a luz do dia.

A mãe pendurou o quadro fora da casa e todas as cores ficaram mais intensas. Lá, à luz do dia, é que se podia ver realmente o quanto era bonito o quadro. Os vizinhos vieram admirá-lo e cada um cumprimentava a mãe, que sorria de felicidade.

De repente, ela sentiu no rosto a carícia de uma brisa leve, o pano de seda balançou, um vento mais forte o sacudiu como um tapete do qual se tira o pó e, por fim, ele foi arrancado da porta onde estava pendurado. Num instante, o quadro saiu voando pelos ares.

A mãe deu um grito e desmaiou. Os vizinhos saíram em todas as direções procurando o quadro de pano, os filhos procuraram por toda a redondeza, mas ninguém encontrou o quadro de seda da mãe.

Depois do sumiço, a mãe começou a vagar como uma alma penada. O caçula tentava consolá-la como podia, preparando sopas de gengibre, mas a mãe ia definhando rapidamente.

Depois de algum tempo, a mãe falou para o filho mais velho:

- Filho, se você quer que eu viva, vá procurar o meu quadro de pano e o traga de volta. Sem ele, é como se eu tivesse perdido uma parte de minha vida.

O filho calçou suas sandálias e saiu em direção ao leste. Andou meses a fio, até chegar a um desfiladeiro, onde havia uma casinha de pedra. Na frente da casa havia um cavalo esticando o pescoço em direção a uns morangos. "Por que o cavalo não come os morangos?" perguntou o rapaz a si próprio. "Por que será que fica assim esticando o pescoço de boca aberta?" Ao se aproximar, constatou que o cavalo era de pedra. Ficou muito surpreso com isso.

Enquanto estava lá contemplando o cavalo, estarecido, uma velha sorridente saiu da casa de pedra.

- O que você está procurando, meu filho? - ela perguntou, cordialmente.

- Estou procurando um quadro de pano que nossa mãe teceu, respondeu o filho mais velho. Nele minha mãe tinha reproduzido uma paisagem com uma casa, um riacho, um jardim, aves, o sol e as flores. Para ela fazer esse quadro, não comemos bem durante anos. Mal ela acabou de tecê-lo, o vento o levou, Deus sabe para onde. Mamãe me pediu para procurá-lo. Por acaso não sabe onde ele está?

- Sim, sei - falou a velha balançando a cabeça. Foram as fadas da Montanha Ensolarada que pegaram emprestado o quadro. Querem usá-lo como modelo para tecerem um brocado igualmente bonito.

- Fico feliz em saber para onde dirigir meus passos para reencontrá-lo - disse o irmão mais velho, com um suspiro de alívio. A senhora poderia me indicar o caminho da Montanha Ensolarada? Quero ir logo lá, só assim vou ficar tranquilo.

- É fácil dizer, mas difícil de realizar- disse a velha com um riso silencioso. Só se pode chegar lá montado neste cavalo aqui.

- Mas, esse cavalo é de pedra! - observou o irmão mais velho.

- Pouco importa - disse a velha. O cavalo voltará à vida assim que você implantar seus dentes nas gengivas dele, para que ele possa comer os morangos. Se você quiser, eu ajudo arrancar seus dentes com uma pedra.

O filho mais velho olhou para a velha espantado. Seus joelhos tremiam.

- E isto ainda não é nada - continuou a velha, parecendo não ter percebido o espanto do rapaz. O cavalo fará você atravessar as chamas de um vulcão e o gelo de uma geleira, e só depois, além do mar, você vai encontrar a Montanha Ensolarada e as fadas. Agora, se durante o percurso você suspirar uma vez apenas, as chamas vão reduzi-lo a cinzas, os pedaços de gelo da geleira vão quebrá-lo todo e as ondas do mar vão afogá-lo.

O filho mais velho recuou dois passos, olhando para o caminho por onde tinha vindo. A velha sorriu:

- Se você não estiver disposto, não se esforce! Melhor voltar para casa. Eu vou lhe dar uma caixinha cheia de moedas de ouro para sua caminhada.

- A senhora vai me dar, sem mais nem menos, estas moedas, sem nada em troca? - perguntou o irmão mais velho, incrédulo mas seduzido.

- Sim, assim por nada. Ou, se você quiser, para que você coma e não sinta fome - respondeu a estranha velhinha.

- De fato, é verdade, prefiro voltar para casa - disse o irmão mais velho, pegando as moedas de ouro e sumindo pelo mesmo caminho pelo qual tinha vindo. Ao chegar numa encruzilhada, falou para si mesmo: "Para uma pessoa apenas, estas moedas são suficientes, mas para quatro são poucas. Melhor eu ir à cidade do que voltar para casa. Vou viver como um senhor!" E tomou o caminho que levava à cidade.

Vendo, com o tempo, que o filho mais velho não voltava, um dia a mãe falou para o segundo:

- Seu irmão está viajando, Deus sabe onde. Sem dúvida se esqueceu de nós. Vá, meu filho, vá ver se encontra meu belo quadro de pano.

O filho do meio calçou suas sandálias e se pôs a caminho. Andou um dia, uma semana, um mês e chegou à casinha de pedra. Viu o cavalo de pedra esticando o pescoço em direção aos morangos. A velha apareceu na porta, perguntando:

- Que bons ventos o trazem por aqui, meu filho?

- Estou à procura de um quadro de pano que minha mãe teceu. O vento o levou - respondeu o segundo filho.

- Seu irmão mais velho já passou por aqui - disse a velha com um suspiro, mas teve medo de ir reconquistar o quadro de pano, porque teria que atravessar chamas e geleiras montado naquele cavalo.

- Mas é um cavalo de pedra - estranhou o filho do meio.

- Se você deixar eu arrancar seus dentes com uma pedra para implantá-los no cavalo, ele reviverá, comerá os morangos e poderá levá-lo até as fadas da Montanha Ensolarada, que irão lhe devolver o quadro.

- Era só o que faltava, deixar extrair meus dentes!- disse o irmão do meio alarmado. Prefiro voltar para casa.

- Neste caso, vou lhe dar um cofezinho cheio de moedas de ouro. Seu irmão também as recebeu.

"Então foi por isso que meu irmão não voltou para casa", pensou o irmão do meio. "E fez bem. Aproveitou melhor seu dinheiro em outro lugar." Então o irmão do meio pegou a caixinha com as moedas de ouro que lhe oferecia a velha e agradeceu educadamente, pensando em

sumir o mais rapidamente possível de lá e ir direto para a cidade. “Agora vou aproveitar a vida! Por que iria repartir com os outros?”

Ao cabo de mais um mês, a mãe chamou o caçula e lhe disse:

- Filho, me sinto fraca como uma mosca e, se não encontrar o meu quadro, creio que não vou resistir por muito tempo mais. Meus dois filhos maiores devem estar passeando, quem sabe onde? Sem dúvida se esqueceram de nós. Em você, sempre tive mais confiança. Vá, pois, à procura de meu quadro.

O filho caçula calçou suas sandálias e partiu. Chegou ao desfiladeiro em frente da casinha de pedra e do cavalo de pedra com o pescoço esticado para os morangos. Na porta da casa se encontrava a velha, que parecia esperar por ele. Ela o recebeu dizendo:

- O caminho que leva para o quadro de pano é difícil. Os seus irmãos maiores preferiram receber de mim uma caixinha com moedas de ouro e ir gastá-las na cidade.

- Eu não temo nada - disse o caçula- e não preciso de ouro. As moedas de ouro não irão devolver a saúde a minha mãe. Mas, que devo fazer para recuperar o quadro de brocado?

A velha explicou ao caçula o caminho que atravessava as chamas e o gelo. Também lhe disse que poderia reanimar o cavalo se arrancasse os próprios dentes e os implantasse na boca do cavalo. Mal acabara de lhe dar esta explicação, o rapaz já tinha pego uma pedra, quebrado seus dentes e implantado na boca do cavalo. O cavalo se reanimou, engoliu os dez morangos e o rapaz montou nele, partindo imediatamente, rápido como o próprio vento.

- Não se esqueça, não pode dar nenhum suspiro, mesmo que as chamas estejam queimando você ou o gelo ferindo seu corpo, senão você vai morrer! - gritou a velhinha.

Ofegante, o moço cavalgava cada vez mais para o interior de rochedos, até chegar a um lugar cheio de chamas que saíam das entranhas da terra. O rapaz incitou o cavalo e atravessou a muralha de fogo. As chamas o queimavam e o asfixiavam, mas ele não deu nenhum suspiro. Já estava achando que as chamas iam acabar com ele, quando o cavalo deu um grande salto e eles foram parar num caminho bem estreito e bem sombrio por entre os rochedos. O caçula enxugou o suor da face e respirou a plenos pulmões o ar fresco, incitando depois de novo o cavalo para continuarem a corrida. Andaram assim por muito, muito tempo, até que o rapaz começou a sentir um ar gelado. Ao longe ouvia-se um barulho estrondoso. Mais uma vez deu uma esporada no cavalo. Corriam como o vento, quando de repente o caminho estreito entre as rochas se abriu. O cavalo parou de supetão. O rapaz começou a tremer de frio. Olhando em volta, percebeu que se encontravam no meio de uma inundação marinha. Até onde a vista podia alcançar, só se via gelo. Era uma imensa geleira com enormes *icebergs* ameaçadores que se chocavam com grande estrondo. Do outro lado da geleira, avistava-se, bem longe, uma alta montanha verde, inundada pelo sol. “É a Montanha Ensolarada”, exclamou o caçula. “Rápido, meu querido cavalo, estamos quase chegando!” O cavalo, sem hesitar, jogou-se nas ondas geladas. Aquele gelo movediço queimava e feria a pele do cavaleiro, as ondas sacudiam-no e ameaçavam jogá-lo do alto do cavalo. Mas, o rapaz cerrou a boca e não deixou nenhum suspiro escapar de seus lábios. Quando já estava quase se afogando, o cavalo conseguiu alcançar a margem. O bom sol secou as roupas, cicatrizou as feridas e, antes que ele pudesse compreender o que se passava, já se encontrava no topo da montanha. Diante de seus olhos brilhava um palácio de cristal e, vindos do jardim, ouviam-se risos e cantos de umas jovens.

O rapaz entrou pelo portal de honra do pátio e apeou do cavalo. Viu na sua frente um grupo de belas moças ocupadas em tecer um pano. No meio delas encontrava-se o quadro de sua mãe. Ao perceberem o rapaz, as moças abandonaram seus teares e vieram ao seu encontro, rindo. Uma delas, bem miudinha, com um vestido vermelho, encantou-o particularmente. A seguir, uma bela dama aproximou-se do rapaz. Ela usava um vestido brilhante como os reflexos do sol no mar. Seus cabelos compridos estavam presos por um pente de ouro.

- Sou a rainha das fadas - disse. Nunca ninguém vem aqui. Por que você empreendeu esta viagem tão cheia de perigos?

- Vim à procura do quadro de pano de minha mãe - disse o rapaz. O vento trouxe-o até vocês e minha mãe ficou doente por causa disso.

- Não foi por mero acaso que o vento levou o quadro de pano de sua mãe, fomos nós que ordenamos que fizesse isso. Queríamos nos servir dele como modelo para tecermos também um lindo quadro. Se você puder emprestá-lo por mais esta noite, amanhã poderá levá-lo embora. Enquanto isso, você é nosso hóspede - falou sorrindo a rainha.'

O rapaz parecia viver um sonho. As fadas o rodearam rindo e fizeram com que provasse o néctar e a ambrosia, como convém aos imortais. Logo em seguida continuaram seu trabalho. Ficaram tecendo a tarde toda. Ao cair o crepúsculo, suspenderam no teto uma pérola que brilhava na noite, para poderem continuar tecendo até meia-noite. O rapaz estava esgotado de tantas emoções e adormeceu sem perceber. Enquanto isso, as fadinhas acabavam, uma após outra, seu trabalho no tear, indo se deitar. Somente a mais jovem ficou acordada, aquela que tinha agradado ao rapaz à primeira vista. Ela ficou olhando o quadro da mãe. Nenhuma fada tinha conseguido tecer um quadro tão lindo quanto o da mãe. Nenhum riacho brilhava tanto quanto aquele que tinha sido tecido com suas lágrimas, e nenhum sol queimava tanto quanto o que fora tecido com as lágrimas de sangue dela. A jovem olhou o rapaz adormecido e teve uma idéia. Pegou um fio e bordou no quadro da mãe uma fadinha de vestido vermelho, em pé, perto do lago, olhando para os peixes vermelhos.

O rapaz acordou à meia-noite. A sala estava vazia. Só havia lá o quadro tecido pela mãe. Ficou um pouco a admirá-lo e depois pensou: "Por que esperar até amanhã? Minha mãe está doente e seu estado piora a cada dia." Enrolou, pois, o pano, colocou o casaco, montou no cavalo e se pôs a caminho. Foi em vão que as ondas do mar lançaram nele os maiores blocos de gelo e que as chamas do vulcão tentaram engoli-lo. O rapaz não deu suspiro nenhum e, antes que pudesse se dar conta, estava na frente da casinha de pedra. A velhinha já estava espiando a sua chegada pela porta.

- Estou feliz de vê-lo de volta, meu filho. Você é um rapaz bom e valente. Você conseguiu o que queria. Eu vou devolver-lhe seus dentes.

Retirou os dentes do cavalo e os reimplantou na boca do rapaz. No mesmo instante o cavalo virou pedra.

- Pegue essas sandálias de pele de cervo - disse ainda a boa velha. Ao calçá-las, você retornará à sua casa no mesmo instante.

O rapaz agradeceu muito a boa velha pela sua ajuda, calçou as sandálias de pele de cervo e, sem saber como, foi parar na frente da casa onde tinha nascido. Uma vizinha aproximou-se ao vê-lo chegar. De cabeça baixa, disse a ele:

- É bom que você tenha voltado. Ninguém sabe o que vai acontecer com a sua mãe. Não sai mais de casa, enxerga cada vez menos. Não sei, não sei...

O rapaz entrou correndo em casa, gritando: "Olhe, mamãe, olhe logo!" E mostrou o pano que tinha guardado debaixo de seu casaco. O quarto se iluminou todo quando ele desenrolou o brocado.

Quando a mãe percebeu que o filho tinha trazido seu quadro de volta, deu um grito de alegria. No mesmo instante, estava curada. Pulou fora da cama, surpresa ao ver as forças lhe voltarem. Olhou para o quadro e, de repente, estava enxergando muito bem. Depois, rogou ao filho:

- Leve o quadro para fora, filho, para eu poder vê-lo melhor.

O filho levou o quadro até a luz exterior e o desenrolou. As cores brilhavam. De repente, houve uma ventania e o quadro foi se desenrolando mais longe, cada vez mais longe, até cobrir toda a paisagem em volta. Tão longe quanto se podia enxergar, viam-se campos de milho dourado, manadas de ovelhas, nuvens de pintinhos amarelos correndo por todo lado no meio de patinhos; um belo jardim, atravessado por um riacho, e as mais lindas flores. Tudo na natureza era como no quadro. Das casinhas prateadas saíam agora os vizinhos, maravilhados, não acreditando no milagre.

O filho pegou a mãe pela mão e a levou para o jardim. Foram devagar em direção ao lago, não se cansando de ver tantas maravilhas. De repente, o rapaz parou estupefacto, o coração batendo a mil por hora. Perto do lago estava a fadinha miudinha de vestido vermelho a lhe

sorrir.

- De onde você vem? - perguntou o rapaz.

A mocinha se pôs a rir, piscando os olhos.

- Eu me bordei no quadro de sua mãe – murmurou – e você me trouxe junto. Já que o brocado tomou vida, meu lugar também é aqui.

A mãe a olhou muito feliz.

- Temos agora uma grande casa e uma filha que me fazia falta.

A fada olhou para o rapaz, que se aproximou dela.

- Você me aceita como esposo? - perguntou baixinho.

Ela respondeu que sim com um leve sinal de cabeça.

Houve uma grande festa de casamento. Além dos vizinhos, a mãe convidou os mendigos da região. Os irmãos maiores souberam de tudo. Já fazia muito tempo que haviam gasto todas as moedas de ouro e, como estavam acostumados a serem alimentados pelos outros, tornaram-se mendigos. Mas, quando chegaram a casa e viram as mudanças que ali aconteceram, tiveram vergonha de suas roupas esfarrapadas e preferiram não entrar. Foram embora, perdendo-se no mundo.

O caçula, ao lado da mulher fada e da mãe, viveu feliz por muito tempo, numa região rica e ensolarada.

ANEXO 23: “A gata borralheira” (GRIMM, Jakob e Wilhelm. Os contos de Grimm. p. 13-23)

A mulher de um homem rico ficou doente, e quando ela sentiu que seu fim se aproximava, chamou sua única filhinha para junto do seu leito e disse:

- Filha querida, sê devota e boa; então o bom Deus sempre te valerá, e eu olharei por ti lá do céu, e estarei perto de ti.

Então ela fechou os olhos e morreu.

A moça ia todos os dias para o túmulo da mãe e chorava, e continuava devota e boa. Quando o inverno chegou, a neve cobriu o túmulo com um lenço branco, e quando na primavera o sol o tirou de novo, o homem casou-se com outra mulher.

A mulher trouxera consigo para casa duas filhas que eram bonitas e alvas de rosto, mas feias e negras de coração. E então começou uma época ruim para a pobre enteada.

- Essa bobalhona não tem de ficar na sala conosco, - diziam elas.

- Quem quer comer pão, tem de trabalhar para merecê-lo! Para fora com essa criada!

Elas lhe tomaram os bonitos vestidos, deram-lhe um avental cinzento para vestir e tamancos de pau para calçar.

- Olhem só para a bela princesa, como está enfeitada! - exclamaram elas, e levaram a moça para a cozinha.

Lá ela tinha de fazer serviços pesados desde a manhã até a noite, levantar-se antes do amanhecer, carregar água, acender o fogo, cozinhar e lavar. E ainda por cima as irmãs lhe causavam toda sorte de desgostos, zombavam dela e esparramavam as ervilhas e as lentilhas na cinza do borralho, para que ela tivesse de ficar a catá-las e separá-las de novo. A noite, cansada de trabalhar, ela não tinha cama, mas tinha que deitar nas cinzas ao lado do fogão. E porque ela, por causa disso, parecia sempre empoeirada e suja, elas a chamavam de Gata Borralheira.

Quando certo dia o pai ia viajar para uma feira, perguntou às enteadas o que elas queriam que ele lhes trouxesse.

- Lindos vestidos, - disse uma.

- Pérolas e pedras preciosas, - disse a outra.

- E tu, Gata Borralheira, - disse ele, - o que queres ganhar?

- Pai, o primeiro raminho que no caminho de volta roçar o teu chapéu, quebra-o e traze-o para mim.

Então ele comprou para as duas irmãs lindos vestidos, pérolas e pedras preciosas, e no caminho de volta, quando atravessava um mato verde, um ramo de noqueira esbarrou nele e arrancou-lhe o chapéu. Então ele quebrou o ramo e levou-o consigo.

Quando chegou em casa, deu às enteadas o que elas lhe pediram, e à Gata Borralheira ele entregou o raminho de noqueira.

Gata Borralheira agradeceu, levou o raminho para o túmulo da sua mãe e plantou-o ali, e chorou tanto, que suas lágrimas o molharam e regaram.

O ramo cresceu e transformou-se numa bela árvore. Gata Borralheira ia lá três vezes por dia, todos os dias, e chorava e rezava debaixo da árvore, e cada vez vinha um passarinho branco, pousava na árvore, e sempre que Gata Borralheira exprimia um desejo, o passarinho lhe jogava o que ela desejara.

Certa vez aconteceu que o rei deu uma festa que devia durar três dias, e para a qual todas as moças bonitas do reino foram convidadas, para que o seu filho escolhesse uma noiva dentre elas. Quando as duas irmãs ouviram que elas também eram convidadas, ficaram alegres e contentes, chamaram Gata Borralheira e disseram:

- Penteia nossos cabelos, escova nossos sapatos e aperta nossos colchetes; nós vamos à mostra de noivas no palácio real.

Gata Borralheira obedeceu, mas chorou, porque também gostaria de ir ao baile, e pediu à madrasta que a deixasse ir.

- Tu, Gata Borracheira - disse ela, - coberta de pó e sujeira, queres ir à festa? Não tens vestidos nem sapatos e queres dançar?

Mas como a moça não parava de suplicar, ela disse por fim:

- Derramei uma bacia de lentilhas nas cinzas; se separares as lentilhas em duas horas, poderás vir conosco.

A moça saiu pela porta dos fundos, correu para o jardim e chamou:

- Pombinhas mansas, rolinhas brancas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham ajudar-me a catar as lentilhas,

"as boas no potinho,
as ruins no buchinho".

Então vieram voando e entraram pela janela da cozinha duas pombinhas brancas e atrás delas as rolinhas, e finalmente todos os passarinhos debaixo do céu entraram rufando as asinhas e pousaram nas cinzas do borralho. E as pombinhas baixaram as cabecinhas e começaram, pic-pic-pic, e os outros também, pic-pic-pic, a bicar, e a pôr todas as lentilhas boas na bacia. E mal passou uma hora, eis que eles terminaram tudo e voaram embora. Então a moça levou a bacia para a madrastra, muito contente, pensando que agora poderia ir à festa.

Mas a madrastra falou:

- Não, Gata Borracheira, tu não tens roupa e não sabes dançar; todo mundo só vai caçoar de ti.

E quando a moça chorou de novo, ela disse:

- Se puderes catar das cinzas e escolher duas bacias de lentilhas em uma hora, então poderás vir, - e pensou: "Isto ela nunca vai conseguir".

Quando ela derramou as duas bacias de lentilhas nas cinzas, a moça saiu correndo pela porta dos fundos para o jardim e chamou:

- Pombinhas mansas, rolinhas brancas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham ajudar-me a catar as lentilhas,

"as boas no potinho,
as ruins no buchinho".

Então vieram voando e entraram pela janela da cozinha duas pombas brancas e atrás delas as rolinhas, e finalmente todos os passarinhos debaixo do céu entraram rufando as asinhas e pousaram nas cinzas do borralho. E as pombinhas baixaram as cabecinhas e começaram, pic-pic-pic, e os outros também, pic-pic-pic, a bicar e a pôr todas as lentilhas boas nas bacias. E antes que passasse meia hora, eles terminaram tudo e voaram todos embora. Então a moça levou as bacias para a madrastra, contentíssima, pensando que agora podia ir junto com elas para a festa.

Mas a malvada mulher falou:

- Nada disso vai te adiantar; não virás conosco, porque não tens vestido e não sabes dançar; nós ficaríamos com vergonha de ti.

E com isso ela virou as costas à moça e saiu apressada junto com as suas filhas orgulhosas.

Quando, então, não estava mais ninguém em casa, Gata Borracheira foi para o túmulo da sua mãe debaixo da noqueira e falou:

"Sacode teus ramos, querida noqueira,
Joga ouro e prata sobre a borralheira".

Então o passarinho jogou-lhe um vestido de ouro e prata, e sapatinhos bordados de seda e prata. Sem perda de tempo, Gata Borracheira vestiu-se e foi para a festa. As irmãs e a madrastra

não a reconheceram e pensaram que ela era uma princesa estrangeira, tão linda ela estava no seu vestido de ouro. Elas nem pensaram na Gata Borracheira, achando que ela estava em casa, na cozinha, catando lentilhas nas cinzas do fogão.

O filho do rei veio ao seu encontro, tomou-a pela mão e dançou com ela. Ele não quis, dali em diante, dançar com mais ninguém, e não soltava a mão da moça, e quando vinha outro para convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

Gata Borracheira dançou até anoitecer, então ela quis ir para casa. Mas o filho do rei falou:

- Eu vou junto para te acompanhar, - pois ele queria ver onde era a casa da bela moça.

Ela porém escapou dele e se escondeu dentro do pombal. Então o príncipe esperou até que chegasse o seu pai e lhe disse que a moça estranha pulara para dentro do pombal. O velho pensou: "Será que não é a Gata Borracheira?", e tiveram de trazer-lhe a machadinha para ele poder rachar o pombal; mas dentro não havia ninguém.

Quando a madrasta e suas filhas voltaram, Gata Borracheira estava deitada nas cinzas, com suas roupas sujas, e uma pequena lâmpada de azeite ardendo tristemente sobre o fogão - pois Gata Borracheira pulara ligeira pela parte detrás do pombal e correrá para a noqueira do cemitério. Lá ela deixara suas lindas roupas sobre o túmulo, e o passarinho as levava embora; e ela voltara para o seu borralho, na cozinha, com o seu velho avental cinzento.

No dia seguinte, quando a festa recomeçou e os pais e as irmãs já tinham saído, Gata Borracheira foi até a noqueira e disse:

"Sacode teus ramos, querida noqueira,
Joga ouro e prata sobre a borralheira".

Então o pássaro jogou-lhe um vestido ainda mais imponente que o da véspera. E quando a moça apareceu na festa com aquele vestido, todo mundo se espantou com a sua beleza. O príncipe porém já esperava por ela, e tomou-a logo pela mão e só dançou com ela. Quando os outros vinham convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

Quando a noite caiu, ela quis ir embora, e o príncipe a seguiu, pois queria ver a casa onde ela entraria, mas ela lhe escapou e fugiu para o jardim atrás da casa. Ali havia uma árvore grande e formosa, carregada de lindas pêras. Gata Borracheira subiu por entre os galhos, ágil como um esquilininho, e o príncipe não sabia onde ela foi parar.

Mas ele esperou até que chegasse o pai e lhe disse:

- A moça estranha fugiu de mim, e acho que ela pulou na pereira.

O pai pensou: "Será que não é a Gata Borracheira?" - Mandou buscar a machadinha e derrubou a árvore, mas não havia ninguém nela.

Quando as outras voltaram, Gata Borracheira estava deitada lá nas cinzas, como sempre, porque ela pulara ao chão do outro lado da árvore, devolvera as lindas roupas ao pássaro da noqueira, e vestira o seu avental cinzento.

No terceiro dia, quando os pais e as irmãs já tinham saído, Gata Borracheira voltou para o túmulo da mãe e disse à arvorezinha:

"Sacode teus ramos, querida noqueira,
Joga ouro e prata sobre a borralheira".

Desta vez o pássaro lhe jogou um vestido que era tão suntuoso e cintilante como nenhum dos anteriores, e os sapatinhos eram de ouro puro. Quando ela chegou à festa naquele vestido, todo mundo ficou sem palavras, tal era o espanto. O príncipe só dançou com ela, e quando alguém vinha convidá-la, ele dizia:

- Esta dançarina é minha.

E quando anoiteceu, Gata Borracheira quis ir embora, e o príncipe queria acompanhá-la, mas ela lhe escapou tão ligeira que ele não conseguiu segui-la. Mas o príncipe usara de ardil,

mandando untar com piche a escadaria inteira. E então, ao fugir, o sapatinho esquerdo da moça ficou grudado num degrau.

O príncipe levantou-o, e era pequenino e gracioso e todo de ouro. No dia seguinte ele foi ao seu pai e lhe disse:

- Nenhuma outra será minha esposa a não ser aquela em cujo pé couber este sapatinho de ouro.

Então as duas irmãs ficaram muito contentes, porque tinham pés bonitos. A mais velha entrou no quarto e quis experimentar o sapatinho, e sua mãe ficou junto dela. Mas ela não conseguiu fazer caber nele o dedão do pé. Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

- Corta fora esse dedão! Quando fores rainha, não precisarás mais andar a pé.

A moça decepou o dedo, forçou o pé para entrar no sapatinho, disfarçou a dor e saiu ao encontro do príncipe. Então ele a pôs como noiva no seu cavalo e partiu com ela. Mas eles tinham de passar pelo túmulo, onde as duas pombinhas estavam pousadas na nogueira, e elas cantaram:

"Purr-purr, purr-purr, purrinho, 1 Sangue no sapatinho,
Não cabe no seu pé, 1 A noiva esta não é".

Então o príncipe olhou para o pé e viu o sangue escorrendo. Ele fez o cavalo dar meia-volta, devolveu a falsa noiva à casa e disse que ela não era a certa, e que a outra irmã provasse o sapato. Então esta entrou no quarto, e conseguiu enfiar os dedos do pé, mas o calcanhar era grande demais. Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

- Corta fora um pedaço do calcanhar! Quando fores rainha, não precisarás mais andar a pé.

A moça decepou um pedaço do calcanhar, forçou o pé no sapato, disfarçou a dor e saiu ao encontro do príncipe. Então ele a pôs no seu cavalo como sua noiva e partiu com ela. Quando eles passaram pela nogueira, lá estavam as duas pombinhas, que cantaram:

"Purr-purr, purr-purr, purrinho, Sangue no sapatinho,
Não cabe no seu pé, A noiva esta não é".

Ele olhou de novo para o seu pé e viu o sangue escapando e subindo pela meia branca, toda vermelha. Então ele fez o cavalo voltar e devolveu a falsa noiva à sua casa.

- Esta não é a certa, - disse ele, - a senhora não tem outra filha?

- Não, - disse o marido; - só da minha esposa falecida temos aqui uma pequena e insignificante Gata Borracheira; não é possível ser ela a noiva.

O príncipe disse que a mandassem subir mas a madrasta respondeu:

- Oh, não, a moça é muito sujinha, ela não pode se mostrar a ninguém.

Mas ele queria vê-la de qualquer forma, e tiveram de chamar a Gata Borracheira. Então ela lavou as mãos e o rosto, apareceu e curvou-se diante do filho do rei, que lhe estendeu o sapatinho de ouro.

Aí ela sentou-se sobre um banquinho, tirou o pé do pesado tamanco de madeira e enfiou-o no sapatinho, que se adaptou com perfeição. E quando ela se levantou, e o príncipe a fitou no rosto, reconheceu a bela moça que dançara com ele, e exclamou:

- Esta é a noiva verdadeira!

A madrasta e as duas irmãs se assustaram e empalideceram de raiva. Ele porém pôs a Gata Borracheira sobre o seu cavalo e partiu com ela.

E quando eles passaram pela nogueira, as duas pombinhas brancas arrulharam:

"Purr-purr, purr-purr, purrinho, Sem sangue no sapatinho,
que coube no seu pé,

ANEXO 24: “O castelo de Soria Moria” (AUBERT, Francis Henrik. Novas Aventuras de Askeladen, p. 41-59)

Era uma vez um casal que tinha um filho e seu nome era Halvor. Desde pequeno, nunca quis ocupar-se de nada, e passava o dia inteiro cutucando as brasas e as cinzas da lareira. Os pais bem que tentaram encaminhá-lo na vida, e puseram-no de aprendiz em tudo quanto é ofício; mas Halvor não conseguia ficar por muito tempo num mesmo lugar e, passados dois ou três dias, sempre dava um jeito de fugir e voltar para casa, só para instalar-se de novo junto à lareira e voltar a cutucar as cinzas.

Um belo dia, porém, passou por lá o comandante de um navio e, depois de saber da história do garoto, perguntou a Halvor se ele não gostaria de ir com ele viajar pelos mares e conhecer novas terras. Halvor logo animou-se com a proposta, e não demorou para juntar as suas poucas coisas e acompanhar o velho lobo do mar.

Por quanto tempo viajaram não se sabe ao certo. Mas o que se sabe é que, depois de uma longa travessia, foram surpreendidos por uma violenta tempestade e, quando finalmente a borrasca cedeu lugar à calmaria, ninguém sabia onde estavam; os fortes ventos haviam impelido o navio para junto de uma costa desconhecida de todos.

Como a calmaria estivesse tão absoluta que nem uma pena se movesse, ficaram ancorados por lá, e Halvor pediu ao comandante licença para ir em terra e dar uma olhada, pois preferia caminhar e esticar as pernas a ficar por ali deitado, dormindo.

- E você acha que você está apresentável desse jeito? - disse o capitão - você só tem esses trapos todos rotos!

Mas Halvor ficou na dele e, depois de muito teimar, acabou obtendo a licença, desde que retornasse assim que o vento voltasse a soprar. Então, pegou um pequeno bote, remou até a praia e começou a sua caminhada. Viu logo que era uma terra muito boa; por todo canto havia grandes áreas com pastos e campos cultivados; mas não havia viv'alma com quem pudesse conversar e saber mais sobre aquele lugar. Daí a pouco, começou a soprar uma brisa, mas Halvor achou que não havia ainda visto tudo o que queria, e resolveu caminhar mais um pouco para ver se encontrava alguém.

Não demorou muito, Halvor chegou a uma grande estrada, tão lisa que teria sido possível rolar um ovo sobre o seu leito. Halvor tomou a estrada e, quando já estava para anoitecer, percebeu ao longe um grande castelo, todo iluminado. Havia caminhado o dia inteiro e, como não tivesse lembrado de trazer sequer um naco de pão consigo, estava trespessado de fome. Mas, quanto mais se aproximava do castelo, mais receoso foi ficando.

No castelo, o fogo estava aceso, e Halvor entrou pela porta da cozinha. Esta cozinha era tão linda que nem parecia ser a cozinha que era; panelas e travessas, tudo era de ouro e de prata, mas não havia uma única pessoa no lugar. Depois de ficar sentado um tempo, esperando que alguém aparecesse, foi até uma porta e abriu-a; e, do outro lado, viu uma princesa sentada, fiando em uma roca.

- Mas não é possível! - exclamou ela - Como é que foi aparecer um cristão nesse fim-de-mundo? Mas é melhor você ir embora bem ligeirinho, senão o *Troll* pode vir te devorar; porque aqui mora um *troll* de três cabeças.

- Por mim poderia ter quatro, seria muito divertido conhecer um sujeito desses - disse o rapaz - e não me vou embora daqui não, não fiz mal a ninguém e quem não deve não teme; mas me dê um pouco de comida, por favor, porque estou com a barriga roncando.

Depois de Halvor ter-se alimentado, a princesa quis que ele experimentasse a espada que estava pendurada na parede; mas, por mais que tentasse, não conseguia sequer erguê-la do gancho.

- Bem - disse a princesa - então você vai ter que tomar um gole daquela garrafa que está pendurada ao lado da espada, porque é isso que o *Troll* sempre faz quando vai sair e usar a sua arma.

Halvor tomou um gole e imediatamente sentiu-se forte o suficiente para manipular a espada como se fosse uma vara fina. "Agora", pensou ele, "o *Troll* pode vir quando quiser.

Nem bem esse pensamento cruzou-lhe a mente, e chegou o *Troll*, fazendo uma barulheira daquelas. Halvor ficou encostado na parede, ao lado da porta, para não ser visto de imediato.

- *Que nojo! Aqui tem cheiro de sangue cristão!* - reclamou o *Troll*, enfiando as três cabeças porta adentro.

- E, mas esse cheiro não vai mais te incomodar - disse Halvor e, de um só golpe, cortou-lhe todas as cabeças.

A princesa ficou tão feliz de ter sido salva, que começou a dançar e a cantarolar; mas logo lembrou-se de suas irmãs e disse:

- Quem dera que as minhas irmãs também estivessem libertas!

- E onde estão elas? - perguntou Halvor.

E a princesa contou a Halvor que uma das suas irmãs era prisioneira de um *troll* que morava em um castelo a seis léguas dali, e outra havia sido raptada por um *troll* cujo castelo ficava mais nove léguas adiante.

- Mas, primeiro, você tem que me ajudar a tirar aquela carcaça dali - disse a princesa.

E Halvor, ainda forte da poção mágica do *Troll*, ajeitou tudo e deixou tudo limpo e arrumado em três tempos.

Halvor passou uma noite boa e alegre e, na manhã seguinte, saiu ao alvorecer. Estava ansioso por chegar, e andou e correu o dia inteiro. Ao divisar ao longe o castelo, sentiu, de novo, um certo medo; era muito mais bonito que o outro, mas, aqui também, não havia viv'alma a ver ou ouvir. Halvor entrou, então, pela porta da cozinha, e não demorou por lá, mas foi passando diretamente para a sala.

- Não acredito no que estou vendo! - exclamou a princesa que se encontrava na sala, fiando em uma roca. - Nem me lembro de há quanto tempo estou presa aqui, mas, desde que cheguei, nunca mais vi um cristão. E melhor você ir logo embora, porque aqui mora um *troll* de seis cabeças!

- Pois não me vou nem que tivesse mais outras seis! - disse Halvor.

- Olhe que ele te pega e engole vivo! - preveniu a princesa.

Mas de nada adiantou. Halvor não iria embora, não tinha medo de *troll* algum. A única coisa que ele queria, no momento, era um pouco de comida e de bebida, pois estava faminto após a sua longa caminhada.

E a princesa providenciou tudo o que Halvor queria. Mas, depois da janta, a princesa insistiu, mais uma vez, para que ele se fosse dali.

- Não - disse Halvor - eu não me vou embora daqui não, não fiz mal a ninguém e quem não deve não teme.

- Não é disso que o *Troll* vai querer saber quando ele chegar - disse a princesa -, ele te agarra e te trucidado primeiro. Mas, já que você é teimoso e não quer mesmo ir embora, veja se consegue segurar a espada que o *Troll* usa na guerra.

Halvor aplicou toda a força que tinha, mas a espada nem se soltou do gancho. A princesa disse-lhe, então, que deveria tomar um gole da garrafa pendurada ao lado da espada, e, depois de um bom trago, Halvor conseguiu manusear a arma como se fosse de brinquedo.

De repente, o *Troll* apareceu, e era tão grande e tão cheio de cabeças que tinha que entrar de lado para poder passar de um cômodo a outro. Ao enfiar a primeira pela porta da sala adentro, exclamou, indignado:

- *Que nojo! Aqui tem cheiro de sangue cristão!*

Imediatamente, Halvor cortou-lhe a primeira cabeça e, a seguir, todas as outras, à medida que passavam pela porta. A princesa ficou tão feliz que nem sabia mais em que perna apoiar-se. Mas veio então a lembrança de suas irmãs, e desejou que elas também pudessem ser libertadas. Halvor ponderou que para isso se dava um jeito e quis sair o quanto antes; mas, primeiro, teve que ajudar a princesa a livrar-se da carcaça do *Troll*; e, na manhã seguinte, retomou a sua caminhada.

O caminho até o terceiro castelo era longo, e Halvor teve que andar num trote contínuo para poder chegar em tempo. Ao anoitecer, viu, ainda ao longe, o castelo, e esse era ainda mais bonito do que os outros. Agora já não sentia quase medo algum, mas entrou direto pela cozinha e de lá para a sala, onde encontrou uma princesa, sentada junto a uma roca, e que era tão linda que era um despropósito.

Como as outras, essa princesa também se surpreendeu com a chegada de Halvor, comentou que nunca havia visto um único cristão desde que fora raptada e levada para lá, e pediu que o rapaz fosse embora, caso contrário o *Troll* o comeria vivo; afinal, esse *troll* tinha nove cabeças!

- Ora, se tivesse outras nove e mais duas vezes nove cabeças, mesmo assim eu não iria embora - disse Halvor, e postou-se diante da lareira.

A princesa insistiu com Halvor, suplicou que pusesse a salvo a sua vida, mas o rapaz ficou na dele, dizendo:

- Pois que venha quando quiser!

Então, vendo que não havia outro jeito, a princesa deu-lhe a espada do *Troll* e um gole da garrafa pendurada na parede ao lado da arma, para que Halvor pudesse usá-la.

E estavam ainda discutindo se seria possível acabar com o *Troll* quando o próprio chegou num repente, fazendo uma barulheira infernal. E esse era mais alto, mais largo e mais cabeçudo do que todos os outros e também tinha que andar de lado para atravessar a porta.

- *Que nojo! Aqui tem cheiro de sangue cristão!* - trovejou a primeira cabeça do *Troll*. Imediatamente, Halvor decepou-a, e, a seguir, todas as outras cabeças, uma por uma, mas a última foi a mais difícil; na verdade, foi o trabalho mais duro que o rapaz já havia enfrentado em toda a sua vida.

Então, todas as princesas se reuniram no terceiro castelo e estavam tão felizes como nunca antes haviam estado, e, como gostassem muito do Halvor e Halvor delas, ele poderia escolher entre as três qual queria para si; mas a mais nova era a que mais gostava dele.

Passados alguns dias, porém, Halvor foi ficando sorumbático, silencioso; então as princesas lhe perguntaram o que havia de errado, se estava sentindo falta de alguma coisa, se não gostava de estar com elas. Sim, ele estava muito contente de estar com elas, tinham mais do que o necessário para viverem bem, e tudo estava muito bom, mas ele sentia falta de casa, tinha pai e mãe que, tanto quanto soubesse, ainda eram vivos, e estava com muita vontade de revê-los. As princesas logo responderam que para isso havia remédio e que "você irá e voltará sem perigo e sem se machucar, se seguir os nossos conselhos". Claro, ele nem pensaria em ir contra qualquer recomendação de suas queridas amigas. Então vestiram-no com as melhores roupas, deixaram-no lindo como o filho de um rei e puseram um anel em seu dedo. E com esse anel era só desejar estar em algum lugar que ele seria transportado imediatamente para lá. Mas as princesas avisaram Halvor que não deveria perder o anel e nem falar delas para quem quer que fosse, senão seria o fim de toda a festa e ele nunca mais as veria.

- Quisera eu estivesse em casa e que minha casa fosse aqui! - disse Halvor e, conforme o seu desejo, assim foi; estava diante da porta da choupana de seus pais antes que pudesse piscar os olhos. Já estava escurecendo, e, quando viram entrar um forasteiro tão formoso e tão bem apessoado, ficaram ambos atrapalhados e começaram, um pouco desajeitados, a fazer todas as medidas que conheciam.

Halvor perguntou se não poderia ter abrigo na casa deles por uma noite.

Não, não, isso não seria possível:

- Não temos nada aqui que possa servir a uma pessoa tão fina e tão importante; o melhor é Vosmecê continuar até a sede da fazenda; não fica muito longe daqui. Espiando entre as árvores se pode ver a chaminé, e lá eles têm de um tudo para bem acomodar gente de bem.

Halvor não ficou muito animado com a proposta; apesar de toda a gentileza, ele insistiu em ficar. Mas os seus velhos pais, que ainda não o haviam reconhecido, teimaram que ele deveria ir até a fazenda, pois lá podiam lhe providenciar do que comer e do que beber, enquanto eles não tinham sequer uma cadeira para lhe oferecer.

- Não - disse Halvor - para lá só vou amanhã pela manhã. Deixe-me passar a noite aqui, eu me acomodo junto à lareira.

Não havia como negar o pedido a um cavalheiro tão distinto, e Halvor sentou-se junto à lareira e começou a cutucar as brasas e as cinzas, como fazia quando morava em casa e não se ocupava de nada.

Conversaram sobre muitas coisas e contaram a Halvor muitos “causos” da aldeia; e, por fim, o rapaz perguntou-lhes se não haviam tido filhos.

Sim, tiveram um filho, que se chamava Halvor, mas não sabiam por onde andava, nem sequer se era vivo ou morto.

- E não poderia ser eu esse seu filho? - indagou Halvor.

- Até parece! - disse a velha, levantando-se - Aquele Halvor era tão preguiçoso, tão sem vontade de nada, e andava com uns trapos de dar dó; um desses nunca poderia ter virado um lorde como o senhor.

Daí a pouco a velha foi até a lareira colocar mais um pouco de lenha e, quando a brasa iluminou mais forte o rosto de Halvor, a mãe finalmente o reconheceu.

- E não é que é você mesmo, Halvor!? - disse ela, e os dois velhinhos ficaram tão alegres como se o Natal houvesse chegado mais cedo; e Halvor teve que contar tudo o que lhe havia acontecido. A mãe não cabia em si de contente e quis ir imediatamente até a sede da fazenda para mostrar o seu garoto às filhas do fazendeiro, que sempre haviam sido tão orgulhosas e de nariz tão empinado.

A mãe foi à frente, e Halvor, atrás. Ao chegarem, a mãe entrou primeiro e foi logo contando que Halvor havia voltado para casa e que precisavam ver como estava bonito; mais parecia um príncipe, disse a velha.

- Pois sim! - troçaram as moças. - Deve estar o mesmo vagabundo de sempre.

Foi então que Halvor entrou na sala, e as moças ficaram tão embaçadas que esqueceram junto à lareira o saco que estavam usando para catar piolhos umas do cabelo das outras e saíram correndo em suas camisolas. Quando voltaram, estavam tão envergonhadas que nem ousavam encarar o Halvor, ao qual sempre haviam tratado com o maior desprezo.

- Pois é, as distintas senhoritas sempre se achavam tão belas e bonitas que ninguém poderia se comparar a vocês. Mas deviam ter visto a princesa mais velha que eu salvei - disse Halvor -, perto delas as moças não passam de umas pastoras de cabras, e a do meio é ainda mais bonita; mas a mais nova, que é a minha namorada, é mais bela que o sol e a lua; quisera que estivessem aqui agora, para que pudessem ver com seus próprios olhos.

Nem bem ele havia pronunciado essas palavras e lá estavam as três princesas. E Halvor caiu, então, em si, pois lembrou-se - tarde demais - das recomendações que recebera ao lhe darem o anel. Na casa da fazenda fizeram muita festa em torno das princesas; mas as princesas não queriam ficar na casa-grande.

- Queremos visitar os seus pais - disseram a Halvor - e depois vamos dar uma volta por aí, para conhecer o lugar.

E Halvor acompanhou-as. A caminho, passaram por um grande lago, próximo à fazenda. E, junto a esse lago, havia uma colina muito bonita. As princesas quiseram sentar-se para descansar um pouquinho, porque era tão gostoso ficar contemplando aquela água tranqüila, no meio de tanto verde e tantas flores campestres.

E acomodaram-se na relva. Passados alguns minutos, a princesa mais nova disse:

- Venha, Halvor, deixe-me lhe fazer um cafuné.

E Halvor apoiou a cabeça em seu colo; a princesa fez-lhe o cafuné prometido e não demorou para Halvor cair no sono. Então, ela tirou o anel que o rapaz ainda tinha no dedo, colocou um outro em seu lugar e disse às irmãs:

- Segurem-me as mãos, como eu seguro as de vocês... e que possamos estar agora no castelo de Soria Moria!

Quando Halvor acordou, entendeu logo que havia perdido as princesas, e desandou a chorar e a se lamentar, e estava tão inconsolável que nada conseguia sossegá-lo. Por mais que

seus pais suplicassem, não quis ficar. Despediu-se e disse que talvez jamais viesse a revê-los porque, se não encontrasse as princesas, a vida não valeria mais a pena ser vivida.

Halvor tinha ainda consigo uns trezentos *thalers*. Colocou o dinheiro no bolso e pôs-se a caminho. Depois de andar um bom pedaço, encontrou um fazendeiro com uma bela montaria; quis comprar o cavalo e começou a negociar com o cavaleiro.

- Bem, para falar a verdade eu não tinha pensado em vendê-lo - disse o fazendeiro. - Agora, se a gente chegar a um acordo...

Halvor perguntou-lhe quanto queria pelo animal.

- Não paguei muito por ele, e nem ele vale grande coisa; é bom de montaria, mas ruinzinho para puxar o arado. Mas acho que ele dá conta de você e de sua mochila, se você de vez em quando andar do lado dele.

Por fim, acertaram o preço, Halvor colocou a mochila no lombo do cavalo, e ora andava do lado, ora montava na garupa. À noite, chegou a uma clareira toda coberta de capim e, no meio da clareira, havia uma grande árvore, debaixo da qual se instalou. Soltou, então, o cavalo, e pegou a mochila para fazer uma boquinha. Ao raiar do dia, retomou logo a sua viagem, pois estava inquieto e impaciente para prosseguir em sua busca. E foi andando e cavalgando o dia inteiro, através de uma imensa floresta, entremeada de clareiras docemente iluminadas pelos raios de sol que passavam por entre os pinheiros. Não sabia onde estava nem para onde o caminho o levava, mas não se deu o direito de descansar mais do que o tempo certo para o cavalo pastar um pouco enquanto ele buscava algum alimento em sua mochila, cada vez que chegavam a uma das clareiras. E assim foi indo, andando e cavalgando, e a floresta parecia não ter fim.

Ao anoitecer do segundo dia, porém, percebeu uma luz entre as árvores. "Quem sabe tem gente acordada, para que eu possa me aquecer e comer alguma coisa!", pensou Halvor.

Ao aproximar-se, viu que era um pobre casebre e, pela vidraça, percebeu um casal idoso lá dentro. Eram realmente muito velhos; seus cabelos eram de um branco desmaiado, e a velha tinha um nariz tão comprido que, ao sentar-se junto à lareira, usava o nariz para cutucar e avivar as brasas.

- Boa noite - disse Halvor, entrando.

- Boa noite - disse a velha. - Mas o que é que você vem fazer nesse fim de mundo? perguntou. - Vai para mais de cem anos que não passa um cristão por aqui.

E Halvor contou que estava à busca do castelo de Soria Moria e perguntou se ela conhecia o caminho até lá.

- Não - disse a velha - nunca me dei conta de que existisse um caminho até Soria Moria. Mas, daqui a pouco, a Lua vai sair, eu pergunto para ela e ela deve saber, porque brilha em tudo quanto é lugar.

Quando a Lua apareceu, toda radiante e prateada por sobre as copas dos pinheiros, a velha saiu e bradou:

- Lua! ó Lua! Pode-me dizer o caminho que leva até o castelo de Soria Moria?

- Não - respondeu a Lua - não sei-lhe dizer onde fica. A única vez que fui brilhar por lá, veio uma nuvem e escondeu tudo de mim.

- Não tem importância. Vamos esperar mais um bocadinho só - disse a velha a Halvor. - Daqui a pouco o Vento Oeste deve passar por aqui e ele deve saber o caminho, porque sopra por tudo quanto é canto.

- Ora, ora, você tem até um cavalo? - continuou a velha, reparando no animal de Halvor. - Solte a criatura aí no pasto, não deixe que o coitado fique amarrado aí na porteira, passando fome. Mas, me diga uma coisa, não gostaria de fazer uma troca? Nós temos umas botas velhas aqui, com as quais você pode andar meia légua a cada passo; eu lhe dou as botas em troca do seu cavalo, assim você chega mais cedo em Soria Moria.

Halvor achou a proposta vantajosa, e a velha ficou tão feliz de ganhar um cavalo que estava a ponto de ensaiar uns passos de dança "porque agora eu também vou poder ir à missa montada", explicou.

Halvor não conseguia controlar a sua impaciência e queria logo ir andando, mas a velha disse-lhe que não havia pressa.

- Deite-se aí no banco e tire uma pestana, seu moço, eu cuido de ficar esperando o Vento Oeste.

De repente, o Vento Oeste apareceu, num sopro forte de fazer gemerem as paredes. A velha saiu.

- Vento Oeste! ó Vento Oeste! Sabe me dizer o caminho que leva até o castelo de Soria Moria? Aqui tem um vivente que quer chegar lá.

- Sei muito bem - disse ele. - Estou mesmo indo para lá para secar a roupa para uma festa de casamento; se for bom das pernas esse seu vivente, pode-me acompanhar na viagem.

E o Halvor saiu.

- Se quer companhia, vai ter que se apressar - disse o Vento Oeste, e saiu em disparada sobre morros, colinas, montanhas e corredeiras; e, apesar das botas que recebera em troca do cavalo, Halvor teve que puxar muito para não ficar para trás.

Passado um bom tempo e uma longa correria, chegaram a uma encruzilhada. O Vento Oeste deu uma parada e disse:

- Bem, não posso mais lhe fazer companhia. Tenho que subir aí pelo outro vale derrubar um trecho de floresta antes de ir encontrar as lavadeiras e secar a roupa. Mas vá seguindo pela trilha ao longo daquele morro e você vai acabar encontrando, logo acima da cascata, umas moças que estão lavando roupa no riacho. Aí você estará bem perto do castelo de Soria Moria.

Pouco depois, Halvor encontrou as lavadeiras na sua faina, e elas lhe perguntaram se por acaso ele não teria visto o Vento Oeste, que havia sido chamado para vir secar as roupas para o casamento.

- Sim - respondeu Halvor - ele foi logo ali derrubar um trecho de floresta, não demora nada para aparecer. - E aproveitou para perguntar o caminho até o castelo de Soria Moria.

Quando chegou perto do castelo, viu que o pátio estava congestionado de cavalos e de gente. Mas Halvor estava muito desalinhado e maltrapilho por ter acompanhado o Vento Oeste no meio de tantos arbustos, espinheiros e rochas, e ficou num canto, sem querer se mostrar muito, até o último dia, na hora do jantar de gala.

Quando, como era o costume, foram beber à despedida de solteira da noiva, o mestre-de-cerimônias teve que beber um trago com cada um, com o noivo, com a noiva, com os cavaleiros e escudeiros; e acabou chegando a vez de beber com Halvor. Halvor esvaziou o cálice, soltou nele o anel que a princesa havia posto em seu dedo enquanto dormia junto ao lago, e pediu ao mestre-de-cerimônias que cumprimentasse a noiva da parte dele e lhe entregasse o anel. Imediatamente, a princesa levantou-se da mesa.

- Quem melhor do que ninguém fez por merecer ficar com uma de nós - perguntou ela - aquele que nos salvou ou aquele que hoje está aqui de noivo?

Todos concordaram que só havia uma resposta possível a essa pergunta e, quando Halvor ouviu isso, não demorou em trocar os trapos que lhe cobriam o corpo por uma vestimenta de festa.

- Sim, é esse o verdadeiro noivo! - exclamou a princesa mais moça quando o viu, despachou o outro sem sequer um "até logo" e celebrou o seu casamento com Halvor.